



ANJOS LEVADOS

Percursos e circuitos juvenis em tempos de misturas

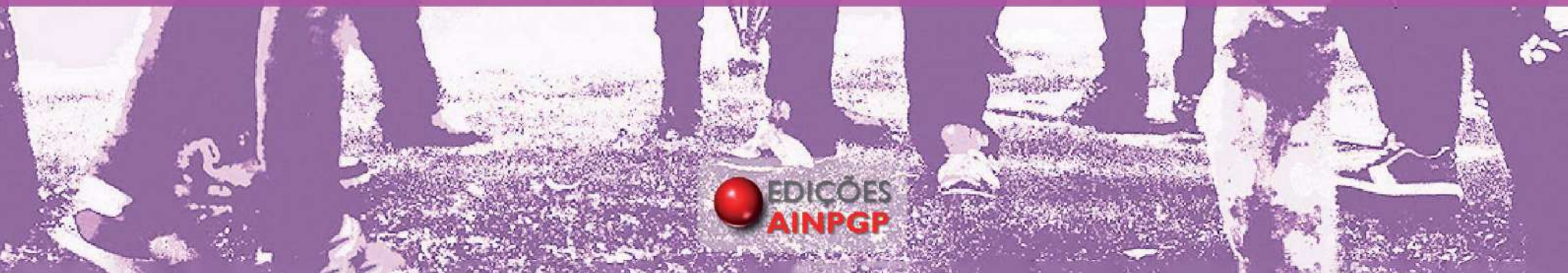
ALEXANDRE MARTINS JOCA

 EDIÇÕES
AINPGP



Anjos Levados:

Percursos e circuitos juvenis em “tempos de misturas”



CONSELHO EDITORIAL
(NACIONAL E INTERNACIONAL)

Prof. Dr. Afonso Welliton de Sousa Nascimento (UFPA)
Prof. Dr. Allan Solano Souza (UERN)
Prof. Dr. Alexandre Augusto Cals de Souza (UFPA)
Prof. Dr. Benedito Gonçalves Eugênio (UESB)
Prof. Dr. Bertulino José de Souza (UERN)
Prof^ª. Dr^ª. Cyclene Alves da Silva (UERN)
Prof^ª. Dr^ª. Cristiane Maria Nepomuceno (UEPB)
Prof^ª. Dr^ª. Diana Paula de Souza Rego Pinto Carvalho (UERN)
Prof. Dr. Eduardo Jorge Lopes da Silva (UFPB)
Prof. Dr. Ernano Arraias Junior (UFERSA)
Prof^ª. Dr^ª. Franselma Fernandes de Figueirêdo (UFERSA)
Prof^ª. Dr^ª. Francileide Batista de Almeida Vieira (UFRN)
Prof. Dr. Giann Mendes Ribeiro (UERN)
Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza (UERN/FAPERJ)
Prof. Dr. Glaydson Francisco Barros de Oliveira (UFERSA)
Prof^ª. Dr^ª. Kássia Mota de Sousa (UFCEG)
Prof^ª. Dr^ª. Maria da Paz Cavalcante (UERN)
Prof^ª. Dr^ª. Maria Eliete de Queiroz (UERN)
Prof^ª. Dr^ª. Ivana de Oliveira Gomes e Silva (UFPA)
Prof. Dr. Ivanildo Oliveira dos Santos (UERN)
Prof. Dr. José Amiraldo Alves da Silva (UFCEG)
Prof^ª. Dr^ª. Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra (UERN)
Prof. Me. Luís Filipe Rodrigues (Universidade de Santiago/Cabo Verde)
Prof. Dr. Luís Tomás Domingos (Moçambique/UNILAB/Brasil)
Prof. Dr. Marcelo Vieira Pustilnik (UFES)
Prof^ª. Dr^ª. Maria do Socorro Maia F. Barbosa (UERN)

Prof. Dr. Miguel Henrique da Cunha Filho (UERN)
Prof. Dr. Rosalvo Nobre Carneiro (UERN)
Prof^ª. Dr^ª. Sandra Meza Fernández (Universidade do Chile/Chile)
Prof^ª. Dr^ª. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão (UEPB)
Prof^ª. Dr^ª. Simone Cabral Marinho dos Santos (UERN)

Projeto Gráfico

Carlos Alberto A. Dantas / Daniel Batata

Capa / Diagramação

Daniel Batata

Editoração

Associação Internacional de Pesquisa na Graduação – AINPGP

As fotografias que constam nesta obra foram produzidas pelo autor durante a pesquisa de campo que dá origem ao livro, pertencendo, portanto ao seu acervo fotográfico.



Alexandre Martins Joca

ANJOS LEVADOS:

Percursos e circuitos juvenis em “tempos de misturas”



CAJAZEIRAS - PB
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Joca, Alexandre Martins

Anjos levados: percursos e circuitos juvenis em tempos de misturas [recurso eletrônico] / Alexandre Martins Joca. Cajazeiras/PB: Edições AINPGP, 2021.

142 p.

ISBN: 978-65-87527-04-8

1. Interação juvenil. 2. Pesquisa. 3. Processo de inserção. 4. Modo de vida. 5. Espaços públicos. I. Joca, Alexandre Martins. II. Título

CDU 304

Bibliotecária: Francismeiry Gomes de Oliveira CRB 15/869

Sobre o autor

Filho de João Peres Joca e Maria do Socorro Martins Joca. Natural de Ipu/CE. Professor adjunto da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG (Câmpus de Cajazeiras), atuando na área de arte-educação, relações étnicorraciais e diversidades. Graduado em Letras (2000) e em Pedagogia (2016); Mestre (2008) e Doutor em Educação Brasileira (2013) pela UFC. É professor colaborador do Programa de Pós-graduação PROFLETRAS (UFCG - Câmpus de Cajazeiras). Foi Professor Pesquisador dos cursos de Aperfeiçoamento em “Gênero e Diversidade na Escola” e “Educação em Direitos Humanos”, na Universidade Federal do Ceará (UFC). Foi Consultor Especialista do Ministério da Educação (MEC/SECAD/CGDH) em Gênero e Diversidade Sexual. Faz parte dos grupos de pesquisa “Educação, Cultura e Sociedade (UFC); “Formação de Professores, Educação, Cultura e Sociedade” (UFCG) e do “Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Gênero, Identidade e Família - NEGIF (UFC)”; Direitos Humanos, Educação e Diversidades (UNESP). Atua principalmente nos seguintes temas: Direitos Humanos, Gênero e diversidade sexual, juventudes, questões étnicorraciais, arte e educação, educação sexual escolarizada e pesquisa educacional. Atualmente é presidente da Associação Internacional de Pesquisa na Graduação em Pedagogia (AINGPG).



Dedicatória

A Luís Palhano (in memoriam), por tudo!

Sumário

Apresentação.....	09
Prefácio (por Dorgival Gonçalves Fernandes).....	11
PARTE 1 - Pesquisando Juventudes em “Tempos de Misturas”	
Por Infinitos Particulares	17
Entre conversas e cafés.....	20
Mistérios e Segredos	24
Por Percursos e Circuitos Juvenis	28
PARTE II - Espelho, espelho meu	
Jovens nas Praças: narrativas juvenis.....	35
Anjos de Si: imagens, corpos e subjetividades juvenis.....	53
Sobre si e sobre “o outro”.....	56
PARTE III – Anjos Levados: percursos e circuitos juvenis em Fortaleza	
Passos Livres pela Cidade	63
Na Sintonia do Rock.....	66
Fazendo e Usando “o que der na telha”	71
De “menino de mamãe” ao “estiloso From UK”	73
Estranhamentos e conflitos sobre o “fazer nada”	76
Da arte circense ao mundo underground do rock	81
De “panelinha” em “panelinha”: o “Dono da Praça”	85
Sem Medo do Demônio.....	89
Cartografia de Circuitos Juvenis por Mapas Socio-afetivos	91
Gênero e Sexualidades	97
A Homossexualidade em Circuitos de Misturas.....	100
Circuitos Educativos.....	101
PARTE IV - “O Grande Encontro”: O SANA Fest em imagens e notas etnográficas	
O SANA Fest: Primeiro dia.....	106
O SANA Fest: Segundo dia.....	113
PARTE V - Cores, Sombras e Movimentos Juvenis	
Referências	143

Apresentação

Este livro é parte da tese “Levados por Anjos: modos de vida, educação e sexualidades juvenis”. Nela, investigo como gênero e sexualidade são acionados e (res)significados pelo(a)s jovens nas sociabilidades experienciadas em praças públicas de Fortaleza. Para isso, entre outros aspectos, observo, numa perspectiva antropológica, a relação do(a)s jovens com a Cidade, com o “*viver a cidade*” (AGIER, 2011), por meio do estudo de seus percursos e circuitos de sociabilidades pelas ruas, praças e demais espaços citadinos de Fortaleza.

Trato aqui, especificamente, de como o(a)s jovens se apropriam de espaços públicos da cidade de Fortaleza e os (res) significam sob lógicas não convencionais, não hegemônicas, ao passo que vão se identificando com modos de vida alternativos, ou seja, com estilos, grupos, sexualidades, identidades (ou identificações) que, de certa maneira, os colocam à margem de valores e normas sociais. Daí, por muitas vezes serem associados à dimensão demoníaca, à delinquência, ao vandalismo.

Assim como os jovens investigados se utilizam, entre outros artifícios, da imagem corporal para a anunciação de sua existência, em meio a múltiplas identificações e experimentações de si, este texto apropria-se também da estética juvenil por meio do recurso visual da fotografia, apesar de não ter pretensões em tomar a etnografia visual como recurso metodológico prioritário. Assim, por vezes, recortes de imagens etnográficas atravessam os textos. Aproprio-me também de recursos visuais da antropologia da imagem, que valoriza estrategicamente, atributos estéticos

e visuais dos registros do campo, por entender a imagem fixa como um texto visual e intencional (do pesquisador) que dialoga com as reflexões debatidas em léxico. O texto etnográfico que se faz, majoritariamente, pela palavra e toma também o visual como recurso antropológico, ampliando seu tradicional caráter meramente ilustrativo à “ferramenta de representação social” (FEIXA; PORZIO, 2008). A utilização das imagens juvenis passa por um campo de comprometimento entre pesquisador e jovens, uma vez que muitos desses expressaram, por diversas vezes, o desejo de terem suas fotografias publicadas.

A priori, na Parte I, “Pesquisando Juventudes em “tempos de misturas” trago algumas reflexões sobre a pesquisa com juventudes, tomando como referência a experiência do trabalho de campo deste estudo. Antecipo que não descrevo com profundidade neste livro os processos de escolhas dos métodos, técnicas e instrumentos de investigação. Restrinjo-me a ressaltar que foram amparados por estudos da etnografia urbana e em recursos auxiliares da antropologia visual, esta, em virtude do uso da imagem fotográfica e aquela, por ter, especialmente, a rua como *locus* principal da investigação.

O foco dessa primeira parte está na abordagem etnográfica que toma categorias “juventudes” e “cidade” como eixo central da pesquisa científica. Questões como: os processos de inserção no campo; as interações com os jovens e a escolha do objeto de investigação são abordadas tendo como pano de fundo as especificidades do estudo aqui apresentado, no sentido de apontar uma, entre tantas outras possibilidades, do “fazer ciência” no âmbito dos estudos da juventude.

Os discursos juvenis sobre si e as dinâmicas de interações

em espaços públicos da Cidade de Fortaleza compõem a Parte II, “Espelho, espelho meu...”. Tais discursos se dão a partir de duas estratégias: a primeira, a construção coletiva de uma narrativa sobre percursos, estilos e sexualidades juvenis, elaborada por jovens do bairro Jangurussu; a segunda, a partir do discurso dos jovens colaboradores desta pesquisa, via entrevistas individuais, grupos de discussão e conversas informais registradas em diário de campo.

Na Parte III, “Anjos Levados: trânsitos e interações juvenis em Fortaleza”, apresento os percursos de oito jovens pela cidade de Fortaleza, observando neles, seus modos singulares de transitar pela Cidade, suas motivações, suas identificações com uma diversidade de modos de vida, com estilos e sexualidades, de modo que traço seus mapas socioafetivos.

Aqui, as sociabilidades na rua levam-me à Fortaleza dos trânsitos juvenis, onde tomo como ponto de partida o “coração da Aldeota” – a Praça Portugal (PP) – e os degraus em curvas da Praça Verde do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC, ou simplesmente DM, como preferem o(a)s jovens). De lá, seguindo seus rastros, passo pelo “Bosque da Branca de Neve” da Praça do *North Shopping* (Região Oeste) e pelos corredores da *Galeria Pedro Jorge*, no Centro da Cidade; da brisa do calçadão iluminado da Praia de Iracema à penumbra da Praça do Tamandaré, no bairro Jangurussu (Região Sul). Utilizando-me da etnografia das sociabilidades juvenis, passeio por esses espaços tomando como pontos de referências os mapas socioafetivos dos jovens colaboradores. Esses percursos desenham mapas de circuitos juvenis pela Cidade e seus pontos de cruzamentos, de interseção, onde se situa o espaço prioritário de investigação desta pesquisa:

a PP e o DM. São eles que demarcam os espaços/tempos vividos pelos jovens em seus processos de sociabilidades nas descobertas de si e da Cidade sob “*misturas*”. Para além de uma cartografia demográfica da sociabilidade juvenil, os mapas vão revelando como os modos de vida e as sexualidades (re)desenham-se em constantes mobilizações nessas cenas urbanas.

A parte IV, “O Grande Encontro”: O SANA Fest em imagens e notas etnográficas” é composta por notas etnográficas e imagens sobre um dos maiores eventos juvenis do país (considerando o quantidade de participantes), o SANA. Nelas, descrevo os espaços, as atividades, as atrações do evento que envolve milhares de jovens anualmente em Fortaleza. O SANA toma relevância nesta pesquisa por ser considerado pelo(a)s jovens, um importante espaço de encontro e integração, e por possibilitar uma reflexão sobre os modos como estes se sociabilizam em espaços institucionalizados.

A última parte consiste de acervo fotográfico realizado durante a pesquisa de campo, no qual registra-se cores, sombras e movimentos juvenis pela cidade.

O autor.

Prefácio

Prefaciador um livro é atender a um convite, é ler, reler, enfim, estudar o livro a ser prefaciado para em seguida formular convite a sua leitura, assentado sobre análises e comentários, direcionando-o a possíveis leitores/as. Esse processo se faz permeado de saberes, racionalidades, criticidades, e muitas vezes, afetividades relacionadas ao tema e ao/a/s autor/es/as do livro. Quando envolve afetividades com o/a/s autor/es/as, como salienta Veiga-Neto (2013, p. 11), é possível que o/a prefaciador/a vivencie o seguinte dilema: “como não deixarmos que, no comentário, a amizade e a admiração que se tem pelo autor interfira demais naquilo que dizemos e, ao mesmo tempo, não nos censurarmos, não nos policiarmos, a ponto de deixar descarnado o próprio comentário?”.

A qualidade teórica, metodológica e analítica acerca das sociabilidades juvenis impressa no livro *ANJOS LEVADOS: percursos e circuitos juvenis em tempo de mistura*, que ora prefacio, bem como as qualidades do seu autor, Alexandre Martins Joca, enquanto pessoa-pesquisador (pois, parafraseando Nóvoa (1999), o pesquisador é a pessoa e a pessoa é o pesquisador), me possibilitaram analisar as formas e os conteúdos do livro e o trabalho de composição feito pelo seu autor, sem precisar vivenciar o dilema assinalado por Veiga-Neto. Ao contrário, a leveza da escrita (clara e poética), e a sua contundência (fundamentada, problematizadora e explicativa), me favoreceram, em meio às palavras, fotografias e mapas socioafetivos, aprendizagens diversificadas e múltiplas.

Eu conheço a pessoa-professor-pesquisador Alexandre Joca há bastante tempo, e há uns três anos nos tornamos amigos

e parceiros de trabalho enquanto professores lotados na Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, e também como pesquisadores do campo de estudos sobre juventudes, dividindo e compartilhando, assim, conversas, discussões e a organização do livro *JUVENTUDES: possibilidades em movimento*. É neste contexto que me chegou o convite para prefaciador o seu livro, o que de imediato, e com alegria, aceitei. Deste modo, na condição de amigo do autor e de quem há tempos se dedica à pesquisa sobre juventudes, li, reli e estudei o seu livro, cujas considerações tecidas, coloco como matéria de convite a leitoras e leitores para que o leiam.

O livro é dividido em três partes que operam conexões, se intercambiam e compõem um arranjo de complementariedades. Na “Parte 1”, dedicada com maior afincamento à metodologia desenvolvida na realização da pesquisa que enseja o livro, Alexandre descreve o seu percurso por espaços públicos da cidade de Fortaleza – CE, onde jovens costumam chegar, se reunir, conversar, compartilhar e “saborear” a vida num dado território/tempo. O autor do livro, por meio de palavras, fotografias e mapas, evidencia as multiplicidades, intensidades e positivities de estéticas existenciais experienciadas pelos jovens ao expressam seus saberes, posturas éticas, relações de poder, diferenças de sexo, gênero, preferências sexuais, estilos musicais, de danças e de vestimentas juvenis, percebidas a partir dos marcadores sexualidade e modos de vida.

Junto aos jovens em seus percursos, acompanhando-os, observando-os, fotografando-os, conversando, enfim, pesquisando-os a partir de referenciais antropológicos, sociológicos e etnográficos, o autor de *LEVADOS POR ANJOS*

vai também trilhando percursos seus, nos quais vai compondo-se como pesquisador em movimentos de se perder e se achar, se construir, desconstruir e se reconstruir. E neste processo, narrando-se, dar-se a perceber como um pesquisador levado, astutamente levado pelos anjos da curiosidade, da vontade de saber, aprender, perspectivar e se aproximar do que não lhe é conhecido, familiar, encantando-se com o objeto de estudo e os sujeitos estudados, ao tempo em que humildemente se faz gratidão.

Deste modo, o livro constitui-se importante trabalho de referência para pesquisadores/as principiantes que estão a iniciar-se nesta tarefa árdua, incerta, insegura e prazerosa, como também pesquisadores iniciados, que a exemplo de Foucault (1984, p. 15), entendem que “existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir”.

No Brasil, o campo de estudos sobre a/s juventude/s começa a ganhar volume no início dos anos de 1980, com a expansão dos cursos de pós-graduação, intensificando-se nas décadas seguintes, devido às questões de natureza diversas postas pelos jovens e postas aos jovens em função, principalmente, das transformações políticas, culturais e econômicas, entre outras. Todavia, esses estudos, em grande monta, têm tratado de considerar os jovens como sujeitos submetidos a instituições, tais como a escola, a igreja, a família, o mercado de trabalho etc. e, também, como usuários de tecnologias digitais, *internet* e beneficiários de políticas públicas.

Neste sentido, no campo de estudos sobre a/s juventude/s, pesquisas referentes a marcadores identitários que considerem questões como subjetividade, singularidades dos modos juvenis

de fazer políticas, demandas por reconhecimento social, modos de convivência e de sociabilidades, problemas de gênero, sexualidades é fato recente ainda, e pouco presente no montante do campo de pesquisas sobre a população jovem, perfazendo uma lacuna, como atestam Sposito e Tarábola (2017). Tal fato demanda pesquisas que venham a aclarar e ampliar os nossos entendimentos sobre essa população e as suas configurações subjetivas e sociais ancoradas nas demandas e possibilidades apresentadas no tempo presente.

Assim, o livro em apreço, de modo mais específico, nas “Parte II” e “Parte III”, faz reverberar muitas das questões lacunares acima destacadas, brindando-nos com possibilidades outras quanto à percepção sobre os jovens urbanos contemporâneos, em sua maioria, moradores de bairros periféricos. Desse modo, *ANJOS LEVADOS* não apenas apresenta-nos os jovens como sujeitos de direitos, mas também, e principalmente, como sujeitos de pensamento e de ações positivas e propositivas, mostrando, por meio de narrativas, imagens e movimentos juvenis nos circuitos sociais, as suas ideias, práticas e modos de constituir-se, nas suas relações consigo e com os outros jovens, como sujeitos que experimentam modos singulares de viver, de se apresentar socialmente, de viver amizades, prazeres e pesares.

Por todo o trabalho que Alexandre Martins Joca apresenta sobre si como pesquisador, sobre o processo de trabalho de pesquisa desenvolvido e sobre os achados acerca dos temas e questões centrais de que tratam o livro, credito ser de muito proveito acadêmico e pessoal a sua leitura.

Dorgival Gonçalves Fernandes

Universidade Federal de Campina Grande (Câmpus de Cajazeiras)

Referências

FOUCAULT, M. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da C. Albuquerque. 13ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

NÓVOA, A. Currículo e docência: a pessoa, a partilha, a prudência. In: GONSALVES, E. P.; PEREIRA, M. Z. C.; CARVALHO, M. E. P. (Orgs.). *CURRÍCULO E CONTEMPORANEIDADE: questões emergentes*. Campinas: Alínea, 2004.

SPOSITO, M. P.; TARÁBOLA, F. S. Entre luzes e sombras: o passado imediato e o futuro possível da pesquisa em juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 71, p. 1-25, 2017.

VEIGA-NETO, A. Apresentação. In: GADELHA, Sylvio. *Biopolítica, governamentalidade e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.



Parte I

Pesquisando
Juventudes em
"tempos de misturas"



Por Infinitos Particulares...

*Eis o melhor e o pior de mim
O meu termômetro, o meu quilate
Vem, cara, me retrate
Não é impossível
Eu não sou difícil de ler
Faça sua parte
Eu sou daqui, eu não sou de Marte
Vem, cara, me repara
Não vê, tá na cara, sou porta-bandeira de mim
Só não se perca ao entrar
No meu infinito particular
Em alguns instantes*

*Sou pequenina e também gigante
Vem, cara, se declara
O mundo é portátil
Pra quem não tem nada a esconder
Olha a minha cara
É só mistério, não tem segredo
Vem cá, não tenha medo
A água é potável
Daqui você pode beber
Só não se perca ao entrar
No meu infinito particular.
(Infinito Particular)*

Um mostrar-se. Um chamado. Um convite. Uma exposição de si. Uma disponibilidade ao risco da leitura do outro. Eis a temática da canção popular que trago como epígrafe deste texto. No mesmo sentido da canção, Ângelo (19 anos), um dos jovens colaboradores desta pesquisa, ao aceitar a difícil tarefa de conceituar a juventude, declarou: “*Jovem quer aparecer. Jovem quer se mostrar. Jovem quer mostrar pro mundo que ele existe*”. Contrário ao que essa característica juvenil possa supor, a disponibilidade de mostrar-se para o mundo, esse desejo de aparecer não faz do campo empírico de uma pesquisa sobre juventude, um espaço de fácil e simples acesso e compreensão analítica e científica. Assim, quero enfatizar aqui o processo metodológico de inserção e imersão no universo de jovens habitantes da cidade de Fortaleza, ressaltando os modos como fui acolhido e recebido por aquele(a)s que chamo aqui de anjos levados.

A figura metafórica do “anjo” faz-se sobre a licença poética de apropriação e adequação da expressão “*levados por anjos*”, trazida por uma das jovens colaboradoras deste estudo. Aqui, a expressão “anjos”, distanciando-se do imaginário cristão, assume a dimensão de juvenil, abdicando da prerrogativa angelical a qual o termo comumente nos remete. Isso porque trato de modos de vida empreendidos nos espaços/tempos da rua, vivenciados paralelamente e, por vezes, paradoxalmente, às prerrogativas éticas e morais das sociedades contemporâneas ocidentais.

Ora!, “Levados” pode aqui acionar múltiplas representações acerca das experiências juvenis na rua, de seus modos de vida, de suas expressões existenciais. Podemos facilmente descrevê-los como jovens levados pelo desejo da aventura hedonista juvenil; pela ânsia do encontro com “o outro”, com as diferenças, no intuito de se fazer igual e diferente, simultaneamente; pelas sensações promovidas por sentimentos de

subversão, de rebeldia; pela busca de liberdades e/ou libertinagens; pelos encantos das descobertas de si, da Cidade, de outras (e novas) possibilidades existenciais.

No entanto, para além desse olhar de pesquisador, “levados” nos remete também a dimensões conflituosas encontradas no terreno deste estudo, ou seja, aos sentimentos provocados por esses jovens nos que cruzam seus caminhos nas noites fortalezenses, imprimindo-lhes atributos respaldados por posturas mais moralizadoras. Assim, “levados” pode sintetizar ironicamente o olhar “do outro”, dos demais, acerca de percursos e das sociabilidades juvenis na Cidade. Isso ocorre por meio do deslocamento semântico do termo “levados”, que de verbo, adquire, sinteticamente, uma função adjetiva, de maneira que “anjos levados” podem nos remeter à popular expressão “meninos levados”, tão comum ao vocabulário cotidiano, quando tratamos de crianças e/ou jovens resistentes e/ou burladores dos ordenamentos sociais (e institucionais, da família, da escola, entre outras). Jovens “danados”, “traquinos”, “malinos”, “problemáticos”, “difíceis”, “rebeldes”, aos olhos daqueles que se propõem à árdua tarefa de tentar controlá-los, adestrá-los, moldá-los, por dinâmicas de disciplinamentos, por mecanismos de vigilância e punição, como nos lembra Michel Foucault.

Opto por começar este texto com a canção “Infinito Particular”, no intuito de retratar o modo como fui recebido/acolhido pelo(a)s jovens colaboradore(a)s da pesquisa da qual este livro é parte. Foi mostrando “o melhor e o pior” de si, expondo-se às múltiplas e diferentes leituras (das quais um trabalho etnográfico está sujeito), foi me fazendo acreditar na possibilidade de retratá-los, de me aproximar dos seus diversos e complexos “*infinitos particulares*”, que o(a)s jovens moradores da cidade de Fortaleza me acolheram em seus percursos pelas ruas, praças, terminais de ônibus, em suas casas, seus bairros de morada. Foi esse mostrar-se que possibilitou

a minha inserção nos circuitos juvenis de Fortaleza.

Por outro lado, a inserção em qualquer campo de investigação deve tomar também como elemento de análise as estratégias empreendidas pelo(a) pesquisador(a) para fazer-se aceito, acolhido, visível e/ou invisível, (dependendo da intencionalidade e/ou das circunstâncias) aos olhos dos sujeitos, neste caso, dos jovens. Aqui, devemos considerar a sensibilidade (ou astúcia) perceptiva do(a) pesquisador(a), no sentido de captar e aproveitar as brechas, de perceber, nas situações vividas no campo, o que nelas há de oportuno aos nossos interesses científicos.

Penso que nem sempre os contratemplos, os imprevistos, os desvios aos quais estamos (ou somos) submetidos nos processos de inserção no campo de pesquisa, devem ser tomados somente como obstáculos. Arrisco a recomendar que estejamos disponíveis e atentos aos mesmos. Neste estudo, os contatos iniciais com os jovens se deram por contratemplos e situações aparentemente indesejadas, no entanto, revertidas aos propósitos da investigação.

Minha estratégia de inserção nos espaços de sociabilidades juvenis na rua (nas praças) foi a de transitar entre ele(a)s, de me fazer visto, sem, inicialmente, estabelecer uma abordagem direta com o(a)s jovens. Nesse movimento, marcado por intensas observações das dinâmicas ali estabelecidas, percebi que aqueles espaços (e as relações de sociabilidades ali vividas) caracterizavam-se por uma dinâmica social de intensas interações, de encontros, e que aquele(a)s jovens tinham em comum a busca do outro, o desejo de criar elos, de fazer amizades, estando, portanto, o contexto propício a fácil interação.

Essa percepção foi o elemento determinante para a estratégia de estabelecer os contatos iniciais com o(a)s jovens, de modo que fiquei a espera, pois pensava, assim como se confirmou depois de algumas noites nas praças, que ele(a)s viriam a mim. E, assim, os primeiros contatos com o(a)s jovens se deram por meio de

iniciativas deles, da busca dele(a)s por mim, ou seja, aparentemente, na contramão da tradicional abordagem inicial entre pesquisador e sujeitos pesquisados, na qual aquele é quem interpela estes.

Vale lembrar que tal espera não se fazia passiva, tão pouco me limitava ao lugar de quem só observava. De um transeunte desconhecido a “*um chapa*” da galera da PP (Praça Portugal) e do DM (Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura – CDMAC), um caminho foi percorrido por situações, nem sempre desejadas ou esperadas pelos propósitos da pesquisa. Isso porque na prática etnográfica também provocamos sensações, desejos, sentimentos naquele(a)s com quem estamos interagindo. Frente a interpelação sobre minhas práticas sexuais, ao convite do uso de substâncias ilícitas e a algumas invertidas juvenis carregadas de segundas intenções, fui observando o que essas situações iniciais me traziam de oportunidades aos meus interesses da investigação (acadêmicos). E assim fui estabelecendo laços com o(a)s jovens, me inserindo nos grupos, e lentamente imergindo naquele universo juvenil. Vale ressaltar que adotei, desde os primeiros momentos no campo, uma postura do pesquisador que os percebia

como agentes, porque eles falam, agem e lutam, não necessitam do pesquisador para lhes dizer a “verdade”, ou para falar no lugar deles, eles tem um saber e sabem dizê-lo muito bem. Portanto, o caminho da pesquisa não seria a busca da verdade como Platão, mas a busca de sentido, tentando captar o movimento, os fluxos que circulam e fazem dizer o acontecimento. (SALES, 2005, p. 73)¹.

Nesse “caminho da pesquisa”, da “busca de sentido”, a acolhida dos jovens não me eximiu do risco do pesquisador, de perder-se no percurso investigativo, de ser levado pelos encantamentos dos

¹ A noção de agente é utilizada por Sales (2005) a partir de Pierre Bourdieu (1983). Ver: “*Questões de Sociologia*”.

“*mistérios*” e dos “*segredos*” do viver juvenil citadino, mesmo porque, lembra Clarisse Lispector: “perder-se também é caminho”. Penso que, neste estudo, o perigo do encantamento, do encantar-se pelo “*infinito particular*” juvenil, esteve sempre presente no percurso investigativo, e foi um obstáculo a ser superado para o “fazer ciência”. No entanto, encantar-se, paradoxalmente, também se mostrava como um caminho permeado por ricas e múltiplas possibilidades de olhar, de sentir e de fazer (no sentido de refletir) pesquisa sobre juventudes.

Sentir-se perdido, neste caso, assume um sentido diferente daquele que não sabe onde está, para onde ir, que caminho seguir; que não sabe o que procura. Sentir-se perdido aproxima-se aqui do sentido de “encontrar-se” no processo da investigação, de se manter flexível à realidade investigada. Assim, no percurso investigativo, perder-se é encontrar-se; é perceber e (re)criar atalhos, estratégias, caminhos diversos. É enxergar outras possibilidades. É (re)elaborar questionamentos. É se permitir inquietar-se no percurso. É não se sentir pronto, completo, acabado. É perceber a pesquisa como um processo e não como um produto a ser executado. Falo aqui do encantamento do pesquisador, no sentido daquele que se expõe às inquietações, às curiosidades que encontra no processo investigativo, no querer desvendar o que não se esconde, mas o que está a mostrar-se aos seus sentidos. Assim, nesta pesquisa, “a flexibilidade do movimento (teórico e metodológico) do estudo possibilitou uma relação dialógica com o campo da pesquisa” (JOCA, 2015).

Seria um exercício de encantar-se sem se deixar levar, sem esquecer o lugar de pesquisador, no sentido de que encantar-se, nesse contexto, não significa o abandono do rigor científico, tão pouco ocasiona um desmerecimento acadêmico. Encantar-se seria o exercício de exposição e disponibilidade mútua entre pesquisador e pesquisados, por meio do diálogo entre os nossos preceitos acadêmicos, as nossas expectativas e hipóteses, o mundo vivido (e investigado), com suas

imprevisíveis circunstâncias. Significa fazer-se acessível ao outro, permitindo-se às sensações, aos sentimentos, ocasionados pelas possibilidades relacionais e situacionais das quais somos acometidos no ato de pesquisar, especialmente nas ciências humanas.

Se em algumas experiências, como no caso desta pesquisa, o campo dos estudos juvenis se fez por um caminho, em certa medida, de fácil acesso aos sujeitos e suas circunstâncias existenciais, a tarefa da leitura sobre o universo juvenil não se faz tão fácil quanto sugere a canção popular. Pelo contrário, ao pesquisador, o olhar sobre este “*infinito particular*” se faz na complexidade de lidar com os encantamentos (os seus e os dos demais), no sentido de ser possível retratar e reparar o que há na sutileza do instante em ser “*pequenina e também gigante*”. Isso porque, seja àquele daqui, seja àquele de Marte, o pesquisador está sempre sujeito a perder-se e encontrar-se na tarefa de desvendar os “*mistérios*”, os “*segredos*” do infinito, do “*particular*”; do mundo portátil de “*quem não tem nada a esconder*”.

Entre conversas e cafés...

O “marco zero”. O(s) começo(s). O(s) ponto(s) de partida de uma pesquisa. Eis um dos calcanhares de Aquiles para muito(a)s pesquisadore(a)s, especialmente, aquele(a)s que estão a iniciar-se na aventura da arte de fazer ciência. Digo isso, por nos últimos tempos ter observado (no trabalho de acompanhar (orientar) meus(minhas) aluno(a)s graduando(a)s), o quanto a definição do objeto de investigação se faz, para muito(a)s, como um doloroso obstáculo a ser superado. Ora estão em volta a múltiplas possibilidades, mesmo a maioria, sob frágeis argumentações e poucas (ou nenhuma) identificação do(a) pesquisador(a) com o

objeto a ser investigado. Ora pairam sob um campo de espera, a solicitar de terceiros um possível caminho a ser seguido no empreendimento da escolha do objeto de pesquisa. Quando falo aqui de “pesquisador(a)”, refiro-me, especificamente, àquele(a) que tem como objeto de estudo a realidade social.

Daí trago neste breve texto o exemplo de uma possibilidade de percepção e de identificação - de encontro - entre pesquisador e objeto de estudo. Trata-se de um dos pontos de partida do meu encontro com o estudo sobre (e na) Cidade e juventudes. A escolha deste, entre tantos outros pontos de partida da pesquisa (que ora apresento, em parte, neste livro), se dá em virtude de perceber que, por muitas vezes, as possibilidades que estão para além do “mundo acadêmico” são ignoradas em virtude de uma percepção de ciência e de conhecimento, ainda bastante vigente, que polariza o mundo entre o “científico” e o “vivido”, entre a vida acadêmica e as experiências vividas para além dos muros da Universidade.

Considerando o conhecimento como “um produto cultural, gerado historicamente por homens inseridos em realidades concretas, em função de necessidades específicas” [...] “a visão de um determinado grupo social condiciona não apenas a escolha de um determinado objeto de investigação, mas também a interpretação dos fatos estudados” (DAMASCENO, 2005, p. 45). Daí, defendo a hipótese de que, no âmbito da pesquisa social, a escolha do (ou o nosso encontro como o) objeto de investigação, dar-se por uma diversidade pontos de partidas que perpassam por dimensões da vida acadêmica, de nossas experiências de vida e, conseqüentemente, de nossa visão de mundo.

Não quero aqui neste texto retomar a descrição da cidade de Fortaleza, tão pouco, dos espaços de investigação desta pesquisa, pois já os fiz no livro *Levados por Anjos: modos de vida, educação e sexualidades*. Pretendo simplesmente trazer um exemplo

de como as temáticas por nós estudadas, e os nossos objetos de investigação, vão se elaborando em nossas trajetórias como pesquisadore(a)s. O intuito é pensarmos em nossos percursos como pesquisadore(a)s e das circunstâncias como vamos nos encontrando (ou nos deparando) com nossos objetos de investigação. Penso que assim podemos refletir acerca dos modos como vamos abrindo caminhos científicos que não se fazem restritos aos espaços/tempos acadêmicos, mas também nos percursos da vida vivida, por nossas tantas outras interseções e experiências.

A priori, assumo que não sou um estudioso da Cidade, tão pouco me vejo como um pesquisador etnógrafo do (ou no) espaço urbano. Apesar de pretender trilhar um caminho nesse sentido, relato aqui, uma das experiências motivadoras dessa pretensão, na qual me vejo como atleta que atravessa o ponto de partida de uma trajetória ainda a ser percorrida.

Logo que ingressei no doutorado em Educação Brasileira, no segundo semestre do ano de 2009, cursei a disciplina “Correntes Modernas da Filosofia da Ciência”, ministrada pelo Prof. Dr. André Haguette². Um dos critérios de aprovação na disciplina seria a produção de pequenos textos, entregues, semanalmente, a cada encontro. Os alunos/doutorandos ficavam livres para a escolha dos temas e do gênero textual. A recomendação era escrever sobre algo que lhe interessasse no momento sem, necessariamente, estabelecer vinculações com a temática da tese a ser produzida: “*Escrevam sobre algo que lhes der prazer em falar*”, recomendava Haguette. Até então, estava disposto a prosseguir com os estudos sobre juventude e sexualidade na escola, dando continuidade à pesquisa empreendida no mestrado, realizado neste mesmo Programa.

Aproveitei a deixa para escrever sobre temáticas que me

² Prof. Dr. do Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC).

interessavam. Assim, falava sobre mídia e homossexualidade, Paradas LGBT, Laicidade e Sexualidade, etc. Nos meados do semestre, após a produção de alguns textos sobre essa temática, recebi a seguinte indagação: “*Você só fala sobre isso?*”. Logo que questionado sobre tal observação, respondeu: “*Não podemos ser intelectuais de um tema só!*”. Essa foi a deixa para eu escrever sobre uma temática da qual estive, por algum tempo, instigado a pesquisar no doutoramento, havendo desistido em virtude do desejo de aprofundar-me nos estudos sobre juventude.

Tratava-se de estudar a territorialidade de gays da terceira idade na cidade de Fortaleza a partir da etnografia da sociabilidade de um grupo de idosos que se encontram diariamente nos fins de tarde da Praça do Ferreira. Para a produção do texto, realizei duas visitas à praça junto ao grupo, do qual conhecia um dos integrantes. As visitas resultaram no seguinte texto que intitulei “No Coração da Cidade”:

O cenário atual do centro da cidade de Fortaleza parece, hoje, ter perdido o romantismo, o charme de outrora, da belle époque resistente apenas nos poucos registros históricos e na memória e narrativas de alguns. Os prédios de requintada arquitetura, os que sobreviveram aos descasos com a memória histórica da cidade, estão recobertos pelos letreiros do comércio que dá vida ao seu centro; o lazer, a cultura parece indiferente a este espaço que se restringe em quase sua totalidade ao mercado popular. O “quase” considerando a permanência do Teatro José de Alencar, e outros poucos centros de cultura e cinema. Em uma leitura da cidade a partir da divisão de classe, o centro é hoje ambiente de sociabilidade das classes menos favorecidas, uma vez que as elites circulam nos centros comerciais correspondentes aos seus padrões e demandas, como os shoppings. À luz do dia, muito cedo, a cidade acorda e a dinâmica do centro se repete como um ritual: buzinas, ambulantes a venderem os mais variados produtos, lojas, dos mais variados ramos, a levantarem suas portas a exporem nas

vitrines suas mercadorias e assim se começa mais um dia onde milhares de pessoas trabalham, estudam, fazem compras, moram ou simplesmente passam. No centro desse cenário a praça aparece como uma referência democrática: lugar de e para todos e todas, sem distinção de cor, raça ou classe social. A Praça do Ferreira pode ser um bom exemplo. A imponente coluna da hora marca o centro da praça considerada “o coração da cidade” e os longos bancos acolhem aqueles que deles se utilizam como local de descanso, de encontro com amigos, de trabalho (os engraxates, os garotos de programa, por exemplo). Durante todo o dia um corredor de transeuntes anônimos que circulam, atravessam ou repousam neste coração a pulsar uma diversidade de vivências e experiências. Aparentemente, as praças, espaços públicos destinados à socialização, lazer das comunidades, assemelham-se, não apenas nas estruturas físicas, como também na rotina do dia-a-dia do espaço-tempo em que se situam. No entanto, cada espaço-tempo carrega consigo suas especificidades que, para os menos atentos, parecem invisíveis. Este olhar curioso sobre a praça deu-se pela intenção em realizar uma pesquisa sobre a sociabilidade de um grupo composto por cerca de 15 idosos gays (de faixa etária entre 60 e 65 anos), frequentadores diários de um banco da praça no horário entre 17 e 19hs. Assim, durante as poucas visitas à Praça do Ferreira pude perceber que apesar de um espaço público e supostamente sem fronteiras nem programação predefinidas, no seu dia-a-dia, os sujeitos que ali frequentam, desenham contornos, marcam territórios e constroem uma dinâmica de convivência coletiva. Percebe-se a partir da ocupação sistemática/contínua uma demarcação de espaço entre os frequentadores, com locais de ocupação bastante demarcados no quadrilátero: banco dos surdos, dos idosos, dos garotos de programa, dos idosos gays, etc. Tal demarcação somente é percebida pelos sujeitos em virtude da convivialidade no espaço. A princípio, a diversidade de pessoas frequentadoras

nos faz pensar enquanto um espaço de anonimato. Isso não se confirma para os que fazem da praça um encontro contínuo. Há uma identificação entre os frequentadores, os vendedores de café, os flanelinhas da praça, mesmo que não haja uma relação mais próxima de convivência, de maneira que os não assíduos são também identificados com facilidade. Para finalizar, é possível perceber que, apesar do cenário comercial do centro ter aparentemente apagado o romantismo de outrora, a praça, consegue, ainda, resistir enquanto espaço de encontro e lazer fora da lógica capitalista. Se vista e eleita pela população como o “coração da cidade” em virtude do seu significado histórico, são os sujeitos que hoje fazem parte desse cenário a força que faz este coração bater e manter-se vivo. (Alexandre Martins Joca)

O estudo sobre a sociabilidade de homossexuais na cidade foi instigado em conversas com Rochinha³, especialmente, nas tardes de cafés do GRAB, ouvindo suas narrativas sobre episódios vividos em Fortaleza nos anos de 1950, 1960 e 1970, quando ainda gozava da juventude. A perseguição policial aos homossexuais no centro da Cidade; o carnaval na Av. Duque de Caxias; suas peripécias no bairro do Montese; os concursos de Miss Gay; como também o cotidiano da vida em Fortaleza, entre outros tantos episódios, ilustrava as conversas, quase sempre entre muitas risadas e, por vezes, olhos lacrimejados. De lá (do GRAB) Rochinha saía cotidianamente às 17 horas para encontrar os demais na praça.

Essas longas e alegres conversas com Rochinha me despertaram o interesse pelo estudo da relação cidade/homossexualidade, e me fizeram ir tecendo, entre conversas e

³ Rochinha é membro do GRAB e aos sessenta e sete anos continua atuando no ativismo LGBT em Fortaleza. É também um dos pioneiros no ativismo de luta contra a aids no Ceará.

cafés, fios que fundamentassem o estudo. O olhar por ele trazido, entre contos (estórias) diversos, vinha, quase sempre, motivado por um saudosismo sobre a vida e as relações vividas na Fortaleza de meados do século XX. Afinal, “a metrópole tem esse atrativo adicional - que mediante o que se tornou pode-se recordar com saudade aquilo que foi” (CALVINO, 2008).

Eu via esse grupo de idosos gays e seus encontros na Praça do Ferreira como um excelente campo para a discussão sobre a ocupação dos territórios da cidade, das relações nelas vividas, a partir do binômio cidade/sexualidade, sob o foco da diversidade de orientação sexual. No entanto, minha trajetória acadêmica direcionava-se para os estudos sobre juventudes. Estava eu numa encruzilhada científica entre a coerência acadêmica e o desejo de explorar o mundo vivido que se apresentava a mim, cotidianamente, sem sequer procurá-lo, a me seduzir. Optei pelos encantos do universo juvenil, imaginando que assim estaria abdicando da discussão sobre a cidade, de modo que, ao optar pela pesquisa no campo dos estudos sobre juventude e educação, essa temática estaria adiada para investigações futuras.

Eu não sabia que um ano depois, no mesmo espaço onde, por tantas vezes ouvi as histórias de Rochinha, o primeiro jovem com quem conversaria, iria apontar as praças da cidade como espaços importantes para a sociabilidade juvenil em Fortaleza. A temática da qual a priori abri mão, retornaria sobre a perspectiva de olhar a cidade de hoje e seus espaços públicos como palco de práticas educativas juvenis sobre gênero e sexualidade.

Seguindo a recomendação de Ítalo Calvino (2008), em *As Cidades Invisíveis*, quando nos alerta para a recusa em

dizer que algumas vezes cidades diferentes sucedem-se no mesmo solo e com o mesmo nome, nascem e morrem sem se conhecer,

incomunicáveis entre si. Às vezes, os nomes dos habitantes permanecem iguais, e o sotaque das vozes, e até mesmo os traços dos rostos; mas os deuses que vivem com os nomes e nos solos foram embora sem avisar e em seus lugares acomodaram-se deuses estranhos. É inútil querer saber se estes são melhores que os antigos, dado que não existe nenhuma relação entre eles (p. 15).

Assim, acredito que as experiências de Rochinha e seus amigos sexagenários no crepúsculo da Praça do Ferreira, suas memórias, lembranças e as dinâmicas de sociabilidade por eles empreendidas na Fortaleza de outrora, poderiam dialogar com as interações juvenis deste estudo, certamente sob diferenças e estranhamentos, mas também via brechas de comunicação entre si.

Desse modo, a pesquisa que toma as interações juvenis na cidade de Fortaleza como objeto de estudo, segue um percurso demográfico e social do qual o tradicional “*coração da cidade*” e o grupo de gays idosos não fazem parte diretamente. No entanto, esse foi um dos (tantos) pontos de partida que me levou ao estudo sobre os percursos e circuitos juvenis por espaços públicos da cidade.

Para finalizar, reforço minha compreensão de que, dificilmente, a escolha de um objeto de pesquisa seja fruto de um ponto de partida único. Pelo contrário, ela surge, geralmente, de uma multiplicidade de interesses (do(a) pesquisador(a)) que se elaboram nos percursos de nossa vida acadêmica, de nossas experiências profissionais, pessoais, enfim, dos processos formativos que vão constituindo as bases de nossas perspectivas de mundo, de sociedade e de Homem. Dessa maneira, não se fazem por um acaso, mas nas circunstâncias do vivido. São esses processos, elaborados por dimensões intimistas, formais, sensoriais, de valores, que nos fazem perceber, encontrar, (e/ou se identificar com) o objeto de investigação, ou simplesmente,

que nos coloca à sua disponibilidade. Cabe ao(à) pesquisador(a) a sensibilidade perceptiva de identificar os múltiplos pontos de partida da escolha do seu objeto a ser investigado, sem correr o risco de negligenciar as dimensões menos formais, aquelas oriundas de caráter mais subjetivos, intimistas, tão ignoradas pelo saber cartesiano (ou positivista). Penso também que esse encontro, essa disponibilidade, não se faz em mão única, como estamos pretensamente sujeitos a pensar, uma vez que na relação pesquisador/objeto de investigação, ora o escolhemos, ora somos por ele escolhido, dadas as circunstâncias dos percursos da vida e da arte de pesquisar.

Após o encontro inicial, ou seja, estabelecido (definido) o elo pesquisador/objeto de investigação, passemos aos desafios seguintes: a imersão no universo a ser pesquisado e o transitar curioso, questionador, por (e na busca de) seus “mistérios” e/ou “segredos”.

Mistérios e Segredos...

Nesta pesquisa não trato simplesmente de uma imersão em “mistérios” ou “segredos” do universo juvenil, compreendido como segregado, distante das convenções hegemônicas sociais. Trato de uma leitura das interações entre os modos de vida juvenis e as perspectivas de mundo, de Homem e de sociedade, instituídas e deliberadas socialmente, de modo a vislumbrar os confrontos, os diálogos, os paradoxos socioculturais constantes que perpassam a formação juvenil neste início do Século XXI. Dessa forma, adoto o modelo dialético⁴, pois ao “situar-se no

⁴ “Um exame, ainda sucinto, da produção do conhecimento, realizado a partir da perspectiva dialética, revela a existência de pelo menos dois caminhos para a concretização das pesquisa. O primeiro procura estabelecer explicações

plano da realidade e no plano histórico, procura compreender e trabalhar a trama das relações contraditórias que forma o tecido social, objetivando atingir a essência do mundo real, a gênese e a transformação deste” (DAMASCENO, 2005, p. 45).

Este estudo trata de jovens que subvertem convenções sociais por meio de seus modos de vida, dentre eles, aqueles relacionados à adoção de estilos (Roqueiro(a)s, *Punks*, *Skatistas*, *Emos*, *Dançarinos de Free Step*, *Bboys*, *Otakus*, “Coloridos”, “Pirangueiros”, “Comuns” ou “Normais”) e às experiências afetivo/sexuais. Assim, “parto da perspectiva de que modos de vida e sexualidades não são campos segmentados do tecido social, mas sobretudo, complementares, pois reciprocamente se apropriam de elementos materiais e simbólicos da vida social” (JOCA, 2015).

A priori, a pesquisa tinha como sujeitos jovens gays de uma periferia de Fortaleza e como objeto de investigação, a sociabilidade em seu bairro de morada. No entanto, o campo - as praças -, informado pelo colaborador inicial, conforme podemos perceber, desviava-se (em certa medida) desse propósito pré-elaborado, uma vez que se constituía por uma diversidade de identificações e práticas juvenis, e por um espaço da Cidade ocupado por jovens de diversos bairros populares, o que exigia desses, um deslocamento, um percurso citadino por circuitos juvenis. Que caminho seguir?

As estratégias de inserção no campo de investigação (empírico), o processo metodológico empreendido durante a pesquisa social e a análise dos dados obtidos, exigem do pesquisador

abrangentes sobre a realidade social, realizando estudos macrossociais. O outro privilegia a investigação de realidades específicas (microssociais), buscando entender a natureza, e as relações de determinados fenômenos, em suas articulações com o todo que lhe dá coerência.” (DAMASCENO, 2005, p. 47).

a escolha de ferramentas que o auxiliam no processo de apreensão e elaboração do conhecimento. A definição de categorias de análise e de estudo, de procedimentos, de instrumentos, de métodos e técnicas de investigação faz parte do processo investigativo, que deve tomar os objetivos da pesquisa e as circunstâncias do espaço investigado como referências às escolas empreendidas.

Neste sentido, pesquisar “é garimpar, criar, experimentar, é descobrir um percurso. Mas como chegar a esse percurso? O encontro com a teoria é um começo, possibilitando pensar sua relação com a prática e o papel do pesquisador e sua relação com os pesquisados.” (SALES, 2005, p. 72). E acrescenta:

A pesquisa como criação, diz respeito às composições de ideias, aos encontros que potencializam a produção do novo. O termo criação está relacionado a tudo aquilo que os(as) pesquisadores(as) conseguem produzir, ainda que sejam procedimentos microbianos. Isso não significa que devemos partir do vazio, mas da (re)elaboração, e, às vezes, apenas da sua adequação. Outro fator importante é que a aplicação das técnicas sugeridas precede a uma aproximação e interação com o grupo pesquisado, uma vez que não aprendemos modelos, mas sugestões para serem recriadas (SALES, 2005, p. 83).

Neste estudo, ao tomar a pesquisa sob a premissa da experimentação, da descoberta e da (re)criação, a etnografia e técnicas como observação participante, entrevistas individuais e grupos de discussão se mostravam como os procedimentos mais aplicáveis aos propósitos e às características do campo, “de modo que as projeções anteriores à inserção nos espaços de investigação

se reordenem sem perder o foco temático preestabelecido (...) movimento, que apesar de, por vezes, parecer o indício de uma desordem, de uma perda, constitui-se como o refazer do caminho” (JOCA, 2015). Isso porque, a apreensão do fenômeno do estudo implica na elaboração de um conhecimento que toma como pressuposto a intrínseca relação entre teoria e a prática (a vida real), sendo a perspectiva dialética pautada na adoção de uma trajetória metodológica que comporte a relação sequencial concreto/abstrato/concreto-pensado (DAMASCENO, 2005).

Talvez, os “mistérios” e “segredos” da pesquisa etnográfica estejam em nossa capacidade (como pesquisadore(a)s) de encontrar um ponto de interseção entre os propósitos iniciais (os interesses e questionamentos motivadores da pesquisa, assim como seus pressupostos teóricos) e os achados do campo (a vida real). Penso que ao pesquisador, cabe a astúcia (ou a habilidade) em produzir o conhecimento respaldado na perspectiva dialética do saber teórico/prático, ou seja, entendendo a coexistência do saber sistematizado à dimensão empírica, mantendo “uma postura de flexibilidade e reflexão em relação às hipóteses formuladas a partir da aproximação com os pesquisados e do conhecimento acumulado sobre a temática” (SALES, 2005, p. 73). Aqui, intuição e percepção, entre outras subjetividades que podem atravessar a prática investigativa, podem e devem se articular, conjuntamente, às premissas que legitimam o saber como “científico”, como conhecimento, ou melhor, aos procedimentos, às técnicas e aos métodos instituídos e reconhecidos pela ciência moderna.

Neste sentido, questiona Sales (2005): “descobrir, investigar não deveriam ser caminhos de incertezas e experimentações? Os recursos metodológicos não se afirmam nas dúvidas?”. Ora, esse

questionamento traz para a prática investigativa um olhar sobre o pesquisador que o distancia do lugar de “dono do saber”, do detentor da verdade, e o aproxima do sujeito em processo de (re)elaboração não apenas do conhecimento, mas dos modos de produzi-lo, via perspectiva foucautiana e deleuziana de um “pensamento criador”. “Um tipo de pensamento que se depara com a diferença e a enfrenta, ativando seu papel criador e construtivista” (SALES, 2005, p. 72).

As pesquisas qualitativas e, especialmente, aquelas empreendidas no campo das ciências humanas e sociais (como é o caso desta pesquisa) vem se propondo ao exercício e reflexão de tal perspectiva, distanciando-se dos preceitos da produção de um saber positivista. Na tentativa de tal propósito, me mantive focado nas categorias centrais da pesquisa - juventudes e sexualidades - tomando como referência de análise, os percursos e circuitos do(a)s jovens frequentadores da PP e do DM, no espaço/tempo da pesquisa de campo. Assim, categorias de análise como estilo e modos de vida foram mostrando-se necessárias à compreensão dos modos como gênero e sexualidades mobilizavam (ou eram mobilizados) na dinâmica das misturas juvenis.

A pesquisa vai se redesenhando e sendo tomada por um movimento dialético, ou seja, do micro para o macro (e vice-versa), perpassando de significados e sentidos elaborados na sociabilidade juvenil nas praças da cidade, aos ordenamentos instituídos, hegemonicamente, no tecido social, sobre gênero, sexualidade, juventudes e cidade. No âmbito metodológico, um movimento (também dialético) do uno para o diverso, (de sujeitos demarcados por uma referência única - jovens gays - para jovens que frequentam a PP e o DM); de um espaço estático - um bairro popular - para um

espaço em movimento (os percursos e circuitos juvenis pela cidade); de uma sociabilidade situada, demarcada, para uma sociabilidade em trânsitos. Assim, a referência central dos sujeitos e do *locus* de investigação passa a ser os trânsitos juvenis, seus deslocamentos territoriais e existenciais (de estilo e sexualidade).

Conforme veremos nos textos que compõem este livro, são jovens que acionam, no âmbito do vivido na rua, mecanismos de pertencimento a “galeras”, via identificações com estilos e sexualidades diversos, fazendo dos espaços públicos da Cidade, espaços/tempos de novos arranjos socioculturais. Jovens que empreendem, por muitas vezes, estéticas corporais fluidas, inconstantes, vivenciando - ou simulando - um suposto pertencimento a determinado(s) estilo(s), uma suposta identificação. Jovens que fazem das praças e dos encontros juvenis espaços de experiências e vivências de modos de vida, por meio, especialmente, da experimentação de estilos e de práticas afetivo-sexuais não permitidos (reprimidos) em seus cotidianos. Jovens que ressignificam essas categorias - estilos e sexualidade - quando a elas vão atribuindo outros arranjos, outros sentidos, elaborando estruturas e sociabilidades constituídas por valores específicos, nem sempre em consonância com os ordenamentos hegemônicos.

É necessário ressaltar que não trato aqui de formas homogêneas do “ser” ou “estar” juvenil, de uma maneira única de um “eu” juvenil, tampouco busco um denominador comum às relações entre pares. Seria um equívoco a busca por uma uniformidade nos modos de estabelecer relações de grupalidade juvenil ou tentar identificar uma maneira única juvenil de lidar com estilos e sexualidades. Trato aqui de uma mistura (uma diversidade) de modos de percebê-los e experienciá-los.

Identifico, nessa suposta mistura, a coexistência de similaridades e discrepâncias, conceituais e empíricas. Além de uma mera identificação das diversas formas de viver e/ou perceber os movimentos existenciais juvenis (dentro das limitações temáticas às quais esta pesquisa se propõe a debater), busco elaborar algumas considerações acerca dos modos e das circunstâncias nas quais as construções sociológicas obrem gênero, sexualidade são elaboradas nas experiências entre pares dos jovens fortalezenses.

Aqui, os jovens que compõem as tribos, os grupos, não se fazem tão homogêneos como costumávamos crer que os eram, o que não significa dizer que as relações entre pares, especialmente nos grupos juvenis, se caracterizem por completas disparidades de identificações e modos de vida, mas que transitam por dimensões do uno e do diverso, sem se fixar completamente em um dos polos. Estava diante da ausência de uma lógica única que justificasse (ou explicasse) a grupalidade juvenil investigada, de uma uniformidade existencial que caracterizasse cada grupo, ou seja, a ausência de um consenso estético, político e ideológico, daí a expressão êmica “*tempos de misturas*”.

O encontro nas praças fazia desses jovens uma unidade - “*a galera de PP e/ou do DM*” - se tomarmos a categoria empírica “*galera*” como grupo, como grupalidade marcada por identificações coletivas. No entanto, essas “*galeras*” caracterizavam-se, especialmente, pela dimensão da “*mistura*”, ou seja, por marcadores, também, de singularidades e diferenças juvenis. Estar junto e/ou supostamente misturados não implicava em uma homogeneidade de modos de vida juvenil. Ser igual e diferente coexistia, simultaneamente.

Nesse contexto, identifico estilo e sexualidade como

elementos determinantes dessas misturas, de identificações e diferenças juvenis. A diversidade de estilos e de práticas afetivo-sexuais empreendida nas praças anunciava a existência, em cada estilo, em cada grupo, de “*mistérios*” e “*segredos*” específicos, e de práticas afetivo-sexuais diversas, os quais sabia não comportar na dimensão do espaço/tempo da pesquisa.

Nos “*tempos de misturas*”, formas múltiplas de grupalidade juvenis desafiaram o olhar do pesquisador que aguça respostas, que busca a descoberta. A mistura embaça o olhar curioso e a escuta se faz atravessada por ruídos da complexidade do vivido, inesperado, e ainda incompreendido. As perguntas norteadoras da pesquisa, elaboradas no processo de projeção da investigação, veem-se confrontadas (desafiadas) pelo inesperado, pelo imprevisto da realidade. Trata-se de “um conflito que se constitui no momento em que o campo não responde às inquietações iniciais do pesquisador e este não percebe que a não resposta se faz na evidência da emergência de outras perguntas” (JOCA, 2015).

Entendendo que “toda a pergunta é um buscar” (PAIS, 2003b), um emaranhado de novas questões nos convida (nos instiga) a outras buscas e, é no perguntar, nesse “buscar” sociológico, que nos fazemos pesquisadore(a)s. Se, frente à complexidade da realidade investigada, somos instigados a outras buscas, isso decorre de nossa capacidade questionadora de elaborar outras perguntas, outros questionamentos, frente às janelas que se abrem aos sentidos do pesquisador(a). As categorias de estudo e seus conceitos academicamente produzidos se veem mergulhados em diversas compreensões e interpretações juvenis. “O que acontece, não raras vezes, é que os conceitos descarrilham, saem dos “eixos”, dos carris, e ficam abandonados, enquanto

a realidade, em transformação, se afasta cada vez mais desses conceitos” (PAIS, 2003b).

Assim, evito generalizações e minhas afirmativas estão quase sempre acompanhadas de ressalvas “*alguns jovens*”, “*alguns grupos*”, “*parte dos...*” etc. Uma alternativa metodológica foi recorrer aos aspectos individuais e/ou coletivos que cada jovem apresenta ao relatar suas trajetórias, seus percursos, suas escolhas, seus olhares sobre si e sobre os outros (ora tão próximos, ora tão distantes), pelos circuitos juvenis da Cidade. Isso porque, o “ser” ou “estar” roqueiro, *emo*, *otaku* (entre outros estilos); o “ser” ou “estar” hétero, bi, gay se fazem em meio a uma diversidade de elementos existenciais que dialogam com suas experiências individuais e coletivas. Formas existenciais atravessadas por oportunidades, por escolhas, por histórias de vida e experiências vividas nas (e para além das) praças. Para além da sociabilidade juvenil em pares.

Por Percursos e Circuitos Juvenis...

Pensar nos modos de vida dos moradores de grandes Cidades nos remete aos movimentos, aos trânsitos, aos deslocamentos, às ações que se fazem necessárias às práticas cotidianas do trabalho, dos estudos, do lazer, das interações nos centros urbanos. Esses movimentos que anunciam modos específicos do ver e do viver a (e na) Cidades, não se fazem de maneiras homogêneas, mas por uma diversidade de motivações, de contextos e situações que nos levam a constituir estilos de vida,

modos específicos de estabelecer relações com “o outro” e com a Cidade. Assim, tomados por nossas identificações individuais e coletivas, vamos construindo nosso “universo particular” (como afirma a música popular), nossa Cidade particular, por percursos e circuitos de sociabilidades e afetividades.

Outra dimensão subjetiva surge quando tratamos de movimentos de grupos específicos, de sujeitos que se identificam por determinadas referências, constituindo, assim, um grupo. Quando tratamos dos percursos e circuitos juvenis, os estudos da juventude tendem a tratar das sociabilidades que se fazem a partir da grupalidade juvenil, dando ênfase às interações das “tribos”, das “turmas” ou “galeras”, como preferem o(a)s jovens desta pesquisa. Os estudos que tomam as “culturas juvenis” (PAIS, 2003a) como categoria de análise para a compreensão de seus processos formativos, de suas práticas e saberes, também, apontam para novas formas de olhar e desvendar o universo juvenil.

Foi acompanhando os modos como se fizeram pertencer à “galera da PP” e/ou à “galera do DM”, as motivações que os levaram às praças e à descoberta de uma Cidade para além de seus bairros de morada, que esta pesquisa foi se constituindo em um fazer etnográfico, por um movimento de intensa observação do campo, de uma pedagogia sensorial (da escuta, do olhar, do sentir do pesquisador) na aproximação com as relações e situações vividas pelos jovens. Uma pesquisa por práticas e experiências etnográficas, diria Magnani (2009), empreendidas por meio de um fazer etnográfico possibilitado pela aproximação, “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002).

Desse modo, fui elaborando, no decorrer da pesquisa de campo, um fazer etnográfico sobre (e por) trânsitos juvenis: nos

bancos das praças, nas “*voltas*” entre as “*galeras*”, nos ônibus, a cruzar a cidade, porque entender, registrar, observar os modos como gênero e sexualidades eram acionados na sociabilidade juvenil da rua, exigia adentrar nos meandros dos trânsitos que constituíam a vida juvenil nas ruas e nas praças, ou seja, um método que possibilitasse, nas palavras de Machado Pais (2003b), “um vadiar sociológico”. O alcance desse objetivo exigia uma etnografia não estática, mas fluida, elaborada também em movimento, e foi seguindo seus rastros, acompanhando-os, ouvindo-os em situações diversas e, por vezes, adversas, que pude “trotar a realidade, passear por ela em deambulações vadias, indicando-a de uma forma bisbilhoteira, tentando ver o que nela se passa mesmo quando “nada se passa”” (PAIS, 2003b).

Os movimentos desse “fazer etnográfico” se deram a partir da técnica de observação participante, da realização de entrevistas e de grupos de discussões. A observação direta por percursos e circuitos juvenis, apesar de empreendidos, quase sempre, a partir de minhas escolhas - de minhas intencionalidades e, é claro, de minha disponibilidade -, por muitas vezes (para evitar a afirmativa, quase sempre) eram determinados pelas circunstâncias do campo. Chamo de circunstâncias, o aspecto enunciativo (no sentido Backtiniano) do vivido, ou seja, as situações, os contextos, os lugares sociais dos interlocutores, a disponibilidade dos jovens de se mostrar, a minha capacidade de inserção nos grupos, de aproximação com alguns, de empatia entre pesquisador e pesquisados, assim como a mediação entre os riscos aos quais estava exposto e os ganhos às pretensões da pesquisa.

Já era sabedor de que o percurso da pesquisa etnográfica não se fazia exclusivamente a mercê dos interesses acadêmicos do

pesquisador. O seu caminho estaria também condicionado pela enunciação do campo investigado, de modo que nesta pesquisa, a anunciação parecia ora acelerar, ora frear os movimentos da investigação. Um caminhar em velocidades múltiplas em que, por muitas vezes, era tomado pela sensação de está parado, ou a deriva, sem avanços, sem grandes perguntas e, tão pouco, sem respostas às indagações, elementos tão peculiares à tarefa do pesquisador.

Um importante instrumento de pesquisa foi o diário de campo, no qual registrei, em detalhes e extensas descrições, os fatos, as pessoas, as situações vividas e/ou presenciadas, os modos como interagira com os jovens e como por eles era interpelado e vice-versa. Sentimentos e sensações vividos no campo também constavam como uma espécie de registro em um tom mais intimista e, nem por isso, menos importante à compreensão do percurso etnográfico.

Numa tentativa de não deixar escapar o observado, as percepções do vivido, o registrado também o que aparentemente pareciam, no instante da escrita, informações desnecessárias, o que não era uma escrita restrita (limitada) a intencionalidades conscientes da pesquisa. O registro no diário, por vezes, despia-se de escalas de importância e o que no instante do vivido podia parecer desnecessário, em momentos posteriores (durante as repetidas leituras), revelavam importantes informações, oferecendo um leque de elementos para a análise dos percursos e circuitos juvenis.

Os trânsitos juvenis são entendidos aqui em dimensões que vão dos aspectos territoriais (geográficos, no âmbito dos deslocamentos urbanos) a trânsitos existenciais (por estilos e experiências afetivo-sexuais). A diversidade de sentidos e significados que os jovens atribuem às suas experiências na rua

foi um elemento determinante para compreender que, neste campo, poucas seriam as possibilidades de generalizações. Estava eu, diante de uma diversidade de expressões existenciais juvenis que, sob a égide da “mistura”, se fazia una e diversa, no entrelaçar de identificações, de diferenciações, de tentativas de ser igual e, simultaneamente, de demarcar diferenças. Um campo minado, que me seduzia à crença de afirmativas, aparentemente inquestionáveis, como por exemplo, a defesa do caráter de “mistura”, tantas vezes valorizada pelo(a)s jovens ao descreverem as interações nas praças.

Daí a expressão do(a)s jovens - “*tempos de misturas*” - para caracterizar os encontros juvenis nas praças da Cidade. Estavam ele(a)s referindo-se, especialmente, às misturas de estilos, de modos de vida, de modos de vivenciar e experienciar desejos, prazeres e fantasias sexuais, de experienciar relações afetivo/sexuais. Seriam esses tempos afirmadores de novas dinâmicas sociais e novos arranjos de sociabilidades urbanas? Seriam tempos de rupturas com valores, preconceitos e discriminações que ainda tomam a classe, o gênero e a orientação sexual como determinantes de afetos e desafetos? Desses questionamentos, surgidos no decorrer da pesquisa, fui tomado pelo desejo de aprofundar-me na investigação da densidade dessa mistura, de tentar compreender suas possibilidades, suas limitações e fragilidades, suas densidades e intensidades, procurando observar os encontros e desencontros dos discursos juvenis sobre as “misturas” com as experiências observadas sob os preceitos etnográficos. Estariam ele(a)s, de fato, misturados, como insistiam em afirmar?

As “misturas” tão valorizadas pelo(a)s jovens desta pesquisa se dão por duas dimensões: na relacional (do “eu” com “os

outros”) e na existencial (considerando múltiplas possibilidades existenciais, de identificações, de pertencimentos). Isso porque, são jovens em processos de “está sendo”, ou melhor, de “está se experimentando”, por dinâmicas de sociabilidades que lhes aproximam de uma diversidade de possibilidades de está no mundo, de fazer-se jovens.

As interações aqui estudadas, caracterizam-se, entre outras dimensões, por um confronto ideológico, ético e sociocultural, que dar-se pela inversão da dinâmica de sociabilidade que, ao tomar as identificações, ou o pertencimento a determinados grupos sociais, “tribos”, “grupos juvenis” ou “galeras” (como anunciam os estudos sobre juventude), como único referencial para as interações em sociedade, nos limita ao encontro com os iguais, com os pares, à homogeneização do vivido, do cotidiano, ao apressamento narcizista pelo espelho, pelo reflexo. Por outro lado, as sociabilidades juvenis aqui investigadas, se mostram como práticas sociais tomadas pelo desejo da “mistura”, do encontro e das interações com e entre diferenças. Uma ruptura que anuncia outras lógicas existenciais, menos essencialistas, cada vez mais distantes de perspectivas inatistas e mais propícias à compreensão de nossa existência como processos experienciais, como dinâmicas que se fazem nos percursos da vida vivida, sob o preceito freiriano de que “ninguém nasce feito” e de que “a gente não é, a gente está sendo” (FEIRE, 2001).

Em certa medida, o distanciamento dos ornamentos (das instituições sociais) hegemônicos e homogenizadores dos sujeitos, das tentativas de “normalizações” e/ou “normatizações” (SILVA, 2000) se faz necessário, no sentido de aproximar-se de um leque de possibilidades existenciais. Esse movimento simultâneo, de

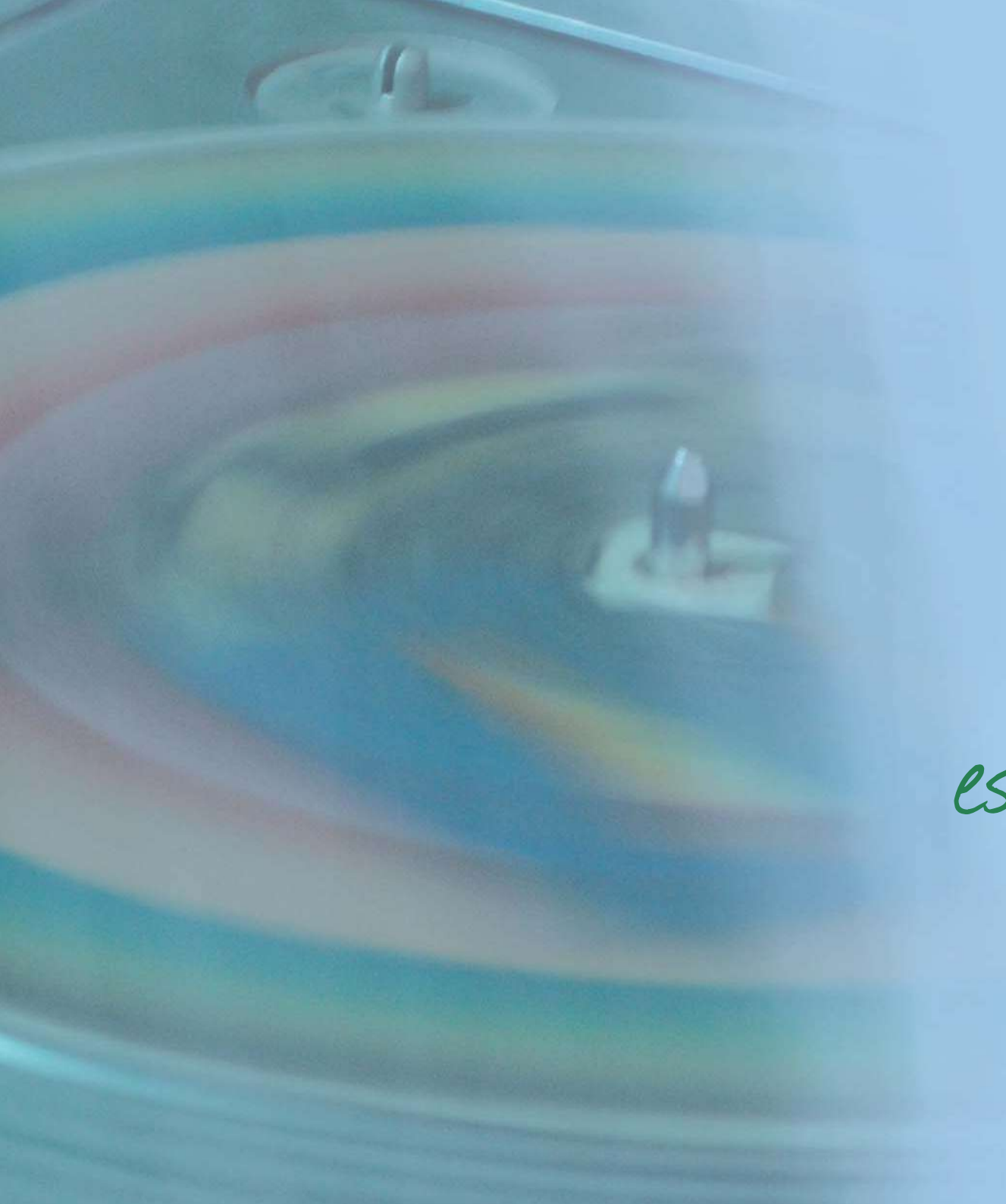
distanciamento e aproximação, não implica em uma ruptura com os saberes já adquiridos no decorrer da vida, mas na possibilidade do encontro com a diversidade humana, com diferentes modos de vida, diferentes modos de viver e ver-se na cidade, no mundo. Vivencia-se assim, o encontro e o confronto de caráter ético, de valores morais, de princípios e preceitos que transitam por dualismos entre o permitido e o proibido, entre o sagrado e o profano, entre o bem e o mal etc. Para isso, as vivências (experiências) juvenis passam por uma diversidade de elementos que propiciam esses distanciamentos e aproximações. A dimensão da territorialidade, da imersão em um universo citadino para além dos espaços institucionais, se faz importante nesse espaço/tempo da vida juvenil.

A subversão juvenil se dá também nos modos de apropriação dos espaços públicos da Cidade, quando jovens moradores de bairros populares, de classes economicamente menos favorecidas, rompem as fronteiras que fazem dos espaços públicos, territórios demarcados por divisões de classe, étnico/racial, de orientação sexual (entre outras), determinados pela lógica econômica do capital e de demais valores e princípios sociais. Ao atravessar a Cidade de bairros populares na busca de sociabilidades e interações em territórios historicamente ocupados pelas elites - como a Praça Portugal (PP), no centro do bairro Aldeota, e o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), na Praia de Iracema - esse(a)s jovens (re)desenham a Cidade, instituindo uma lógica de pertencimentos territoriais de “misturas”, tomando como referências outras dimensões culturais. Uma lógica de pertencimento à Cidade e, simultaneamente, de fazer a Cidade, que se confronta com valores sociais hegemônicos dos tempos contemporâneos.

Retomando a questão central deste livro, os percursos e circuitos juvenis nos ajudam a entender as táticas juvenis empreendidas, no intuito de viver a experiência da sociabilidade com as diferenças, sob “misturas”, considerando que nas sociedades modernas estamos constantemente marcados por políticas de identidades que instituem referenciais de ocupação dos espaços citadinos, nos impondo práticas, modos de vida, estilos e sexualidades (entre outras dimensões), no sentido de nos identificarmos com determinados grupos e/ou identidades.

Os percursos e os circuitos desses jovens na cidade de Fortaleza apontam para práticas de deslocamentos, de trânsitos e mobilidades urbanas. Se por um lado são motivo(a)s pela fuga, ou seja, por um modo de vida escapatório do cotidiano (FERREIRA, 2008), por outro, são motivado(a)s também pela busca de novas formas e modos de viver a juventude, de expressar-se. “Ali, transitava-se por outra cidade, entre outros jovens, entre outros estilos, entre outras práticas e experiências juvenis. (...) Um hedonismo que se estrutura a partir da reelaboração de condutas e práticas sócias” (JOCA, 2015). Assim, enquanto se apresentam como sujeitos em formação, em processos de descobertas, de experimentações diversas, entre elas, aquelas relacionadas às sexualidades, demonstram um extraordinário potencial de superação a velhas e arcaicas amarras socioculturais.





Parte II
Espelho,
espelho meu...



Jovens nas Praças: narrativas juvenis

“Meu nome é Tittyz. Eu danço!”

“Meu nome é David Bruno. A galera me conhece como Tchuco. Sou das antiga.”

“Meu nome é Beto. Eu sou do estilo From UK.”

“Meu nome é Ana. Não gosto de estudar. Sou bissexual.”

“Meu nome é Angelo. Eu sou legal, converso com todas as pessoas.”

“Meu nome é Jerônimo. Eu sou um cara influente entre os jovens.”

“Meu nome é De Menor. Sou uma pessoa extremamente amigável, companheira.”

Quando somos convidados a nos apresentar, costumamos dar ênfase à nossa relação com o contexto em que estamos inseridos. Em um ambiente de trabalho, geralmente, a formação e experiência profissional ganham destaque. Em situações de informalidade, por exemplo, estamos mais propícios a ressaltar os aspectos com que mais nos identificamos e, conseqüentemente, com os quais queremos ser identificados. Quem somos, o que somos, o que fazemos, como e onde vivemos são fragmentos que se complementam e dão sentidos a nossos modos de vida.

Durante as entrevistas individuais e os grupos de discussão, sabendo que estavam participando de um estudo sobre juventude e sexualidade, cada jovem, de maneira singular, destacou alguns marcadores de identificações que compõem seus modos de vida, sem que para isso, fosse necessário persuadi-los. Os estilos, a orientação sexual e outros mecanismos de identificações (como música, dança etc.) surgem como elementos constituintes desse *ethos* de si, determinantes para as dinâmicas de grupalidade e sociabilidades afetivo/sexuais. O olhar que lanço aos “*tempos de misturas*” juvenis procura captar como estilos e sexualidades se entrecruzam, dialogam e negociam essas interações, capazes de mobilizar grupalidade sob diferenças e semelhanças plurais e, por vezes, cruzadas.

Neste estudo, assim como em muitos outros sobre juventudes, os estilos juvenis, compreendidos como “um conjunto mais ou menos coerente de elementos materiais ou imateriais de afirmação simbólica” (PAIS, 2008, p. 235), são importantes referenciais para a compreensão dos processos socioculturais de identidades ou identificações dos jovens. Por dar, neste estudo, ênfase à estética corporal juvenil, o conceito trazido por Diógenes (1998, p. 28-29) aproxima-se das questões aqui abordadas, quando considera os estilos “signos da comunicação visual, de um modo de apresentação que opera um refluxo da linguagem para dar passagem para sinais inscritos no corpo, coreografados nas gestualidades”.

No entanto, são as interações juvenis sob a “*mistura*” de uma diversidade de estilos e sua interlocução com marcadores de gênero e sexualidade, o terreno em que concentro o debate e, no intuito de vislumbrar as negociações mobilizadas entre estilos juvenis e sexualidade, observo as representações juvenis sobre os estilos adotados por meio da expressão estética e performática do (e empreendidas no) corpo a

partir dos significados e sentido atribuídos pelos jovens. Observo ainda os modos e motivações juvenis ao empreendimento desses marcadores no contexto das interações entre pares, nos espaços públicos que se fazem sob “misturas juvenis”. Assim, qual a relação entre a adoção de um estilo e a sexualidade juvenil? Como estilos e sexualidades são negociados a partir da elaboração da estética e da performatividade corporal dos jovens? Que representações sobre sexualidade são elaboradas tendo como referência a adoção de estilos? Como elas agenciam dinâmicas de grupalidades e mobilizam motivações afetivo-sexuais?

Acredito que as interações, ou melhor, as formas e os mecanismos de sociabilidade acionados pelos jovens dos “*tempos de misturas*” são um caminho para a compreensão das dimensões sócio/afetivas elaboradas pelas experiências juvenis, que anunciam tempos e formas de convivialidade nos quais marcadores de semelhanças e diferenças podem determinar grupalidades.

Durante o grupo de discussão II, os jovens *gays* e *lésbicas* moradores do bairro Jangurussu (02 garotos e 02 garotas) construíram uma narrativa partindo das imagens das interações juvenis na PP e no DM. Essa narrativa é resultado do cruzamento dessas imagens, feitas a partir de minha percepção, com a leitura juvenil baseada em suas vivências. Assim, recorro à antropologia da imagem, por meio de técnicas de projeção, na qual os jovens, de modos singulares, assumem o papel de narradores de um enredo do qual são, indiretamente, personagens. A escolha das 30 fotos (entre as 60 disponibilizadas) e a sequência da narrativa ficava a critério dos jovens, que alternavam o papel de narrador na elaboração de um único enredo. Esta narrativa, por sua vez, revela elementos importantes sobre como os processos de sociabilidades juvenis mobilizam interações e os modos com que suas diversas identificações negociam códigos e marcadores de gênero e sexualidade.



Certo dia um grupo de jovens saiu rumo ao encontro de amigos no DM. Chegando lá todos se reuniram e começaram a conversar. Nisso, passam horas e horas, até chegar a noite e, cada vez, foi chegando mais gente, mais gente e mais gente.



Uns foram conversar, outros dançar, outros beber, outros vão atrás de “ficar”, namorar, algo do tipo, e assim vai a noite.



Eles passam a noite bagunçando, virando lata,; uns ficam olhando para o tempo; outros com os amigos e chega certo momento em que eles vão pra praia ver o nascer do sol e depois da praia vão pra casa de ônibus pro Jangurusu.





No outro dia, eles costumam fazer outro encontro na PP, no domingo, e vão assim né!? Uma turma de gente, encontrar amigos, arrumar paquera, várias coisas!



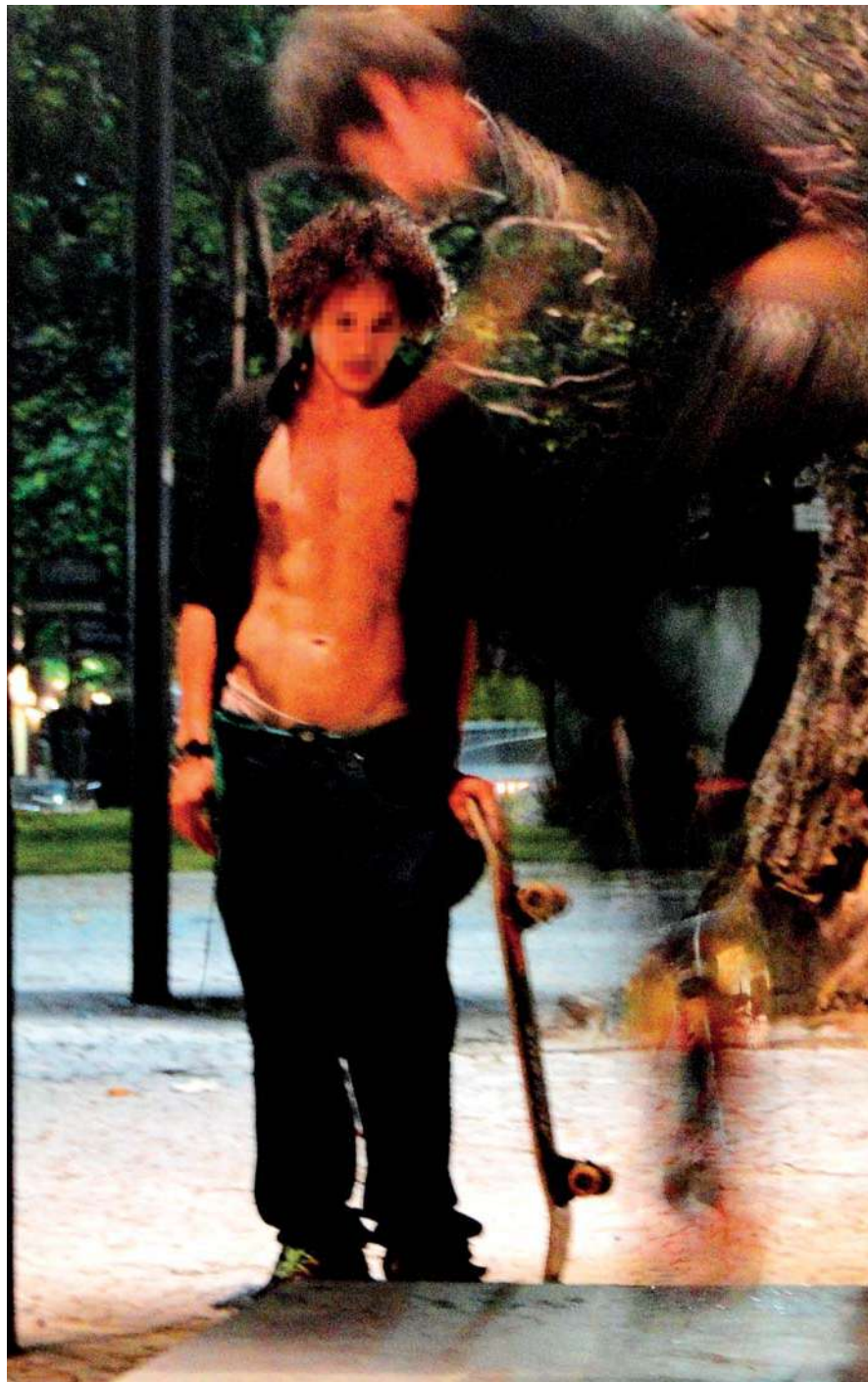
Tem muita gente que vai pra lá solitária, pra pensar na vida. Assim, “não sabe o que fazer” e ficam pensando. Senta em um canto sozinha e fica ali, pensando o que vai fazer no resto da noite.



Como tem um grupo de gente na praça, ficam olhando e pensam em fazer amizade. E tem gente legal né!



Aí os grupos começam a se identificar. Tipo assim, tem um roqueiro que se identifica com um grupo. Ai depois eles começam a conversar.



O Dioe que mora beeeem distante da praça, no Jangurussu, no São Cristóvão, é um menino que tem facilidade de fazer amizade. Ele costuma ir pra praça se divertir e pensar em algo e no que fazer no resto da noite. Ele gosta de fazer amizade. É estudante.



Enquanto o Dioe está lá com a turma, passou o Juliano e a Taís. Eles iam conversando com a bebida na mão. Conversavam sobre a vida, as liberdades que eles têm ali e as liberdades que eles não têm com os pais. Eles são amigos. Super amigos!!! É estudante e encontra um grupo de amigos que se identifica com ele. O estilo deles é esquetista.



E assim vai passando a noite... Pessoas chegando, pessoas saindo, se divertindo... e quando chega a semana alguns jovens vão à escola. Dizem que vão à escola, mas já é com a intenção de gazear e ir pro Dragão do Mar encontrar com outros amigos.

E enquanto eles estão conversando, a Tatiane fica sentada, pensando na vida. A Tatiane mora no Jangurussu também. Ela é uma menina bem roqueira, né!!! Pelo estilo dela... Ela é um pouco solitária. Ela não gosta muito de tá conversando com os amigos, por ela ser uma menina calada. Ela não gosta de briga, mas quando ela entra!!!! Não pise no calo dela!!! Enquanto ela fica pensando, o Thomaz e a Sara estão láaaaaa conversando, brincando, olham pra ela e pensam: "Por que aquela menina está ali sozinha, pensando, em vez de está aqui com a gente, conversando, curtindo?"

O José. O José saiu de casa dizendo pra mãe dele que ia pra escola... Ele estuda no Centro, no Colégio Visconde do Rio Branco, mas ele já saiu de casa com tudo combinado de ir pro Dragão do Mar se reunir com os amigos. Ele é otaku e foi encontrar os amigos pra conversar sobre anime... porque quem é otaku gosta de anime.

O José tem turma lá no DM. Cada estilo tem turma diferente, mas às vezes eles se misturam. Se misturam porque tem intimidade, às vezes! Eles têm outros amigos de outros grupos. Lá não tem esse negócio de gay só com gay, otaku só com otaku. Não é assim! Eles conversam entre si também nesse ambiente. O José foi ao encontro dos amigos. Já tinha feito isso antes no final de semana, mas como não foi o bastante e decidiu matar aula pra encontrar os amigos. Chegando lá ele encontrou os amigos e novamente ele começa a beber e escutar música. E os únicos conhecidos que José encontrou nessa noite foram alguns roqueiros e ele curtiu pouco. Para ele não ficar tão solitário resolveu se juntar com eles, já que eram conhecidos. Então lá ele começou a beber e escutar música.

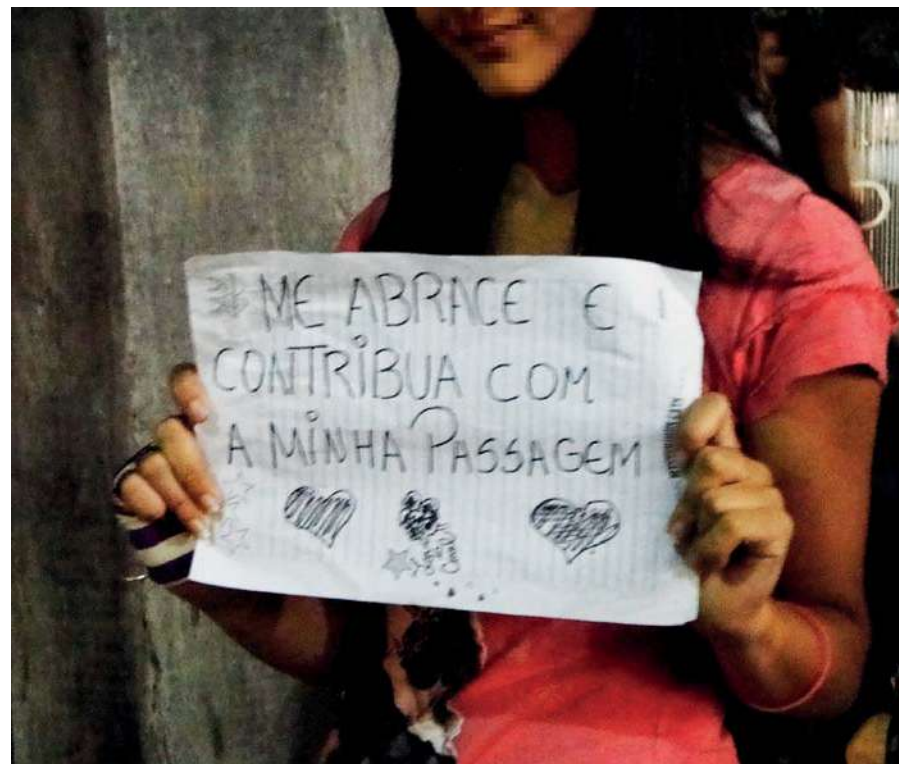


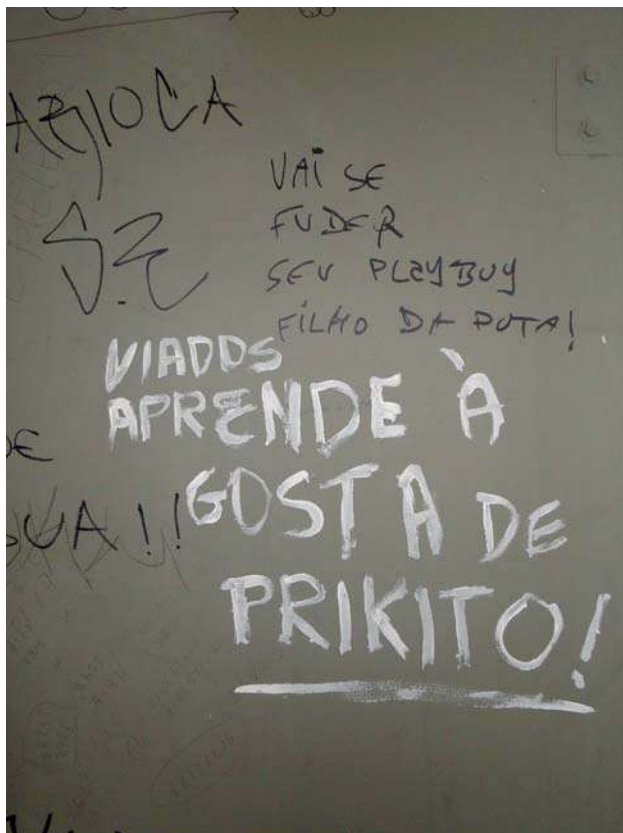


O José, que é otaku, não costuma escutar música no DM. Ele vai mais para conversar sobre anime, mas já que ele não queria ficar sozinho, ele resolveu ficar perto dessa galera de roqueiros com quem também se identifica um pouco.

Nisso, foi caindo a noite e ele continua lá, no DM. Coincidentemente, chegam mais pessoas e vai juntando e num certo momento uma menina aparece com uma placa escrito “Me abrace e contribua com minha passagem”. É a Maria. Ela quer ganhar dinheiro fácil e abraçar fácil também.

A Maria é uma pessoa simpática e criativa. Ela precisava de dinheiro da passagem e resolveu fazer um cartaz. Foi bem inteligente porque conseguia dinheiro e algo mais: abraços. Daí dá até pra fazer amizade também porque as pessoas abraçam e perguntam o nome e tal... e vai se enturmando mais ainda.





Algumas pessoas pensam que é só caô. Só pra ganhar dinheiro. Realmente, pode ser só caô mesmo, dizendo que quer um abraço, mas a Maria não!!! A Maria é diferente! Ela quer mais é abraçar pra fazer amizades e já que ela não tinha o dinheiro da passagem também ela resolveu fazer o cartaz. Foi bem criativa!

Alguns gostam de pichar as paredes. Um dia alguém colocou: “Vão aprender a gostar de prequito!”. (risos). Foi o Diego. Ele escreveu porque se sentiu revoltado com os heterossexuais. O Diego é um menino legal. Ele é gay e gosta de fazer amizade. É uma pessoa muito simpática. Ele se comunica com várias pessoas nesses ambientes, na PP e no DM.

Tem amigos mais próximos gays e otakus e, tipo assim, outros que não são parecidos com ele. Ele pinchou revoltado com alguns heterossexuais que andam nesses lugares e que fazem hora com as pessoas que são gays e tal.



O Diego anda às vezes na praça para se identificar com os outros e pensar na vida. Ele é moreno, meio afeminado. Anda todo rosado e gosta de extravasar o que é, né?! Ele é muito carente também! Quando chega uma pessoa ele gosta de conversar, abraça. Gosta de se preocupar com os amigos e tal. Em casa, às vezes ele tem algumas intrigas com a família, mas resolve tudo numa boa.



O Diego chega no DM, senta com os amigos, e começa a jogar MPG, ouvindo um tipo de música que eles gostam. Aí ele conhece um rapaz e se interessa por ele. Eles saem pra dar uma volta.



O Robesvildo também anda lá. É solitário. Sempre na dele. Ele tem amigos, mas gosta de ficar em um lugar reservado. Fica pensativo, pensando no que fazer ou em alguma solução para os problemas dele. Ele mora na BR, próximo do Castelão. Ele é de classe média baixa e tem um jeitinho de emo: o estilo do cabelo, o modo como ele está sozinho com cara de triste. Por mais que ele tenha tudo, ele sempre vai ser triste.

**Mas enquanto Robesvildo pensa... todo mundo está numa bagunça...
Vários grupos reunidos num mesmo local.**



Esses grupos de amigos se reúnem pra conversar, por o papo em dia, beberem muito!!! Muitos deles gostam de dizer o que passa na vida, com os familiares e tal. Muitos gostam de desabafar. Tem mãe que nunca aceitou a filha... e a mãe morreu!!! Ela ta sofrendo bastante!!! É como se fosse um se apoiando no outro pra terem forças. Alguns não têm a quem procurar em casa. Não tem familiares pra discutir sobre o sofrimento, o que sente, e vão procurar os amigos, mas nem sempre recebe coisa certa desses amigos. Nem sempre o conselho é certo. Alguns tomam muitas opiniões, como drogas e tal.



É natal e todos estão reunidos novamente. Tem luzes e árvore na PP. Tem também uma santa na praça onde os católicos se reúnem pra rezar. Eles estão orando por aquelas pessoas que precisam de uma oração. Eles estão ali pra ajudar. Eles estão ali rezando, como se fosse para que aquilo acabasse, pra tentar tomar a praça dos jovens... pra eles não brigarem, beberem muito, fumar, se drogarem



Para não fazerem aquelas coisas que está errada, como eles acham – gays, lésbicas, essas coisas –, pros homossexuais acabarem. Como eles falam: “Deus criou o homem para a mulher e a mulher para o homem!”. Eles acham que eles lá, rezando, orando, eles podem mudar algo. pra eles não brigarem, beberem muito, fumar, se drogarem.



Tem outros jovens sentados conversando. Tem um exibindo a roupa fashion da noite, com cortes, decotes nas costas. Na praça não é sempre que tem gays que bebem, que procuram coisas pra se drogar e pra lamentar da vida. Também tem muitos que vão pra ouvir música, curtir com os amigos e fazer brincadeiras.



Não tem só coisas ruins naquela praça! Tem muitas brincadeiras que surgem. Tem também coisas criativas, tipo assim, você andar numa corda, brincando com os amigos, pra ganhar tinta. O Caio está andando numa corda pra conseguir algo que ele quer. Ganhar a brincadeira.



Os jovens costumam também pintar o cabelo pra mudar o visual. Eles querem mudar o visual. Sempre querem arrumar uma forma de chamar atenção das pessoas: sapato colorido, calças, botar pircens etc.

O Paulo também anda aqui. Ele é uma pessoa muito observadora. Ele gosta de observar primeiro o povo da praça. Ele não chega logo fazendo amizade. Ele observa e depois ver se vai se entender com a pessoa e aí começa a conversar. Ele gosta de andar de skate... de passear pela Beira Mar e de curtir a vida.



Ele é bi. Muitos que costumam ir naquela praça são bi, mas com pouco tempo, e a maioria vira gay. O Paulo não gosta muito de dizer que é bi porque as vezes ele se sente assim... não se sente à vontade, porque ele não sabe se quer... o que ele quer ainda. Ele não sabe se é isso que ele quer. Ele tá em dúvida.

Enquanto isso, a noite se passa e vem outro dia. E novamente vão pra onde? Pro Dragão. Lá está o Vitor. Ele está sentado, curtindo uma música, olhando para os amigos que se encontram lá. Os amigos estão dançando hip-hop. Lá tem uns amigos que ficam em círculo e começam a dançar embaixo do planetário.

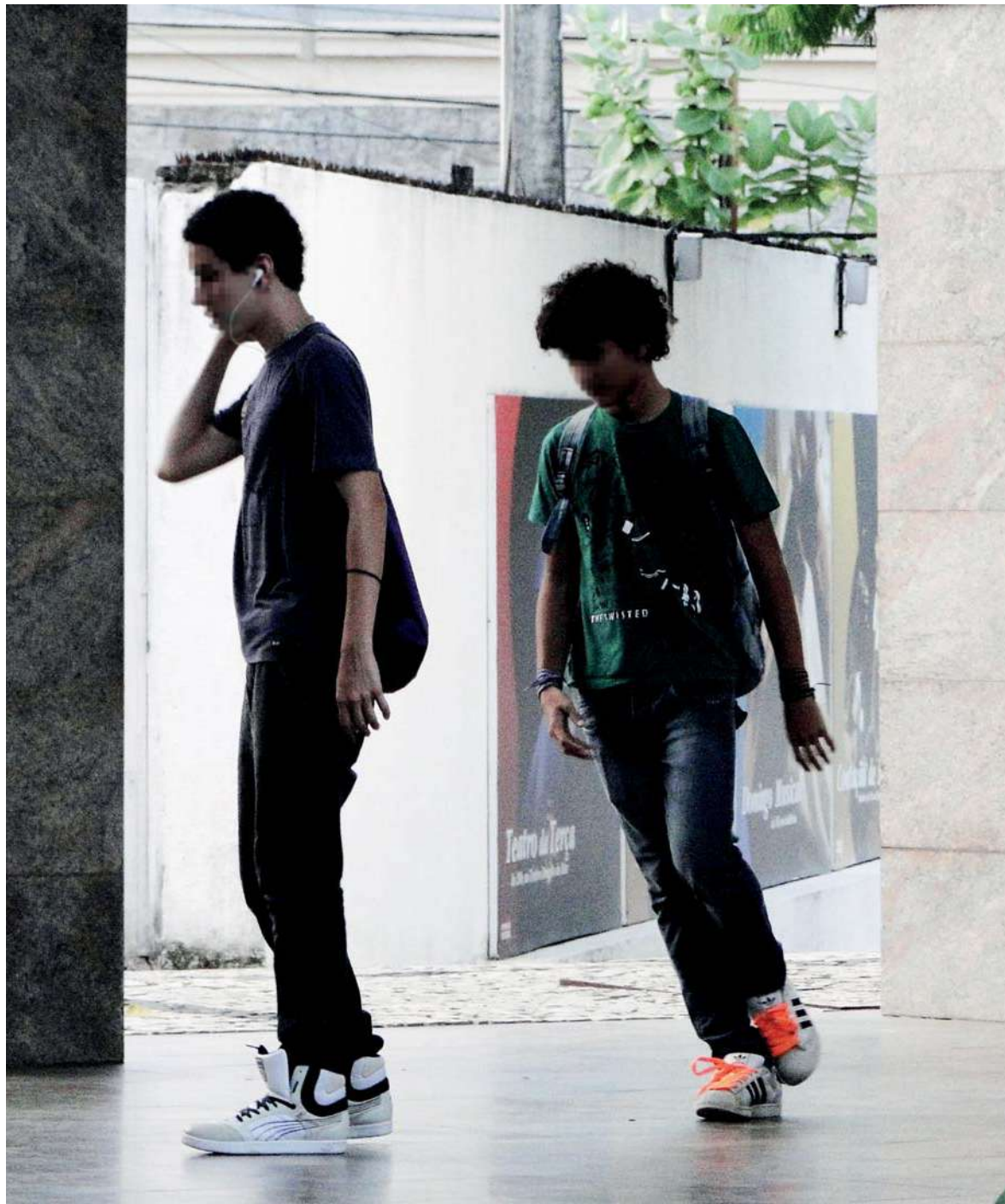
Várias pessoas, os amigos dele: o Luís, o Antônio, que são amigos dele, parceiros mesmo!? Eles sempre se reúnem lá pra dançar. Lá também existem meninas que dançam, mas a maioria mesmo é homem. Porque eles se destacam mais e é uma dança que precisa ter muita força nos braços, nos movimentos que eles fazem. Tem mulheres que não tem tanta força assim e elas preferem fazer outras coisas. A vantagem do Break é que é uma dança que movimenta mais as pernas e os braços e não tem muito contato com o solo.

O pessoal do hip-hop só vão pra curtir o break, só dançar. Só vão onde tem espaço pra dançar. Só vão à PV se tiverem algum amigo pra beber e pra conversar, coisas do tipo, mas a área deles já é marcada embaixo do planetário, pra dança. É um grupo que não gosta de se misturar com os da PV porque eles gostam de se identificar só com eles mesmo.

É assim, um grupo que já é só deles. Um grupo específico! Só deles!? É como se só eles existissem. Se um grupo de punks chegasse lá no meio deles, antes deles, e chegarem e se misturassem lá no lugar deles, eles não iam gostar. Com certeza, eles iam mandar todo mundo sair porque a área já é deles. É totalmente reservada pra eles. Mas isso aqui, a área deles não é como os punks, squired, emo, tipo esse pessoal alternativo que chega e fica virando a noite... essas coisas. Eles têm até um certo horário pra ficar lá. Tem hora de começar e hora de terminar. Depois desse horário eles não se misturam mais. É como se fosse uma regra deles. Eles não se identificam com as outras pessoas. Se eles ficarem lá, eles vão ficar perto deles mesmo, do grupo deles. Não vão querer se misturar. Não vão querer conhecer pessoas novas, dos outros grupos, tipo roqueiros, essas coisas.



Tem gente que dança Jamp Staile, free step, jampol e muitos grupos fazem coisas de mulher, homem, criança. No free step, tem gay, lésbica, bi. O free step, o jamp, o Jamp Staile, são danças totalmente alternativa, aceitam tudo.



Já o no hip-hop é muito difícil encontrar um gay dançando break, até porque nem todos do hip-hop aceitam. Eles aceitam. Podem até aceitar, mas é coisa rara de se ver, um gay dançando break. Os gays não se misturam também com os grupos de prirangueiros porque eles são totalmente diferentes!!!

Em uma bela tarde o Paulo e o Pedro estavam dançando. Eles têm o estilo de free step. Dá pra identificar pelo tênis, cabelo e pela roupa. Andam sempre com os fones no ouvido, ouvindo música. Ficam sempre assim, se movimentando, dançando.



As pessoas também gostam de mostrar as coisas sabem... como posso dizer... mostrar roupas, pircens... essas coisas novas que eles compram. “- Ahhh isso aqui é legal!!!”. Ai vai criando uma modinha. Criando uma moda. Por exemplo: uma pessoa cria a moda dos alargadores. Uma pessoa botou e mostrou pra outra e diz assim: “- Olha o que eu consegui botar na minha orelha!”. “- Ah!!! É legal. Eu vou alargar também.”. Aí começou a moda dos alargadores. É mostrando pros seus amigos que andam lá. Tipo assim... eu rasgo minha blusa aqui ou pinto o rosto, faz cara do Diek, essas coisas, ai vão criando moda. Às vezes a moda de um grupo passa pro outro. Tem um grupo no DM que pinta o rosto, todo mundo de um jeito. Todo mundo corta o cabelo de uma forma, pra se identificarem. “-Ah!!! Aquela pessoa ali é do grupo tal e tal”.

Enquanto isso Pedro e João estão dando uma volta. Eles são dois meninos legais que sabem conversar com os outros, s bem ter amizade com as pessoas... O estilo deles está mais pra pirangueiro, mas são dois boyzinhos, dois boys.

Esse estilo de boy as pessoas identificam como pirangueiros, mas não é! São pessoas que são gays, mas não gostam de demonstrar. Eles são gays, mas não gostam de demonstrar assim pelo visual... Eles são mais discretos! Quem olha assim pra eles pensa que são dois héteros. Eles são muito diferentes do Diego! O Diego é muito extravagante... efeminado, gosta de se expor.



Eles, Pedro e João, vão encontrar outros dois amigos que também estão ficando. As pessoas que são heteros – tipo, as mulheres – passam lá com seus filhos e não deixam que eles olhem pra aquilo, pra não deixar ver, como se fosse influenciar, como se aquilo fosse influenciar na vida dos filhos, mas eles não estão nem ai. Não se importam com os outros, com a opinião dos outros. Só querem saber de ser feliz.



No final eles se reúnem com outros amigos e vão bater uma foto pra ficar guardada de lembrança. Na foto tem um grupo de amigos de vários tipos: roqueiros, gays, otakus, lésbicas... Assim... todo mundo junto em um só lugar. São todos amigos. Todos!

Anjos de Si: imagens, corpos e subjetividades juvenis

“Espelho, espelho meu. Existe alguém mais bela do que eu?”, questionava a Rainha Má ao seu espelho mágico, personagens do clássico conto de fadas alemão “Branca de Neve e os Sete Anões”, escrito pelos Irmãos Grimm nas primeiras décadas do XIX. A pergunta, não menos clássica, diante do espelho da verdade, nos remete aos processos do olhar para si em constante referência ao outro, num limiar de afirmações entre diferenças e semelhanças, por hierarquias não fadadas nem ao campo da estética, nem ao universo da literatura infantil.

O conto atravessa séculos pelo imaginário infantil, a encantar crianças do mundo inteiro, apresentando um enredo no qual a beleza, a inveja, o amor e a amizade mobilizam tramas e conflitos entre o bem e mal. É esse enredo que ilustra os espaços temáticos da Praça do *North Shopping* (PN): “a casa dos sete anões” e “o bosque da Branca de Neve”. A PN é referência para os jovens desta pesquisa, ou por ser o espaço territorial que marca o ponto de partida de seus percursos entre pares pelas praças da Cidade, no caso de Tchuco e Tittyz, ou por voltarem a frequentá-la (depois de algum tempo), no último mês da pesquisa empírica deste trabalho, como ocorreu com Beto (18 anos) e Hirley (19 anos) e outros jovens.

No conto, o “bosque” e a “casa” são os espaços onde Branca de Neve vive com os sete pequenos amigos e, como em todos os contos infantis, a ilustração desses espaços e personagens toma significativa importância. A imagem assume um poder central, no intuito de atrair seu público principal, as crianças

ainda não leitoras. As expressões faciais dos sete velhinhos anões, por exemplo, aliadas a seus nomes, revelam a característica que marca a personalidade de cada personagem, atribuindo-lhes identidade única no enredo, uma singularidade. Assemelham-se por serem anões, por estarem juntos, mas diferenciam-se pelo poder da personalidade, que lhes atribui identidade única, estável. O vestido colorido da protagonista e o semblante meigo e terno contrasta com o negro que veste sua antagonista. Assim, os contos de fadas vão determinando – ou criando – diferenças entre quem é do mal e quem é do bem, de maneira simplista e ingênua.

Dessa maneira, o poder da imagem material nos contos infantis torna-se uma importante estratégia para a construção identitária de cenários e personagens. A multiplicidade e a tonalidade das cores, os movimentos, os gestos e as expressões, elaboram imaginários facilmente captados pelos olhos dos pequenos leitores. Com o advento da imagem audiovisual, o som alia-se como ferramenta ao inserir na cena o artifício sensorial auditivo.

Certamente, não foram os Irmãos Grimm os descobridores do fascínio humano pela imagem. A literatura infantil apropriou-se dele para atrair seu leitor alvo e o reproduziu em suas tramas e personagens. A humanidade esteve sempre em busca de reproduzir e reproduzir-se por meio de imagens. Das gravuras rupestres pré-históricas, aos vídeos e fotografias produzidas em *webcam* e celulares, nos tempos das novas tecnologias, a imagem (re)produz significados e sentidos socioculturais sobre os modos de vida no imaginário social. Remete-nos ao trato com a memória, com o corpo, com o tempo, quando a vemos como a possibilidade de eternizar momentos ou um estado de coisas.

O advento da cirurgia plástica, por exemplo, nas últimas décadas, faz do corpo *locus* de reprodução da imagem, de busca do retorno ao tempo, na tentativa de apagar suas marcas corporais ou, simplesmente, de adequá-las aos padrões hegemônicos de beleza. Ser jovem ou manter-se jovem parece subir gradativamente na

escala das prioridades dos tempos modernos. A ânsia (o desejo) de Dorian Gray por manter-se eternamente jovem, no romance *O retrato de Dorian Gray*, escrito no século XIX pelo irlandês Oscar Wilde, nunca foi tão contemporânea.

As cenas literárias do eterno jovem Dorian frente ao retrato que reproduz seu envelhecimento (rejeitado), e as da Rainha Má diante do espelho, a certificar-se como a “*mais bela*”, são emblemáticas para a compreensão da relação entre estética, corpo e juventude, categorias essenciais para o estudo dos estilos e modos de vida juvenis. A juventude, especialmente no caso de Dorian, está estritamente associada à expressão estética, à imagem corporal. Ambos – Dorian e a Rainha – tomam o corpo como matriz, como vitrine, para manterem-se belos, jovens e felizes. Tanto o conto de fadas dos Grimm quanto o romance de Wilde utilizam-se do fantástico, por meio da metáfora do “espelho da verdade” e do “retrato de Dorian Gray”, para nos falar do fascínio humano pela imagem, apropriando-se da imagem de si e/ou do seu reflexo como fonte de desejos por beleza e juventude.

Desse modo, independentemente de estarem na “casa dos sete anões” e no “bosque da Branca de Neve” da PN, na casa de pedra do DM ou na penumbra da PP, os jovens interlocutores desta pesquisa vão construindo também sua imagem e, conseqüentemente, utilizando-se de marcadores simbólicos, nos quais o diálogo entre suas identificações (com estilos musicais, de dança, esporte ou cultura não convencional⁵) e os dispositivos hegemônicos da vida em sociedade são (re)negociados, (re)elaborados e ilustrados por meio de estilos e modos de vida juvenis. Diferentes das imagens materiais dos contos dos Grimm, essa elaboração de si dar-se-á com maior complexidade, dadas as circunstâncias socioculturais dos tempos modernos e as múltiplas possibilidades de identificações dos sujeitos que, de maneira processual e contínua, se mobilizam

⁵ Refiro-me aqui aos *otakus* pela identificação com a cultura de *anime*, desenhos animados japoneses.

por marcadores para além de binarismos.

No cenário da vida urbana, os estudos sobre tribos e culturas juvenis ressaltam a relevância dos estilos e dos grupos juvenis para as identificações e modos de vida na Cidade. As formas de grupalidade e os processos (individuais e coletivos) de adoção de estilos, a partir das interações entre pares, tomam dimensões significativas, na medida em que se mobilizam em negociações com construções socioculturais e históricas da sociedade contemporânea. Essa dinâmica social da modernidade ocidental põe à mesa negociações mobilizadas por referenciais socioculturais – gênero, sexualidade, classe, raça/etnia – determinantes para as identificações diversas, influenciando e sendo influenciados por modos de vida juvenis.

Desse modo, as imagens dos jovens em situações de sociabilidade, narradas frente ao “espelho da verdade” dos Grimm não seria única nem estável, mas múltipla, assim como os questionamentos por ela provocados, abrindo um leque de possibilidades de respostas tão fluidas e inconstantes quanto o seu reflexo. As imagens fotográficas das interações juvenis na PP e no DM colocaram os jovens narradores frente a contextos cotidianos, familiares, levando-os a reproduzir seus próprios itinerários, interações e sociabilidades juvenis. A narrativa, apesar de atrelar-se ao poder da imagem fixa (da fotografia), revela aspectos subjetivos não comunicados nas fotografias, seguindo o caminho inverso aos dos Grimm e de Wilde ao adotar a verossimilhança entre o literário e a vida real.

O trocadilho entre “vida” e “arte” que ressalta o caráter mútuo da imitação seria o mais apropriado para a descrição dessa narrativa pela aproximação do enredo com a vida (ou experiência) dos narradores. A narrativa juvenil, assim como as imagens por eles selecionadas, são reveladores da dinâmica de sociabilidade juvenil vivida na Praça Portugal e no DM, em Fortaleza/CE. A descrição dos personagens, das interações, dos estilos e dos grupos que compõem esse enredo representa uma síntese dos modos de vida e sexualidades

estudados nesta pesquisa. A narrativa dos jovens moradores do Jangurussu enfatiza o encontro como motivação dos trânsitos juvenis pela Cidade, valorizando a dimensão afetiva - a amizade, em que estilo e sexualidade surgem também como elementos determinantes para a caracterização dos jovens em “*tempos de misturas*”.

Os jovens constroem o texto literário utilizando-se da verossimilhança para descrição de personagens e elaboração de tramas e conflitos que compõem o enredo. A narrativa de caracterização dos jovens fotografados recorre à leitura dos marcadores estéticos de estilos, e da estética e performance de gênero, no sentido de compor os personagens a partir dos estilos juvenis e da sexualidade. Tomando como elemento referencial tais marcadores, *otakus*, *punks*, *emos* são facilmente identificados, assim como os *boyzinhos*, os *gays*.

No entanto, as interações entre esses personagens, suas dinâmicas de sociabilidade afetivo/sexuais, seus conflitos e práticas surgem tendo como fonte as experiências e os saberes dos jovens narradores. Assim, mesmo partindo da descrição de imagens, portadoras de diversas informações, ou da montagem sequencial de imagens, como foi o caso dessa narrativa, para além da mensagem transmitida pela fotografia, os narradores acrescentaram ao enredo elementos subjetivos – onde moravam, de onde vinham, o que os levaram àqueles lugares, o que pensavam, o que conversavam etc. –, atribuindo-lhe significados diversos.

A familiaridade com as imagens apresentadas traz à tona uma narrativa que oscila entre a descrição das fotografias e a subjetividade de cada jovem narrador. Suas experiências e saberes, suas leituras sobre os modos de vida e sexualidades foram, aos poucos, sendo expostos, de modo que as imagens assumem a função de estímulo para a exposição de opiniões e relatos de situações vividas. A estória constituiu-se de uma riqueza de detalhes, oriundos das experiências dos narradores sobre modos de vida e sexualidades compartilhados individual ou coletivamente. Por estarem inseridos, no âmbito da

vida real, na dinâmica de interações apresentadas pelas fotografias, por vezes, a descrição dos personagens e dos contextos relatados retratava a vida dos próprios narradores. Narradores e personagens se confundiam como a imagem e seu reflexo diante do espelho. A descrição do personagem “Diego” por Matheus (18 anos), é um exemplo de como se autorretratavam nos personagens: “*Ele é muito carente, também! Quando chega uma pessoa, ele gosta de conversar, abraça. Gosta de se preocupar com os amigos e tal. Em casa, às vezes, ele tem algumas intrigas com a família, mas resolve tudo numa boa*”. Conviver com Matheus (18 anos) nas noites de domingo na PP durante os seis meses que antecederam esse grupo de discussão, foi o suficiente para perceber que ele falava de si, de sua timidez e dos conflitos vividos no âmbito familiar em decorrência de sua sexualidade.

Ao compartilharem o papel de narradores de uma mesma trama, a divergência de opiniões foi inevitável. Enquanto alguns tendiam a descrever as interações juvenis tomando como referência aspectos mais materiais, considerados negativos – beber ou usar drogas –, Matheus (18 anos), em contraponto, imprimia ao enredo aspectos positivos vividos no contexto narrado: “*Não tem só coisas ruins naquela praça!*” e “*tem gente legal, ali*”. Entre os narradores, ele é o que menos frequentava as praças, em virtude da resistência dos pais. Sua narrativa apresenta argumentações e destaca subjetividades que as imagens, por vezes, não conseguiam captar: “*Muitos deles gostam de dizer o que passa na vida, com os familiares e tal. Muitos gostam de desabafar*”. Matheus (18 anos), indiretamente, relata os momentos em que compartilha com os amigos os conflitos e preconceitos sofridos em casa por ser homossexual. O encontro do jovem *otaku* com o grupo de *roqueiros*, as relações afetivo/sexuais dos jovens *gays* e os grupos juvenis que “*se misturam*” e aqueles “*mais fechados*” são alguns exemplos mencionados pelos jovens sobre modos de vida e sexualidades juvenis na PP e no DM. Para a compreensão dessas interações juvenis nos “*tempos de misturas*”, nos quais estilos, grupos, modos de vida e sexualidades

se entrecruzam na dinâmica da vida, é necessário entender os marcadores simbólicos de tal mistura.

Enfim, a narrativa faz uma síntese das dimensões socioculturais que compõem o foco deste estudo, pois traz indicadores de como os jovens mobilizam (ou mobilizam-se por) interações marcadas pela diversidade de estilos e experiências afetivo/sexuais em espaços públicos de sociabilidades entre pares na cidade de Fortaleza.

Sobre si e sobre o “outro”

Quem são esses jovens? O que os leva às ruas, às praças? De onde vêm? Quais caminhos percorrem e como? Quais sentimentos os mobilizam? O que procuram? Entre outros, eram esses os questionamentos iniciais que vinham nos primeiros momentos de minha inserção nos espaços de sociabilidades juvenis, apresentados anteriormente. *A priori*, os modos de interações entre pares, em sociabilidades marcadas pela mistura de estilos, gostos musicais e orientações sexuais, não eram suficientes à elaboração de respostas a essas indagações. No entanto, elas trariam dados (elementos) importantes para a compreensão tanto da relação entre juventude e cidade, por meio dos percursos juvenis empreendidos, quanto para a percepção das mobilizações entre modos de vida e sexualidades, na dinâmica das experiências juvenis entre pares. Não eram o bairro de morada, nem a classe social, os referenciais utilizados pelos jovens para a identificação dos “*jovens da PP e/ou do DM*”. O estilo e a sexualidade apareciam como principais campos de identificação, ou melhor, de auto identificação:

Cara, sempre, a maioria são levados pelo estilo musical, tá entendendo? Pessoas que curtem, gostam de rock, deixa eu vê... é, a maioria é *roqueiro* ali, que tudo gostam de *rock*, tá entendendo? Mas lá também tem muito, como é? Como se diz? Homossexual, assim... Homossexual, né? Porque tem muito, né, lá também?! Tem todos os estilos assim... Os homossexuais, que eles gostam também de se (pausa), como é que é? É viver livre, né? Escutar música, eles gostam muito!!! Aí, eles sempre estão lá com a gente. É, *roqueiro*, homossexuais, pessoas normais também, mas poucas. (Tchuco, 18 anos).

Tchuco (18 anos) os classifica entre “roqueiros” ou “homossexuais”, numa tentativa, aparentemente inconsciente, de negar uma possível interseção dessas identificações. O olhar de Ângelo (19 anos) sobre os jovens assemelha-se ao de Tchuco (18 anos): “A principal característica de quem anda lá é: roqueiro e o ‘*chamado Emo*’, que pra mim não existe mais. Tem os *gays*, as lésbicas e existem ‘*peessoas normais*’ também”. (Ângelo, 19 anos). Outros jovens fazem leituras semelhantes, no entanto, destacando os demais estilos juvenis.

Lá, você vai encontrar de tudo. De tudo! Pessoas jovens emos, jovens *punks*, é tipo vários estilos que hoje em dia (pausa), essas coisas novas de hoje em dia, do futuro, né? Góticos, é (pausa), ah tem de tudo lá, pessoas que dançam e de vez em quando tem encontro de *cosplay*, que é aquele pessoal que se veste com personagem de anime. (TITTYZ, 16 anos) (grifos meus).

A dimensão da mistura de estilos e modos de vida é bastante destacada e sempre como algo positivo. “Ah!!! Vem *punk*, *roqueiro*, *regueiro*, *góticos*, *funqueiros*, *forrozeiros* (Monalisa, 16 anos). Vem de tudo!!! (Anjo Mau, 15 anos). Vem um pouco de tudo. Você sabendo curtir... a pessoa se enturma em tudo! (Camila, 14 anos)” (Grupo Focal III). Diferente do olhar que se volta diretamente aos estilos juvenis e à sexualidade, Ana (17 anos) destaca nos “*jovens da PP e do DM*” uma característica singular: a busca por liberdades, associando-a à fuga dos conflitos vividos no ambiente familiar.

Eu acho que as pessoas que andam na praça são pessoas assim... que querem sair daquele mundo, quer entrar no lugar que a gente se sente bem. Eu, pelo menos, pode ter *punk*, *emo*, essas coisas... mas eu me sinto bem quando eu tô lá. [...] Lá, a pessoa se sente a vontade a gente pra fazer coisas que ela não faz fora: Beber, que nem todo mundo. Nem todos os pais sabem que seus filhos bebem; Fumar; Pessoas que não são assumidas pros pais. [...] Eu tenho um amigo, o Marwin, todo falam: ah, ele tem comida, a mãe dele é super legal, a mãe dele dá tudo que ele quer, essas coisas, mas ele usa coisas ilícitas, drogas, de todo tipo. Ai eu penso: “Por, o pessoal sempre fala isso, mas porque ele usa essas coisas?”. Ai eu passei um tempo conversando com ele e eu vi que não é o que todo mundo pensa. Eu até me identifiquei um pouco com ele, porque tipo... Os pais dele nunca deram atenção, deram tudo pra ele, mas não deram atenção e cobravam demais dele, questão dos estudos, essas coisas. Então, ele não suporta ficar em casa, como eu, porque sempre a mãe dele tá reclamando, tá pedindo pra ele fazer alguma coisa. É essa realidade que eu to querendo te falar, entendeu? A realidade de casa, essas coisas, essa pressão que os pais colocam nos filhos hoje em dia, ai ele foge, ele tenta sair. (ANA, 17 anos).

As questões trazidas por Ana (17 anos) vêm nos lembrar que as interações juvenis aqui estudadas estão intrinsecamente interligadas aos conflitos vividos nos demais espaços de formação e experiências juvenis, entre eles, aqueles relacionados ao ambiente familiar. Os jovens dessa pesquisa, para além de “roqueiros”, de “otakus”, de “gays” ou “lésbicas”, são filhos, estudantes, moradores de periferias, cristãos e estão implicados em trajetórias familiares, em convivências cotidianas nos bairros de morada, nos ambientes escolares, nas igrejas etc. Assim, mesmo que as experiências vividas nesses espaços não comportem o recorte metodológico dessa pesquisa, por vezes, elas aparecem atravessadas nas falas e nas descrições dos seus percursos e trânsitos pela cidade dos anjos⁶. Além do olhar dos próprios jovens sobre si, as impressões ou percepções de quem com eles convive nesses espaços, nos informam sobre o quanto seus modos de vida remetem, no imaginário dos demais, a condutas e práticas estigmatizantes:

Galeria Pedro Jorge⁷: Enquanto circulávamos

⁶ A expressão “*cidade dos anjos*” é usada metaforicamente neste texto para referir-se aos circuitos juvenis na cidade de Fortaleza.

⁷ A Galeria Pedro Jorge foi um dos lugares de interações de jovens roqueiros apontados por Tchuco (18 anos) e Anjo Mau. Está localizada no Centro da cidade, entre as ruas Senador Pompeu e General Sampaio, nas proximidades da Praça José de Alencar (o endereço oficial da galeria é: Rua Senador Pompeu, 834 - Centro). A passarela (calçada) corta o prédio, de pintura e janelas desgastadas e sujas, que imprime ao local um aspecto de abandono, mas a constante movimentação de transeuntes que por ali atravessam sinaliza a vitalidade comercial do local. O calçada tem suas margens composta por estabelecimentos comerciais diversos: óticas, relojarias, operadoras de telecomunicações, lojas de confecções, lan house e pequenos comércios de serviços como xerox, carimbos, fotografias, digitação, concerto de relógios, óculos etc. Há nas margens do calçada uma prevalência de lojas voltadas à venda de produtos religiosos cristãos (Bíblia&Opções, Casa da Bíblia, Bíblia do Brasil, Espaço da Bíblia e outras). Os letreiros desses estabelecimentos dividem espaço com letreiros das lojas do interior do prédio. É lá, nos corredores que dão acesso às lojas nos quatro andares do prédio que circulam os jovens *roqueiros* e *punks*. [...] É um prédio antigo. Tem um aspecto de mal cuidado e há uma poluição visual imensa. Nas galerias internas, o costumeiro barulho do

pelos corredores quase vazios, conversava com o segurança da Galeria. Segundo ele, só frequenta o lugar porque seu trabalho exige, pois “- *Aqui é lugar de gente do outro lado. Gente do demônio! Eu sou de Deus!*”, acrescentou justificando sua afirmação da seguinte maneira: “- *Aqui só anda esses roqueiros e punks. Essas coisas que não é de Deus!?*”. Sobre as lojas, lembrou que a Galeria tem de tudo. “*É como uma cidade!*”. Somente nas galerias de venda de produtos de *rock* havia algum movimento de jovens. Além do guarda, não conversei com mais ninguém, mas encontrei alguns jovens que também circulavam. Pareciam mais familiarizados do que eu com a os corredores da “*cidade do Rock*”, ou seria dos “*demônios*”? (DIÁRIO DE CAMPO, 08 de fevereiro de 2012).

DM. Sento entre duas colunas próximas de onde ocorre o campeonato de *free step* e sou abordado pelo guarda do DM, que começa a falar dos jovens dançarinos: “*Esses meninos são da paz. Vêm só dançar aqui, mas tem que ter cuidado. As vezes aparece ladrão pra roubar eles.* Roubar o

trânsito de automóveis e pessoas desaparece e abre espaço para as conversas dos que fazem dos corredores espaços de sociabilidade e encontro. Nas paredes, vários espaços destinados à fixação de cartazes divulgando serviços e eventos diversos (geralmente, festas de *reggae* ou *rock*). Assim como o calçadão exterior do prédio, as galerias internas são compostas por estabelecimentos comerciais variados, no entanto, algumas galerias são exclusivas de lojas voltadas a trabalhos com tatuagem, *piercing* ou à venda de produtos voltados aos adeptos do *rock* e *punks*. Roupas, CD, sapatos e acessórios diversos são expostos nas vitrines onde a cor preta torna-se unanimidade. Os letreiros das lojas de produção de tatuagens primam em reproduzir o colorido que as gravuras podem imprimir na pele. O grafite é a arte priorizada nas paredes e letreiros. Há, também e em menor quantidade, lojas de venda de produtos de anime (bonecos, revistas, roupas etc.). Nos corredores, de um lado temos o acesso às lojas, enquanto do outro, a cidade se mostra composta por prédios e telhados do centro. Ao fundo, é possível visualizar alguns prédios históricos: a Catedral da Sé, por exemplos, e com algum esforço, uma estreita linha do mar sob os telhados do centro da cidade.

quê? , perguntei. “*É que a maioria aqui é filho de papaizinho sabe!? Andam de boné. Tênis... e aí vem gente roubar. - Tu vem sempre aqui?. - Às vezes. - Aqui o pessoal é do bem e estão tudo misturado. Mas tem cada coisa!!!* (falou sorrindo com o canto da boca enquanto balançava a cabeça). “*Outro dia vi um menino vestido de vaca no banheiro. Tava se beijando com outro cara... Aí eu perguntei: - Que diabo é isso, cara!? Tu aí vestido de vaca... com peito e tudo!?!? Ele disse que era um desenho animado.* (O guarda não fez nenhum comentário sobre o beijo entre os garotos. Parece ter naturalizado o afeto entre dois garotos naquele espaço). [...] São 17:20 e o guarda aproximou-se novamente: “*Você precisa vir aqui depois das oito da noite. Vira uma babilônia! Tudo o que não tem na bíblia, tem aqui! Bebida, sexo... . - Sexo?!* perguntei espantado. “*É, né!? Começa aqui e termina em outros lugares.* (DIÁRIO DE CAMPO, 08 de outubro de 2011).

Conforme podemos perceber, a associação jovens/*rock*/sexo, que caracteriza a sociabilidade juvenil aqui estudada, aciona no imaginário dos demais a polaridade Deus/Demônio, no sentido de buscar, nos preceitos cristãos, a dimensão desviante, ou demoníaca das expressões, comportamentos e práticas juvenis, determinando os lados, as posições ocupadas a partir dessa perspectiva positivista de mundo, o lado onde estou em contraponto ao lado do outro – os jovens. Se historicamente a fé cristã demonizou o sexo a ponto de prescrever os padrões de comportamentos e práticas sexuais divinos ou demoníacos, o *rock* se coloca como uma prática anticristã, aglutinando uma estética de adoração de símbolos e códigos associados ao imaginário demoníaco. Caveiras, monstros, demônios estão comumente ilustrando a indumentária dos jovens roqueiros. Talvez, por esses motivos, em um dos grupos de

discussão, uma jovem lésbica e roqueira optou pelo codinome “Anjo Mau”. Pensando não conseguir elaborar uma justificativa que a levou a essa escolha, sorriu dizendo: “-Porque é!”, como se ser um anjo bom não fosse possível ou até não desejado.

Por outro lado, ainda sobre os modos de vida desses jovens, enquanto os olhava contemplativo na PP, o “Tio”⁸ ressaltou: “-Eles só estão procurando ser felizes” e, depois de alguns segundos, com um leve sorriso acrescentou: “Do jeito deles!”. Essa busca da felicidade assume um campo argumentativo que imprime à “juventude” uma dimensão hedonista, uma forma específica de modo de vida. A aproximação com os jovens na PP e no DM parece desconstruir, no “Tio”, a dimensão “demoníaca” que a estética e algumas práticas juvenis representam frente aos padrões de comportamento em sociedade. Esse “jeito” de ser feliz, de ser jovem e de expressar-se como tal parece inquietar, perturbar a ordem social, contrapor-se a ela e a sua disposição a dualismos. Tanto aos “outros” quanto a eles (os jovens), ser “anjo” ou “demônio”, para além da dimensão religiosa ou espiritual, assume múltiplos significados, fazendo da vida cidadina um espaço/tempo de cruzamentos de circuitos juvenis, e da rua, espaço do encontro com as diversas formas e maneiras de fazer-se ou mostrar-se jovem.

Na parte III, descrevo os percursos de oito jovens pesquisado(a)s, com ênfase em seus trânsitos pela Cidade e na trajetória que os levou ao encontro com as interações entre pares na PP, no DM e em outros espaços de sociabilidades juvenis. Seus percursos e interações vão desenhando uma cartografia da *cidade dos anjos* na Fortaleza contemporânea, que se mostra múltipla sob o olhar e a experiência de cada jovem. Um emaranhado de circuitos juvenis que têm a PP e a PV do DM como *pedaços* em comum.

Desse modo, para além da “galera” e/ou do estilo ao qual pertençam, passam a integrar a “galera da PP” e/ou “galera do DM”. A cartografia dos circuitos juvenis monta mapas socioafetivos singulares dos trânsitos juvenis, onde sexualidades e modos de vida mobilizam-se mutuamente e são mobilizados por questões socioculturais contemporâneas sobre as culturas juvenis e sexualidades na cena urbana.

⁸ “Tio” era o modo carinhoso como o(a)s jovens frequentadores da Praça Portugal chamavam o senhor sexagenário que, a convite de alguns, passou a vender lanches nas noites dominicais.





Parte III

Anjos Levados:
Percurso e circuitos
juvenis em Fortaleza



Passos Livres pela Cidade

É muito provável que no momento em que escrevo estas linhas, Tittyz (16 anos) esteja *online* a acessar o “*mundo virtual do free step*”. Diariamente, durante a semana, divide seu tempo entre o Liceu do Ceará, onde cursa o 2º ano do Ensino Médio, e a casa onde mora com a mãe, a babá divorciada de quem é filha única. Ambas, evangélicas. Em casa, aos 16 anos, Tittyz empenha-se em divulgar seu *blog*, onde posta os vídeos a dançar *free step* e *sensualize*⁹ e, simultaneamente, assiste a performances (os vídeos) dos amigos, geralmente paulistanos, com quem conversa diariamente pelas redes sociais, a trocar informações e dicas sobre a dança. Por meio das redes sociais, também “*desabafa*” com os amigos sobre sua vida sentimental e conflitos, especialmente, aqueles vividos no âmbito familiar, quando “*brigo com a mãe e tô chateada*”, exemplifica. A *internet* é para Tittyz (16 anos), uma vitrine onde expõe a imagem da dançarina e, na interação com outros jovens, estabelece relações de sociabilidades para além da dança.

“*A dança é o que me faz ser o que sou, agradeço a Deus por este dom*”. Frase sobreposta a uma das fotos no álbum da sua página na rede social *facebook*, na qual, de ponta-cabeça, parece fazer uma cambalhota no centro do palco do observatório do DM. No álbum, fotos diversas acompanhada da mãe ou de garotos, a quem faz declarações de amizade e afeto. Pelo visual, com franjas sobre a testa, de bonés ou gorros e blusas xadrez, são também adeptos do *free step*. Em uma das fotos, Tittyz (16 anos) elabora uma montagem na qual três imagens são fixadas lado a lado. Na primeira, da esquerda para a direita, reconheço a dançarina que conheci nas rodas de *free step* das tardes de sábado do DM: boné na cabeça, cabelo preto, camiseta preta sobreposta por uma blusa xadrez de mangas longas dobradas até a altura dos cotovelos, desabotoada, mas atada por um nó na altura do umbigo. A mochila nas costas complementa o visual do cotidiano vespertino no DM. Na imagem do meio, quase irreconhecível, uma garota usa um gorro amarelo em detalhes brancos que dão formas ao rosto do anime *pokémon*, em sintonia com a camiseta que veste. O cabelo *pink*, que lhe cobre toda a testa, o olho esquerdo e as laterais do rosto, finda na altura do pescoço a contrastar com o amarelo do gorro, da camiseta e do pano de fundo da gravura. O olho direito, envolto numa maquiagem em tom escuro e fixado na lente, associa-se a um meio sorriso, que lhe entorta levemente a boca e dá um tom de sensualidade à garota que também dança *sensualize*. Na terceira e última foto, de calça jeans e camiseta estampada em vermelho, uma garota sentada ao chão a usar o braço esquerdo como base de apoio do rosto, cortado pela metade na altura da boca. Essa, entreaberta, morde o dedo mínimo da mão que porta no pulso pulseiras coloridas, conhecidas popularmente como “*pulseiras do sexo*”.

As Tittyzs expostas em seu mural, ou melhor, os diferentes visuais e estilos por ela adotados, vão de encontro a sua autoapresentação:

Eu mudo em cada coisa na minha vida. Em casa, eu sou a Jaqueline, e fora, eu sou a Tittyz. [...] Sou muito louca, simplesmente louca. Tudo na minha vida tem que ter uma loucura, porque eu quero ser alegre em todos os momentos. Não gosto de tristeza, odeio tristeza, falsidade. Eu sou uma pessoa muito decidida. Se eu decido aquilo, vai ser aquilo! E aquilo tem que ser! Se num for aquilo, eu choro. Eu sou terrível! (TITTYZ, 16 anos).

As mudanças atribuídas à diversidade de momentos e espaços vividos pela garota - entre a “Jaqueline” e a “Tittyz” - refletem-se no seu estilo, assim como nos modos de vida. Entendo que “Jaqueline” e “Tittyz” são mobilizadas por experiências que fazem com que a dançarina constitua um modo de vida singular em que suas identificações se entrecruzam. Nesta pesquisa, as experiências da dançarina

⁹ Segundo Tittyz, *sensualize* é uma dança semelhante ao *free step*, que se diferencia por desenvolver passos mais lentos com uma intencionalidade de sensualizar. A dança é praticada tanto por homens quanto por mulheres.

Tittyz (16 anos) com a “*galera do free step*” tomam prioridade em detrimento das demais, no entanto, não me privo de referenciá-las como peças de um mesmo jogo. Foi o convite dos colegas da rua para o jogo de basquete que levou Tittyz (16 anos) à PN¹⁰ pela primeira vez. Lá, além do esporte com a bola, a jovem descobriu o talento para a dança de rua. Teve como primeiros professores os *bboys*, com quem aprendeu, por volta de um ano, a dançar o *break* no coreto da PN, ao lado da “Casa da Branca de Neve”. A resistência da mãe em permitir sua ida ao palco principal do *Break*, o observatório do DM, foi o motivo que adiou o encontro de Tittyz (16 anos) com a “*galera do Free step*”. Era uma tarde de sábado e o encontro foi marcado no Terminal de Antônio Bezerra, onde de lá partiriam para a Praia de Iracema.

Foi muito massa! Eles tinham falado que lá tinha DJ, som alto, muita gente de fora, bar, gringos e tudo mais que ficam observando a gente dançar. Aí eu falei: “-Nossa! Eu quero ir

¹⁰ Conhecida popularmente como “Praça do North Shopping” em virtude da aproximação com o referido centro comercial, a Praça Jonas Gomes de Freitas situa-se no bairro Presidente Kennedy, limitando-se a oeste pela Avenida Governador Parsifal Barroso e a leste pela Rua Braz de Francesco, ao norte com a Rua Quatro e sul com a Rua Três. É dividida por espaços temáticos. O tema central é inspirado no conto infantil “Branca de Neve e os Sete anões”. No centro, um coreto e uma quadra de basquete e, ao lado, um espaço com equipamentos para exercícios físicos, uma espécie de academia comunitária. Nas proximidades da rua três, um parque para crianças reproduz a casa da Branca de Neve e dos sete anões e um criadouro de avestruzes. Um espaço cercado intitulado “Bosque da Branca de Neve”, vacas e bezerros ornamentais em tamanhos naturais decoram a praça. Na lateral, um córrego (canal). É nessa região que se aglomeram os jovens. Apesar da iluminação, em virtude das árvores, a noite a praça é escura, e alguns locais ficam propícios para os casais de namorados. Em um calçadão que atravessa a praça, sob a copa das árvores, há bastantes bancos onde se concentram boa parte dos jovens. Antes mesmo do anoitecer, a frequência dos jovens já é perceptível. No entanto, a partir das 20 horas se intensifica. O movimento juvenil é semelhante ao da PP e a DM. Circulando pela praça e sentados nos bancos em grupo, casais homossexuais andam de mãos dadas ou abraçados entre os demais frequentadores. [...] Fiquei por volta de duas horas observando a movimentação que se intensificava. Lá, encontrei muitos jovens da “*galera da PP e do DM*”. (Diário de Campo, 11 de março de 2012).

então”. E eu nunca tinha ido naquela área ali do planetário, eu tinha ido só ao museu e não naquela área. Aí foi uma coisa nova pra mim. Eu cheguei lá e achei muito legal! Fiquei com vergonha de dançar lá da primeira vez, de entrar na roda, não consegui ir (TITTYZ, 16 anos).

Na figura 01, na página seguinte, exibo em formato cartográfico, por meio do mapa de Fortaleza, os circuitos sócio/afetivos da Jovem Tittyz (16 anos) pela Cidade entre os ensaios na casa dos amigos e os os palcos da dança de rua.

Assim como a ida à PN foi motivada pelo basquete, foi o *break* que a levou ao DM, onde a garota se encontraria por outro ritmo: os passos livres do *free step*. A mudança do estilo de dança implicaria necessariamente no estabelecimento de novas interações, novas amizades, novos parceiros e professores. A transição de ritmo e “*galera*” exigiu um distanciamento dos espaços e dos colegas:

Dois meses antes de eu parar de dançar *break*, eu parei de andar no Dragão do Mar. Eu me distanciei aos poucos. Aí, eu parei dois meses de andar lá. Foi quando eu comecei a dançar *Free Step* e os encontros de *Free Step* eram dias de sábado, no Dragão do Mar, e de domingo, na Praça do *North Shopping*. (TITTYZ, 16 anos).

A partir daí Tittyz (16 anos) integrava o grupo *Los Manos*. Como em toda arte, dança também requer aperfeiçoamento, adquirido por meio da prática e do treino, exigindo esforço e dedicação do(a) dançarino(a), e isso não seria diferente, nem com o *free step*, nem com Tittyz (16 anos). A dançarina intercala o trabalho de divulgação e interação via “*mundo virtual*” com o treino da dança, que se torna mais produtivo se realizado coletivamente, em interação com outros dançarinos. Desse modo, ora recebe a “*galera do free step*” em casa, quando a mãe permite, ora sai do bairro entre Padre Andrade (onde reside) à Parangaba, à Messejana, e outros bairros, para ensaios na casa de outros integrantes dessa “*galera*”, composta genuinamente por garotos. No entanto, é nas tardes e no

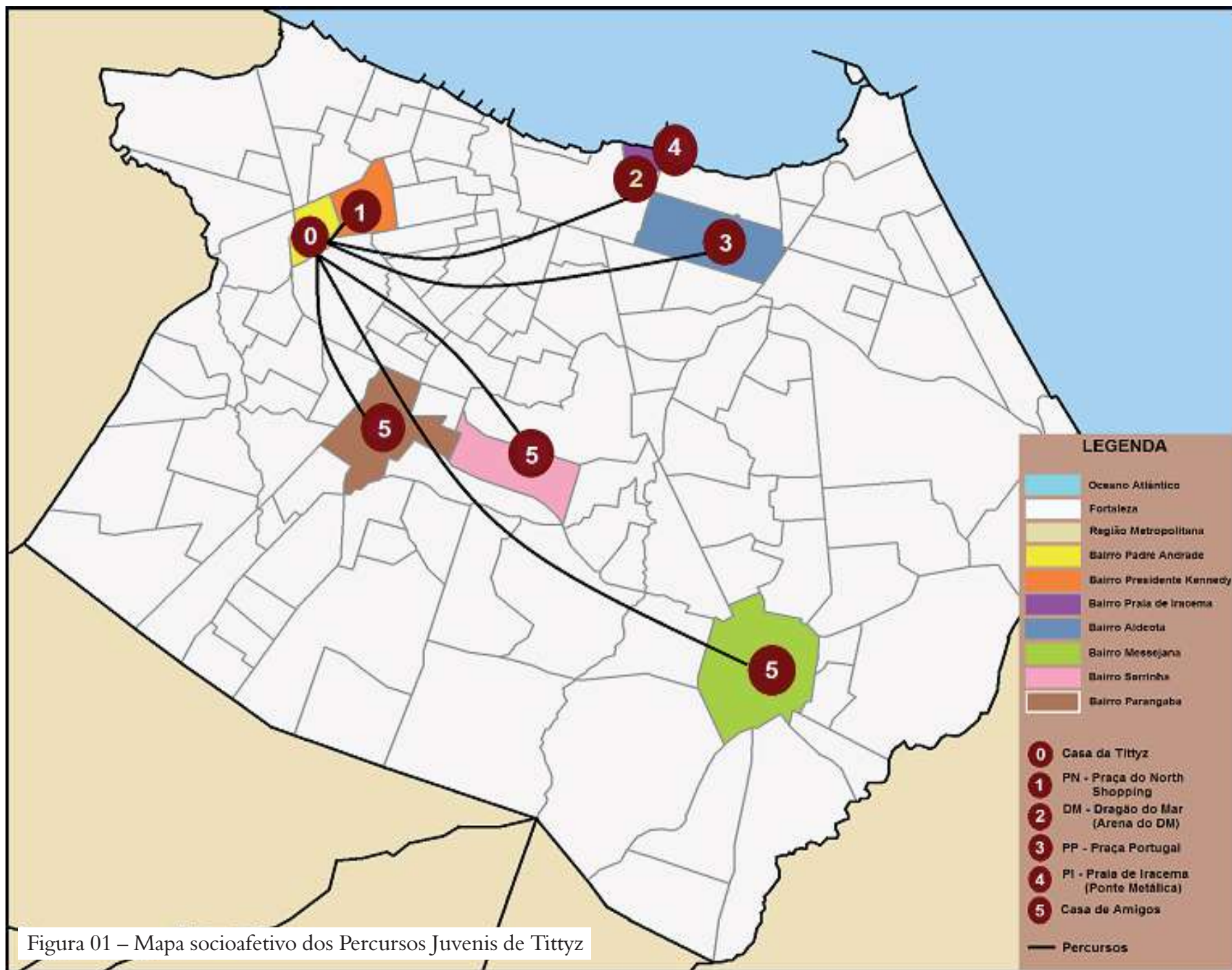


Figura 01 – Mapa socioafetivo dos Percursos Juvenis de Tittyz

anoitecer de sábado, longe do teclado e das redes sociais que Tittyz (16 anos) encontra toda a “galera do free step” no palco sob o observatório do DM, onde a vi pela primeira vez:

DM. Hoje, passei pelo DM às 13h30min. Já havia no observatório jovens a dançar *Free Step*. Reconheci alguns que estavam sábado participando de um campeonato. Retorno ao DM às 17h30mi. Agora, há um número bem maior a dançar e exibir passos e coreografias, ora para o grupo de amigos, ora sozinhos, como se tivessem a ensaiar. [...] São 17h e 50min e estou sentado próximo a uma turma de sete garotos e uma garota, que conversam sobre o *Free Step*. A garota fala sobre a dança e a sociabilidade nesses espaços. Lembra o “tempo da PN”, quando, segundo ela, havia mais união entre os grupos que dançavam ritmos diferentes. Fala também sobre os processos de aprendizagem da dança. Considera negativo o fato dos jovens virem dançar no DM com a intenção de ter fama. Sugere que, para postar um vídeo de dança na *net*, deve haver muito ensaio. Diz que está disponível pra avaliar os vídeos dos dançarinos e aconselhá-los quanto a postá-los ou não. Enquanto ela fala, os garotos ficam a escutar atentamente, sentados em círculo sob o observatório. Ela diz que está dando aula de *Free Step* a três meninas e que está cobrando 20 reais de cada aluna, por três semanas de aula. (DIÁRIO DE CAMPO, 22 de outubro de 2011).

Se Tittyz (16 anos) era professora de *free step* de outras jovens dançarinas, aquela cena, da garota loira usando boné com a aba para trás e tênis de cano longo, sentada no chão do palco da dança e cercada por garotos ouvindo atentamente suas reflexões, parecia-me uma aula de campo gratuita, desta vez, ao gênero masculino. Em sua explanação, defendia a adoção de maior rigor para os vídeos de dança expostos na *internet* e maior aproximação e diálogo entre os

grupos de diferentes estilos de danças de rua que compartilham os mesmos espaços na Cidade, citando a PN e o DM como exemplos. Referia-se à relação entre “a galera do break” e a “galera do free step”, tecendo opiniões sobre a publicidade da dança nos espaços virtuais e a sociabilidade entre grupos de diferentes estilos de dança juvenil, ressaltando sempre o que seria melhor para a dança. O tom de voz, a postura do corpo e a eloquência de sua oratória, aliados ao modo como os jovens a escutavam – atentos e calados balançando a cabeça, afirmando estarem de acordo com o que ouviam – era demonstração de seu prestígio e credibilidade entre a “galera do free step”. Os três meses frequentando o DM tinham sido suficientes para perceber a hegemonia masculina nos espaços de sociabilidade da “galera do free step”. A quase total ausência de garotas nos grupos indicava que essa “galera” se cercava, no âmbito dos espaços de interações da dança, por práticas de sociabilidades masculinas. Tittyz (16 anos) seria, então, uma estranha no ninho? E por que essa rara presença feminina no espaço genuinamente masculino do *free step* teria tanta influência entre os garotos? Questionei-me.

Desse modo, é possível que após a “aula”, a professora de dança de rua e seus amigos/alunos tenham se dirigido à orla da Praia de Iracema (PI), mais precisamente, à Ponte Metálica, onde costumam sentar para conversar – quase exclusivamente sobre *free step* –, gravar vídeos, contar piadas ou lanchar, no momento do descanso dos passos livres. Durante a semana, enquanto Tittyz (16 anos) navega no mundo virtual do *free step*, em que ritmo e sintonia transita o jovem roqueiro Tchuco?

Na Sintonia do Rock

Nos dias de semana, Tchuco (18 anos) cruza a Cidade de ônibus, “de buzão”, do bairro Montese¹¹, onde mora com a família,

¹¹ Localizado na SER IV, o bairro Montese destaca-se pelo potencial comercial e, segundo os jovens da pesquisa, pela ausência de espaços para o lazer juvenil. O deslocamento via transportes coletivos de seus jovens moradores à PP e ao DM não passa por terminais e tem duração de, em média, trinta minutos.

à Barra do Ceará, para o treino de *jiu jitsu* no Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (CUCA Che Guevara). Aos dezoito anos, cursa o Ensino Médio e, entre um treino e o colégio, costuma frequentar, no Centro da Cidade, a Galeria Pedro Jorge. Lá, nos corredores pichados do prédio, entre lojas de tatuagens, *piercings* e de vendas de outros acessórios voltados ao “mundo do Rock” (CDs, blusas de bandas, pulseiras, colares), Tchuco (18 anos) encontra “a galera que também curte rock”, com quem fica “trocando umas ideias, falando sobre rock, banda, essas coisas”. É lá que trabalha Leo, outro integrante da “galera da DNA”, da qual Tchuco (18 anos) é um dos líderes, e com quem compartilha os fins de semana entre o DM, o Fafi¹² e a PP. A “galera da DNA” é um grupo conhecido entre os jovens da PP e do DM pelo envolvimento em conflitos com outros grupos juvenis por disputas de espaços ou motivos banais e por assumirem, na PP, o papel de guardiões da praça. Além dessa “galera”, Tchuco (18 anos) também costuma

¹² A travessa Novinda Pires, localizada entre as ruas Desembargador Leite Albuquerque e Torres Câmara (bairro Aldeota), conhecida nesse período como Fafi, onde, durante as noites, bares e restaurantes com mesas nas calçadas atraem aqueles que buscam diversão. A movimentação de pessoas começa a se intensificar depois de meia noite. O local concentra uma aglomeração de jovens nas extremidades da travessa, onde há barraquinhas de ambulantes vendendo bebida alcoólica. Provavelmente, os jovens que por ali ficam não frequentam (ou bebem) nos bares. Há, nessa ocupação territorial do Fafi, uma divisão de classe muito nítida. Depois de circular por algum tempo, um grupo grande de jovens aproximam-se do local. Eram aproximadamente cinquenta jovens da “galera da PP”. Por volta de uma hora da manhã, a movimentação de pessoas aumenta e os jovens ficam a atravessar de uma extremidade a outra da travessa. Bebem, conversam e namoram. Entre eles, há garotos e garotas homossexuais namorando nos locais mais reservados (escuros), mais precisamente nas calçadas onde não há bar funcionando. Nesses locais, também há consumo de substâncias ilícitas. Os jovens sentam nas extremidades da travessa, nos espaços mais escuros, dando um ar de marginalidade quando comparamos com os bares. Ficam à margem dos bares, onde há música, mesas e outras pessoas se divertindo. Com o passar da noite, muitos jovens, em grupos, sentam-se e deitam-se nos gramados dos jardins das casas próximas, talvez a esperar o horário do transporte coletivo que os conduzirá para casa. Fui embora por volta das três da manhã. Segundo Tânia, algumas vezes, do Fafi, seguem a pé para a Praia de Iracema ou retornam à PP, até o nascer do dia à espera do “busão”. (Diário de Campo, 20 de Abril de 2012)

encontrar-se com outras galeras *roqueiras* nos bairros Maraponga e Modubim, onde “rola *curtição*”. Em 2007, aos 14 anos, quando ainda não se identificava com os “estilos da galera”, começou a frequentar a PN, convidado por colegas que dançavam *free step* no bairro onde mora, o Montese. Na PN, entre estilos e grupos juvenis, se identificou com “a galera que bebia”, os *roqueiros*. A identificação com o *rock* não o levou a adotar cotidianamente um estilo (visual) roqueiro, tendo preferência por andar de *short*, sem blusa e descalços na PP, sem muitas referências típicas de indumentária, geralmente utilizada pelos garotos roqueiros. Por ser maior de idade, é um dos jovens a mobilizar as “*intera*” e a comprar bebida alcoólica para a galera na PP. A figura 02 (página seguinte) cartografa os circuitos sócio/afetivos do Jovem Tchuco (18 anos) pela Cidade *dark* do *Rock* e das “misturas” juvenis.

Apesar de encontrá-lo sempre na PP e no DM, só estabeleci o primeiro contato com Tchuco (18 anos) no quinto mês da pesquisa de campo, em dezembro de 2011, quando fui abordado pela “galera da DNA” e “intimado” a dar satisfações sobre o motivo de fotografar na PP. Na ocasião, foi Tchuco (18 anos), que conduziu meu ritual de apresentação à praça, ou talvez, fosse melhor considerar como ritual de pertencimento. O intuito era de evitar possíveis aborrecimentos ou algum ato de violência, aos quais, segundo eles, estaria exposto. Assim, fui apresentado à “galera da PP” como “um *chapa*” da “galera da DNA” e os jovens que, por vezes, me assustavam em virtude das formas de brincadeiras, dos comportamentos entre pares, na dinâmica de sociabilidade na PP, passaram também a ser meus “*chapas*”, garantindo minha integridade física e o transitar pela praça. Mesmo dando ênfase às atitudes de violência da “galera da DNA”, por se envolver em brigas – entre jovens ou grupos –, o *roqueiro*, adepto do estilo metal, mostrava-se para mim, inofensivo e sempre receptivo para conversas. Com o pretexto de entregar-lhe as fotos da galera da DNA que tirei na noite de nosso primeiro contato, trocamos telefone. Minha intenção era estreitar as relações, pois via em Tchuco (18 anos) uma ponte para o acesso aos demais jovens roqueiros, com quem não tinha ainda muita aproximação. Uma semana depois, ainda no

mês de dezembro, em uma tarde de quarta-feira, liguei para Tchuco (18 anos) por volta das 13 horas para marcar a entrega das fotos em CD, as quais, segundo ele, postaria na *internet*. Disponibilizei-me a levá-las onde ele estava. “*Agora não dá, tô indo lá na Barra*”. Aproveitei que estava próximo ao Montese e ofereci uma carona. Ele aceitou de imediato. Encontramo-nos na Avenida Gomes de Matos por volta de 13h30. em frente a Lojas Americanas, próximo à sua casa, no centro comercial do bairro. Vestia *short*, camiseta e trazia o *kimono* dobrado na mochila. No caminho até o CUCA, conversávamos sobre *rock*, *jiu jitsu* e a “*galera da DNA*”. Aproveitei a ocasião para falar-lhe da pesquisa e, quando convidado a ser entrevistado, ressaltou: “*E tua professora quer saber o que a gente faz, por onde a gente anda é? Se for, acho que ela não vai gostar muito, não!*”.

Apesar da impressão de que os modos de vida dos jovens da PP e do DM não seriam bem aceitos no âmbito acadêmico, que lhe parecia distante e pelo qual demonstrava pouca compreensão e interesse, aceitou participar do que passou a chamar de “*trabalho da faculdade*”. No mês seguinte, encontrar-nos-íamos no mesmo local, desta vez, fazendo outro percurso.

Tchuco (18 anos) já havia desmarcado a entrevista anteriormente. Somente neste sábado (19/jan./2012) deu certo. Para isso fui pegá-lo em casa, no Montese, e a entrevista também começou no carro, no percurso até a Galeria Pedro Jorge, passando pelo DM. Estava um dia chuvoso e o encontrei por volta 14 horas, próximo à sua casa. Contrário ao visual cotidiano adotado na PP, estava todo produzido: calça jeans preta rasgada nas pernas e uma blusa preta de listra. Usava pulseira preta de couro com detalhes em metal no punho esquerdo, e o alargador na orelha esquerda complementava o visual do roqueiro metal. Nos últimos sábados, não estava indo para o DM cedo para evitar o contato com os blocos de rua que desfilam no pré-carnaval de Fortaleza, na Praia de Iracema. “*Prefiro não ir quando está rolando o pré, pra não se misturar*”. Ao chegarmos no DM, continuamos a entrevista

no carro, onde preencheu o mapa. Depois que terminou, pediu que eu o deixasse no centro da Cidade, mais precisamente na Galeria Pedro Jorge, e no percurso demos continuidade à entrevista que transcorria em um tom informal. [...] Durante a “conversa” em trânsito, lembrava de minhas primeiras idas à PP e de como me assustava com o comportamento de alguns jovens como o Tchuco (18 anos). Pareciam brigar até quando brincavam. Acredito que o estilo, o visual, também contribuía para isso, penso eu. [...] Fiquei surpreso com sua idade. Imaginava que tivesse mais de 20 anos. Talvez seja por conta do físico e das performances corporais. Ele é alto, meio gordinho, forte, e de longe, o movimento do corpo, impõe autoridade, respeito, a anunciar que está sempre disposto à briga, a comportar-se como o dono do pedaço. Somente depois de uma maior aproximação percebo tratar-se de um garoto não tão agressivo como insiste em parecer (fico pensando na influência que o visual, o corpo e suas performances, exercem sobre o que achamos das pessoas). (DIÁRIO DE CAMPO, 20 de janeiro de 2012).

Depois desse encontro, Tchuco (18 anos) mobilizou a “*galera da DNA*” para participar do grupo focal e, após dois meses, nas últimas visitas que fiz à PP, o encontrei entre os poucos jovens que resistiam à mudança de calendário do roteiro juvenil pelas praças da cidade.

PP. Cheguei por volta das 20 horas. Havia cerca de 40 jovens e, novamente, uma turma maior ocupava os bancos próximos ao Shopping Aldeota, local onde *roqueiros* e *punks* costumam ficar, cerca de 20 jovens. Havia também um grupo, 10 ou 15 jovens, junto ao monumento no centro da praça. Pelo visual, quase todos de preto e com adereços típicos de *roqueiros*, são garotos e garotas *roqueiros* e/ou *punks*. Bebem e se divertem como nas noites em que a PP aglomerava aproximadamente 300 jovens nas

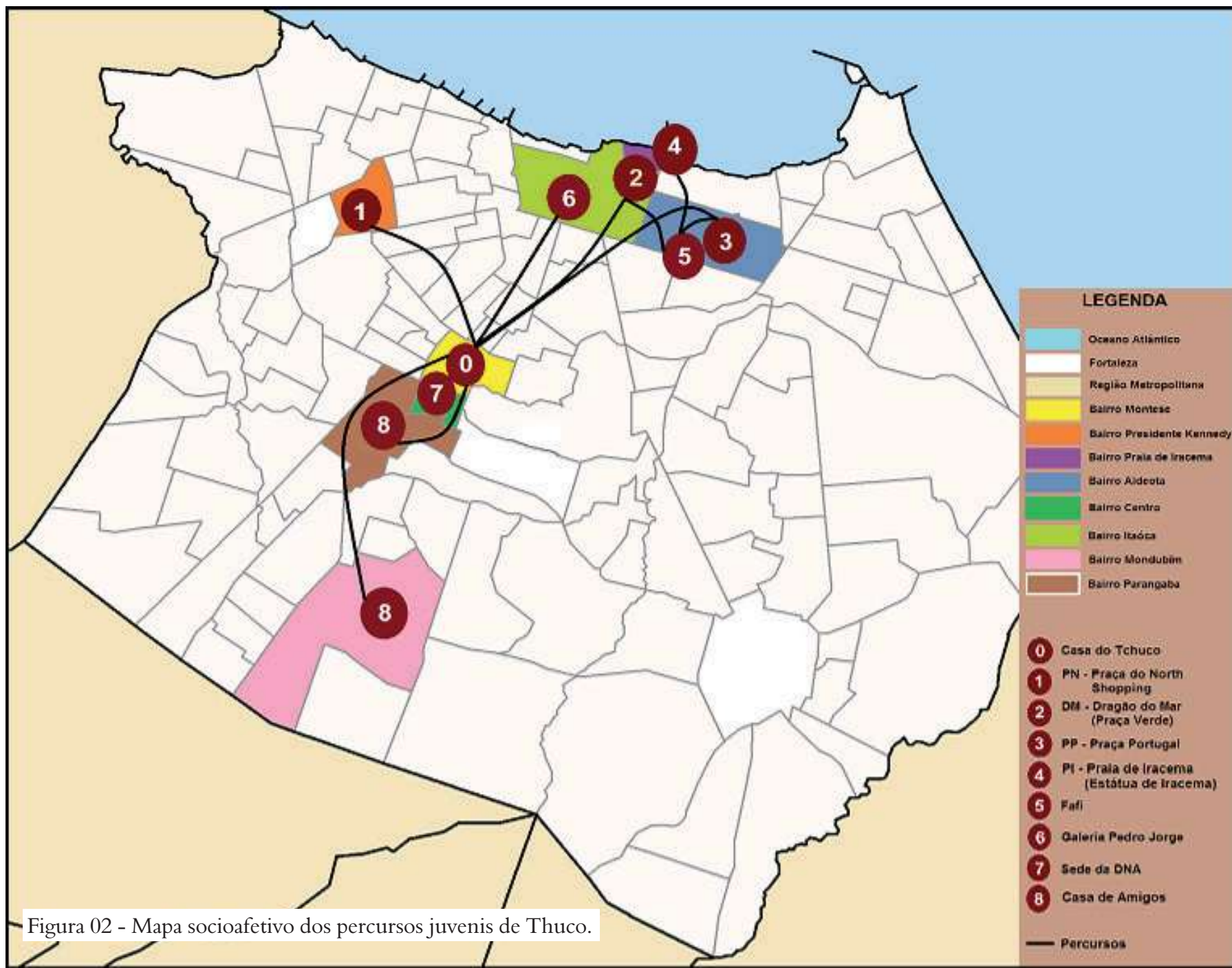


Figura 02 - Mapa socioafetivo dos percursos juvenis de Thuco.

noites dominicais. Uma árvore grande havia caído e ainda estava lá para ser retirada. Dei uma volta na busca de reencontrar alguns jovens com quem tive contato durante os oito meses na praça. Próximo ao monumento não encontrei nenhum conhecido, então resolvi sentar em um banco ao lado do grupo maior. Logo que me aproximei, Tchuco (18 anos) (que eu ainda não tinha visto) saiu do meio da turma e veio ao meu encontro. Cumprimentou-me e perguntou o porquê de está sumido. Usava short, camisa ao ombro e pés descalços, como de costume. Foi logo falando: “-*Tá vendo como o povo tá voltando!? Já tem uma galera ali que tinha saído pra PN e já tá voltando*”. E acrescentou “-*Lá (na PN), já tá começando a ter arrastão e assalto de novo*”. Disse também que “*a galera aqui*”, referindo-se aos roqueiros, “*prefere que fique só a gente mesmo. Quando tem muita gente, chama muita atenção*”. -Atenção como? Perguntei: “-*Quando tem aquela pivetada, aqueles viados!? Chama atenção porque fica de menor bebendo e ai vem o Conselho Tutelar, a polícia e tudo*”. Tchuco (18 anos), que se diz ateu, contava-me sobre o namoro com uma garota do Shalon que o conheceu enquanto evangelizava na PP. Por conta disso, está frequentando um grupo de jovens (do Shalon), mas assumiu que o interesse é só na garota. Explicava que vivem em “*mundos diferentes*” e que quem tivesse mais argumentos convenceria o outro à adesão ao seu mundo. Estava certo que iria convencê-la a andar nos locais que frequenta, inclusive na PP. Sobre a mudança da frequência dos jovens nas praças – o retorno à PN e o abandono da PP –, explicou-me que tem uma galera voltando a andar na PP novamente aos sábados e que aos domingos vai ficar somente aquela galera que estava lá: roqueiros e punks. Disse que assim fica melhor, “*sem se misturar*”. Seria uma nova organização? (DIÁRIO DE CAMPO – 08 de abril de 2012).

Naquela noite, Tchuco (18 anos) falava-me de duas situações semelhantes, tomando posições inversas. Na primeira, descrevia a experiência vivida por dois jovens habitantes de “*mundos diferentes*” – a cristã catequizadora e o roqueiro metal ateu – que compartilhavam suas experiências, unidos por uma relação afetivo/sexual. Tal relação se apresentava para Tchuco (18 anos) como possível e viável, mesmo que essa “*mistura de mundos*”, de modos de vida, estivesse constituída por intenções mútuas em persuadir a migração do outro para o seu mundo: o do *rock* ou o da fé cristã. Na segunda experiência, defendia que a sociabilidade juvenil na praça tomasse como critério de separação a faixa etária, o estilo e a sexualidade, como se “*os tempos de mistura*” não fossem mais possíveis. Tchuco (18 anos) estava entre os que defendiam veementemente a PP.

Digo isso por perceber uma tendência entre os jovens, de referirem-se às praças como trincheiras de disputa pela frequência juvenil. Naquele momento, em que encerrava o trabalho de campo desta pesquisa, a grande maioria dos jovens que frequentavam a PP nas noites de domingo havia migrado para a PN, que estava há quase dois anos inativa ou, como costumavam referir-se, “*tinha morrido*”. Tchuco (18 anos) era enfático em afirmar que não deixaria a PP pela PN em hipótese alguma.

Quanto à nova estruturação das sociabilidades juvenis por praças, que estava em processos de reorganização naqueles meses, Tchuco (18 anos) defendia a divisão da PP em duas noites de frequência, onde a faixa etária, o estilo e a sexualidade seria o tripé de base definidor de quem frequentaria a PP no sábado e de quem permaneceria no domingo. Migrariam para as noites de sábado, os jovens de idade até 16 anos, especialmente, aqueles conhecidos entre os roqueiros como “*coloridos*”, e os homossexuais. Aos domingos, a praça seria dos “*darks*”, roqueiros e punks, geralmente, em faixa etária acima de 17 anos. Tal proposta poderia até concretizar-se se as fronteiras marcadoras das diferenças não estivessem permeadas por variados campos de intersecções entre faixa etária, estilos e

sexualidades. A que noite da PP frequentaria o jovem Hirley, morador do Jangurussu, com quem convivi esses oito meses?

Fazendo e Usando “o que der na telha”

Hirley, aos 19 anos, mora na casa de um amigo no bairro Jangurussu¹³ e já concluiu o segundo grau. O frequentador assíduo do Bar do Feitosa (às sextas-feiras), do DM (aos sábados) e da PP (aos domingos) diz não adotar nenhum estilo específico, o que faz com que use “o que der na telha”. É gay e não tem namorado. Aos 17 anos, em 2010, enquanto passeava num parque de diversões da Cidade, conheceu duas garotas – Lídia e Sinthia – de quem ainda é amigo, e por quem foi convidado a ir à Praça Portugal no domingo seguinte. Hirley sabia, por meio de um colega de escola, que a PP “era um lugar GLS e tal”, no entanto, a praça situava-se em um espaço ainda desconhecido para o jovem morador do Jangurussu: o bairro Aldeota. “Eu não tinha andado lá antes. Por aquele lado ainda não conhecia. Nunca tinha passado por lá. [...] Eu já sabia o que tinha lá e eu não tinha falado pra elas (as amigas) que eu gostava de rapazes. Andei lá uns dois ou três meses com elas, depois que eu disse que era gay” (HIRLEY, 19 anos).

Mesmo omitindo a sua orientação sexual para as recentes amigas, foram elas as primeiras companhias de Hirley no itinerário

¹³ Bairro localizado na SER VI. Faz parte de uma região periférica de Fortaleza, na fronteira com o município de Itaitinga. O Jangurussu foi, durante muito tempo, local destinado a despejo do lixo da cidade e, por isso, conhecido popularmente como “o lixão”. Hoje, abriga várias empresas de reciclagem de lixo, para onde muitos catadores/recicladores se destinam, especialmente durante a noite. Para o deslocamento à PP e ao DM, os jovens do Jangurussu utilizam o transporte coletivo (ônibus), passando por dois terminais rodoviários, percurso que dura em média uma hora e trinta minutos.

do bairro Jangurussu a Aldeota. No percurso, de “busão”, passava pelos terminais da Messejana, da Parangaba (onde encontrava as amigas) e, de lá, os jovens seguiam até a PP. No primeiro dia, logo no terminal da Parangaba, conheceu Vinícius, o amigo das garotas e de quem se tornou amigo também:

A Lídia mora ali no Tamandaré, vizinho ao meu bairro e eu não sabia. Fui saber um tempo depois. A Sinthia mora na Parangaba e o Vinicius mora na Messejana. Aí, a gente foi batendo foto dentro do ônibus no celular. Chegamos cedo. Acho que era umas seis e meia pra sete horas e tinha pouca gente. Ai eu: “-Nossa!!! Aqui é a Praça Portugal?!?!”. [...] Chegando lá, a gente ficou sentado nos bancos. Ela tava esperando uns amigos e eu só olhando e tal. Ai foi enchendo né!? Chegando gente, o povo lá “ficando” e eu: “-Nossa! Eles ficam assim?”. E o povo tudo brincando e se divertindo. Aí, eu fui apresentado a mais amigos delas e tal. Até ai, tudo bem. Chegou na hora de ir embora e eu: “-A gente já vai?”, e elas: “-Já! Tu gostou?” e eu: “-Gostei sim! Quando é que a gente vem de novo?”, eu perguntei né! Ai ela: “-A gente tá vindo todo domingo.” “-Ah! Tá certo!”, eu falei. Depois daí a gente começou a frequentar. (HIRLEY, 19 anos).

Eu achei legal. As pessoas “ficando” assim... foi o que chamou mais atenção. Os caras, as meninas. E eu: “-Nooossa! Massa! Gostei!” Porque eu nunca tinha visto isso num lugar público. No primeiro dia fiquei andando... e a gente brincou de uma brincadeira lá. Era assim: a gente fazia uma roda e pisava no pé do outro. Era legal (HIRLEY, 19 anos).

Hirley (19 anos) não sabia ainda, mas a frequência na PP

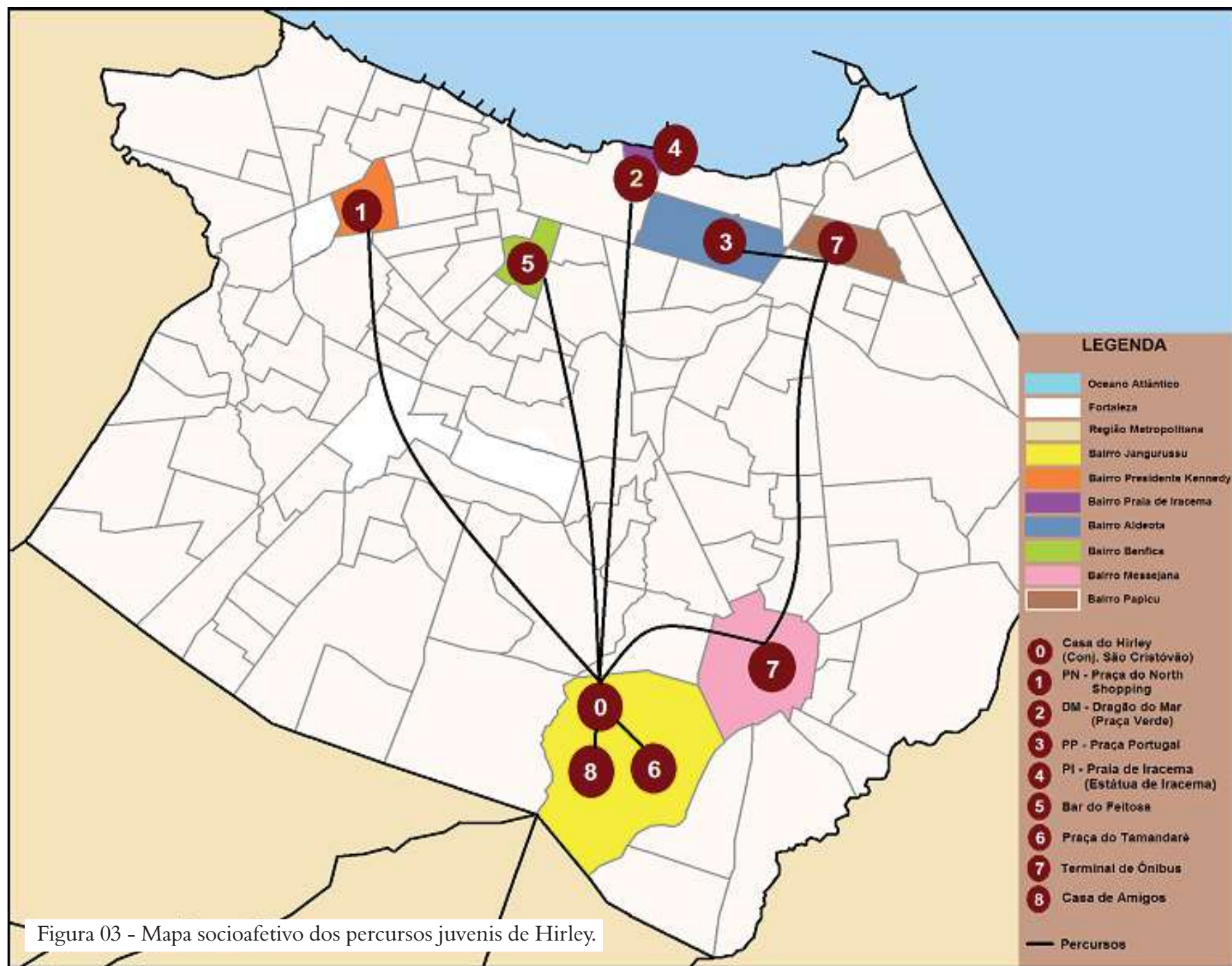


Figura 03 - Mapa socioafetivo dos percursos juvenis de Hirley.

seria apenas o início de outros percursos que faria por lugares da Cidade ainda não conhecidos. Um ano depois, em 2011, após muita insistência do amigo Alair, irmão de Mateus, conheceu as noites de sábado do DM. O local lhe chamou atenção pela variedade espaços e quantidade de jovens a transitar, tomando a PP como referência. O itinerário do Jangurussu ao Centro da Cidade demora cerca de uma hora de viagem e, do Centro, “desce próximo ao Banco Central e vai andando pela rua Dom Manuel até chegar no DM” (Hirley, 19 anos). Ao chegar,

Vou atrás dos amigos: a Raquel, o Leo, a Irena, pra cumprimentar, pra falar. A Raquel é de Messejana. Conheci ela e o Leo andando no Dragão e na PP. Só falo com eles nesses locais. Não tem outro local pra gente ir. Aí a gente vai atrás dos amigos, né? Pra conversar, saber como tá e tal; pra saber se os outros amigos vão vim; se já vieram, se já chegaram. A gente fica andando, se senta, anda de novo. Anda pela Praça Verde e pela outra praça, também. Quase a mesma coisa que na PP. Ai fica andando, conversando, falando o que houve na semana, o que passou, o que não passou, conta o que viu, o que não viu, mas só que no Dragão dá pra “virar a noite” com os amigos. (HIRLEY, 19 anos).

O jovem descreve esse ritual de sociabilidade no DM com um tom de quem fala de algo repetitivo, cansativo, mas esse movimento de busca e de encontro dos amigos ocorre de maneira bastante eufórica. Não são raros os encontros marcados por abraços e beijos motivados por muitas saudades, mesmo que o último encontro tenha ocorrido poucas semanas atrás. O mapa que segue (figura 03) cartografa os circuitos do jovem Hirley (19 anos) no qual o Jangurussu é o ponto de partida e os espaços de interações juvenis – praças e bares da Cidade – os pontos de chegada e de encontros juvenis:

De “menino da mamãe” ao “estiloso From UK”

Há dois anos, Beto (18 anos) acompanhou sua amiga, vizinha, a uma outra praça, no bairro Presidente Kennedy: a PN. O jovem, que na época tinha seus 16 anos, usava “uma calça comum, um tênis *all star* e uma blusa frouxa”, estilo denominado por ele de “normal”: “Eu era um menino normal, menino de mamãe. [...] Eu era *normalzinho*”. Na praça, enquanto a amiga namorava, Beto (18 anos) descobriu outras possibilidades de “ser” ou “estar”, para além do “normal”:

Eu achei legal! Cheguei lá e vi um monte de adolescente! Estilos diferentes! Eu num tinha nem esse estilo ainda. Quando cheguei lá, eu vi um monte de menino assim: cabelo grapeado, franja, maquiado, todos de preto! Essas coisas assim! Mas eu já curtia *rock* desde a minha infância, porque minha família toda é de *rock*, essas coisas assim, meu pai já era Raul Seixas, minha mãe já era Cazuzza, aí era assim. Minha vó já era mais antigo, o rock dela é tipo o Menudos. (BETO, 18 anos).

O que seria apenas um passeio tornou-se para Beto a descoberta de um espaço de sociabilidade, onde os estilos e as ações coletivas juvenis apresentavam-se sob outras práticas de interações, sob novos códigos, novas dinâmicas, abrindo possibilidades múltiplas de modos de vida. Estilo e sexualidades ganhavam, então, novos contornos para o “menino de mamãe”:

Eu achei legal. Era diferente! Não tinha povo, tipo preconceituoso, essas coisas assim! Era

legal, lá! Achei interessante porque o povo era muito simpático, e aí tinha gente que chegava com uma plaqueta, tipo: “fica comigo”!, e falava com você. Era, “um beijo 10 centavos”! Essas coisas assim. Tinha “abraço grátis”, essas coisas assim. Andava com as placas e mostrava pra você, aí se você quisesse dá um abraço, abraçava. Ainda existe no Sana *fest*, nesses cantos assim. Só que ficou menos agora porque o povo achava ridículo. (BETO, 18 anos).

Não demorou muito para, da PN, Beto passar a frequentar outros espaços como a PP e o DM, ambos desconhecidos ao jovem. Transitar pela Cidade, para além do Jangurussu, parecia para Beto uma aventura na qual estava sujeito, no mínimo, a perder-se (Ver Figura 04). Além de não se distanciar com frequência do bairro de morada, sair sozinho ainda parecia um desafio, para o qual contava com Hugo, o garoto com quem “ficava”:

Eu não sabia ir sozinho, né? Aí ele ficava dando as instruções. Eu nunca tinha ido antes na PN! Só tinha ido com a minha amiga. Até hoje eu não sei muito bem ir até o North Shopping, porque é muito complicado! Ele (Hugo) dava as instruções e um dia eu quase me perdi, mas ia sozinho. [...] Pro Dragão, eu fui com o Hugo também, porque ele queria ir pro Dragão, aí eu disse que não sabia onde era, mas fui sozinho, de ônibus. [...] Eu nunca tinha ido lá, também! Ele me disse que era pra pegar o “Grande Circular I” no terminal da Messejana, aí de lá continuava no “Grande Circular I” que ia pro Terminal do Papicu, aí continuava nesse “Grande Circular I” que passava pelo Dragão. (BETO, 18 anos).

Hoje, aos 18 anos, Beto (18 anos) continua morando com a família no bairro Jangurussu, mas prefere dizer-se morador do

bairro de Messejana. O garoto, antes “normalzinho”, que curte *pop rock* desde a infância, após frequentar a PN, o DM e a PP, passou a adotar o estilo From UK, “um estilo mais avançado do *emo* [...] é um estilo mais colorido e que curte música *pop rock*”, explica. Extremamente vaidoso e atento ao visual, é considerado pelos amigos como “estiloso”. Apesar da pele branca, seu rosto ganha uma tonalidade mais alva pelo uso excessivo de pó e os lábios, por vezes, um batom quase imperceptível. No entanto, manter o cabelo sempre penteado é uma preocupação constante. Está sempre sacando do bolso uma pequena escova para pentear, especialmente, a franja que cobre a testa e aproxima-se dos olhos, o que, segundo ele, é uma das diferenciações do estilo *emo*, no qual a franja cobre todo o olho. O cabelo preto, alisado artificialmente, destaca na franja uma mexa em cor (ora verde, ora vermelha). Ao visual do garoto magro e de cabelos pretos, calças e tênis coloridos – em tons fortes de verde, vermelho, lilás – é acrescentado um cachecol envolto ao pescoço, como se estivesse a protegê-lo de um frio imaginário. Teria a vivência nas praças implicações para a transformação do “menino de mamãe” em um estilo “From UK”? No âmbito familiar, usa o gosto musical pelo *pop* e *pop rock* como justificativa à adoção desse estilo, comumente associado à homossexualidade. “Eu tenho um monte de pôster de banda no meu quarto e tem uns cantores que usam esse estilo e aí eles (os familiares) pensam que eu estou imitando eles”. A família não fala abertamente sobre sua orientação sexual. De que maneira a adoção do estilo “From UK” estaria relacionada à orientação sexual de Beto? Quais os marcadores de identificação entre o estilo “From UK” e a homossexualidade? Como Beto transita por esses dispositivos?

Por também morar no Jangurussu e transitar constantemente com o jovem Hirley (19 anos), a figura 04, na qual trago os percursos e circuitos sócio/afetivos do jovem Beto (18 anos), não se diferencia da figura 03, conforme podemos observar na página que segue:

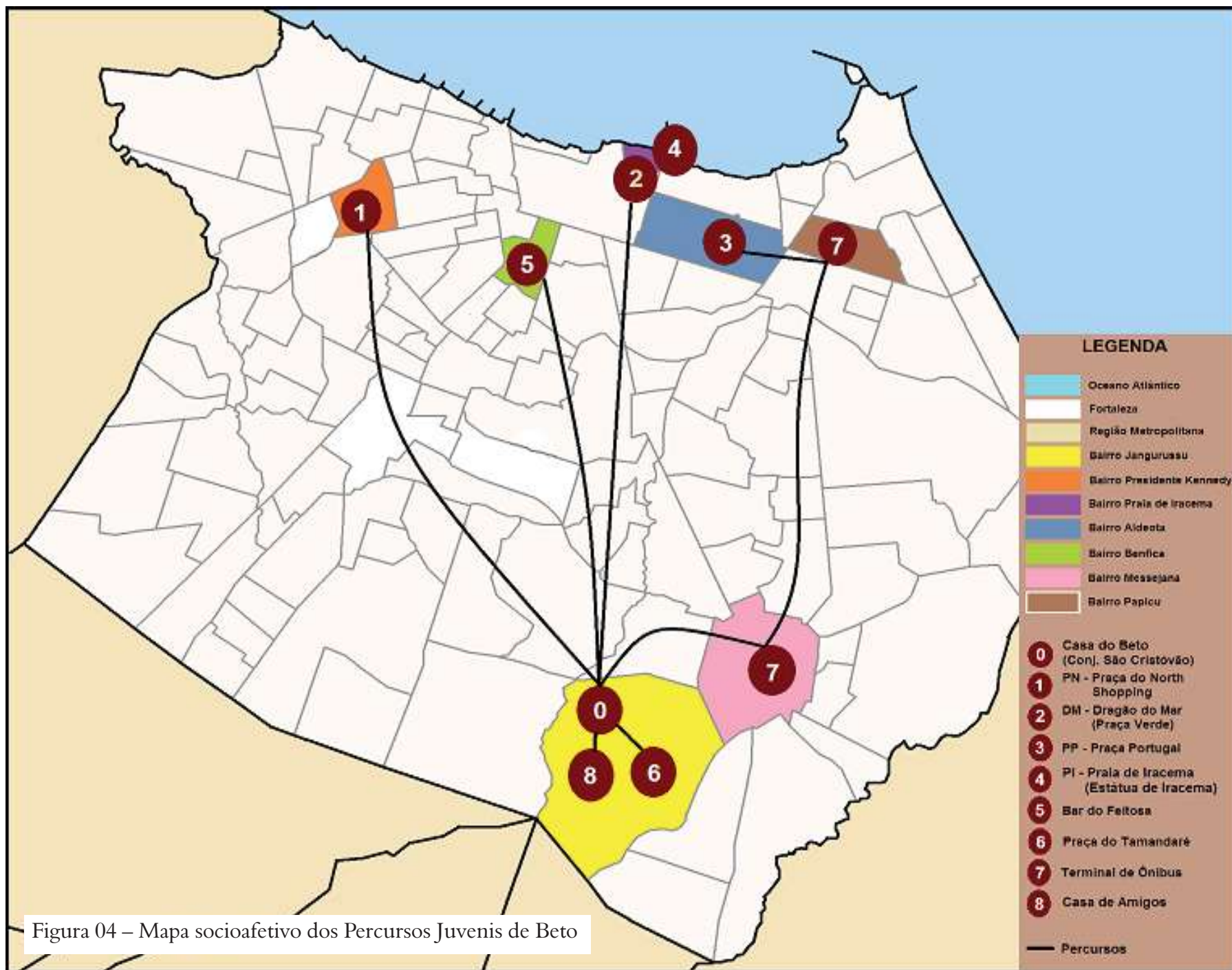


Figura 04 – Mapa socioafetivo dos Percursos Juvenis de Beto

O que se parece repetitivo vai se refazendo a cada noite, uma vez que no DM parece haver uma rotatividade na frequência dos jovens, possibilitando a cada sábado a interação com diferentes e o reencontro com aqueles que já se conhecem da “mistura” juvenil. Na PP e no DM, no período desta pesquisa, costumava namorar ou “ficar” com garotos e seus percursos às praças deixaram de ser solitários, quando descobriu que outros jovens do Jangurussu também percorriam a Cidade por esses espaços de sociabilidade juvenil. Aos domingos, o movimento de preparação começa à tarde, quando Hirley (19 anos) sonda - via celular - quem vai ou não à PP. Geralmente, saem de dupla ou trio. Hirley (19 anos) encontra com o Beto (18 anos) no Terminal de Messejana, às dezoito horas e 30 minutos, e com o Matheus (18 anos), em frente à sua casa, meia hora antes. “São poucas vezes que eu fico só. A gente nunca sai seis horas, mas a gente marca seis horas. Sai seis e meia, sete horas. Chega na PP em mais de uma hora.” (Hirley, 19 anos). Nesse percurso, o grupo vai agregando outros jovens moradores de bairros próximos, como o José Walter, Conjunto Palmeiras e Messejana, ao encontrarem-se nos ônibus e/ou terminais.

De vez em quando que a gente encontra, por coincidência, com outros amigos – a Eva, o Dan, o Digo – na parada do ônibus, aí a gente vai junto. Quando chega no terminal, sempre encontra alguém: na parada do ônibus, no terminal da Messejana e do Papicu.



Do Jangurussu ao terminal da Messejana, o ônibus “Conjunto Palmeiras/Perimetral”. Lá, embarcam no “Grande Circular I” até o Terminal do Papicu, onde pegam algum dos ônibus que passam na PP: o “Dom Luiz”, o “Treze de Maio” ou “Aeroporto”. “Todos passam na Avenida Dom Luiz” (HIRLEY, 19 anos). Esse ritual de mobilização e fluxo repete-se nas sextas-feiras e nos sábados, quando percorrem outros itinerários, primeiro a caminho do Bar do Feitosa, no Bairro Benfica, e no dia seguinte, para o DM na divisa entre o Centro da Cidade e a Praia de Iracema. Beto encontra nas interações das praças, modos de vida juvenis nos quais o visual (o estilo) e a sexualidade parecem implicados em um jogo de significados que o levam de “menino da mamãe” à estiloso “From Uk”.

Estranhamentos e conflitos sobre o “fazer nada”

Aos 17 anos, nos finais de semana, Ana frequenta a PP, o DM e o Bar do Feitosa, junto a amigos que conheceu nas noites da Praça do Tamandaré,¹⁴ e com quem se encontra durante a semana: Hirley (19 anos), Matheus (18 anos) e Beto (18 anos). Agora, mora no bairro Conjunto Palmeiras com a mãe, com quem tem problemas de convivência (Ver Figura 05), cursa o primeiro ano do Ensino Médio em um colégio da Rede Pública Estadual de Ensino e se diz bissexual, afirmando ter começado a “ficar” com garotos aos 11 anos e, aos 12, a sentir atração também por meninas. Durante a infância, a garota, que morava com a avó na cidade de Maracanaú, visitava a mãe nos finais de semana, no

¹⁴ Praça no bairro Jangurussu, onde um grupo de jovens (entre eles: Beto, Ana, Hirley e Digo) se encontra durante as noites das segundas-feiras e quintas-feiras.

bairro Conjunto Palmeiras, em Fortaleza. A Praia do Futuro, a Avenida Beira Mar, a Praia da Sabiaguaba, os *shoppings* Iguatemi e *North Shopping* estavam em seu roteiro de diversão e lazer dos finais de semana. Aos 14 anos, durante o percurso entre a casa da avó e da mãe, no terminal de ônibus do bairro Siqueira, Ana conheceu uma garota que a convidou ao Dragão do Mar.

A Catarina já andava lá há algum tempo e eu fiz muita amizade com ela e com os primos dela que gostam de curtir *pop rock*, essas coisas. Ai pronto, eles me disseram que o pessoal ia pro DM e que lá era legal e ela me chamou pra ir também. Eu conhecia, no Dragão do Mar, apenas a área do teatro. Aí eu: “-Vocês vão fazer o que lá?” Ai: “-Vai se reunir com um pessoal lá”. Eu pensei que era só um grupinho, essas coisas. Aí quando eu cheguei lá, era uma coisa totalmente diferente! (ANA, 17 anos).

Apesar de se considerar uma pessoa “*um pouco difícil de fazer amizade e de se aproximar muito das pessoas*”, a jovem aceitou o convite dos novos amigos. O DM, naquela ocasião, foi para Ana (17 anos) uma oportunidade de conhecer outros jovens e de conviver com situações e práticas provocadoras para a jovem:

Foi eu e ela. Ai nós chegamos e ela conhecia um pessoal lá. A gente começou a beber, beber e umas dez horas a gente veio embora. Já que eu tava me acostumando, eu já conheci mais pessoas, né?! No mesmo dia eu conheci o pessoal que ela já conhecia, porque ela já andava lá. Ai ela encontrou um grupo de amigos, ai pronto. [...] Ah, sinceramente, eu achei, estranho assim, porque não tinha nenhum policial, essas coisas... Eu vi um pivetezinho, parecia ter 10 ou 11 anos, fumando, bebendo. Eu achei meio estranho! [...] Ah, eu achei uma coisa assim: deve ser porque todo mundo faz que ele está fazendo. Não

achei legal porque ele tava meio que perdendo a infância. (ANA, 17 anos).

O encontro com os jovens na PV do DM, em princípio, foi marcado pelo estranhamento às práticas até então consideradas “*estranhas*”, “*indevidas*”. Entre elas, a questão da sexualidade vivida livremente nesse espaço, causou-lhe também estranhamentos e conflitos em virtude da exposição da afetividade entre pessoas do mesmo sexo em público. O que era entendido como privado, escondido, aparecia para a jovem como vivência naturalizada em um espaço que não era restrito nem aos jovens e nem a pessoas LGBT:

Ah!!! De cara, foi super estranho! Ver coisa assim que eu pensava mais fechada, em lugar totalmente aberto, por exemplo, pessoas bebendo, fumando, fazendo certas coisas indevidas, gays, lésbicas, essas coisas. Foi estranho porque eu já sabia da minha sexualidade, mas eu sempre pensei, sempre foi uma coisa meio reservada pra mim. Ai, depois que comecei a andar nesses lugares, que eu percebi que não era coisa tão reservada assim! [...] Estranho. As meninas na frente de todo mundo?! Achei feio. Feio, porque tinha pessoas lá que não entendiam... como eu posso te dizer, tipo aquelas pessoas... num é que não aceitem, eu acho uma falta de... como eu posso dizer, responsabilidade, sei lá, uma coisa assim. Pronto, um hétero ver duas pessoas de sexos iguais ficando. Eu acho que deveria ter respeito. Eu achava um desrespeito. (ANA, 17 anos).

A naturalização da exposição pública de relações afetivo/sexuais entre pessoas do mesmo sexo, presenciada pela jovem, exigiu um período de adaptação. O entendimento da homossexualidade como prática agressiva, como algo negativo, “*feio*”, desrespeitoso, foi um obstáculo a ser superado por Ana (17 anos) por algum tempo. No DM, tinha vergonha de manter

afetividades com garotas, mas foi lá sua primeira experiência de “ficar” com outra garota em público, o que considerava “*estranho, uma falta de respeito*”. Quanto às questões da sexualidade, a jovem demonstra ser bastante observadora e questionadora. Um exemplo diz respeito ao processo de travestilidade de um jovem que conheceu gay e tornar-se-ia travesti:

O Alex, lá da PP, eu até falo pra ele, toda vez que eu vejo: “-Alex, tu mudou tanto!”. Porque ele era um meninozinho. Todo na dele! Todo caladinho! Hoje em dia, ele tem o cabelo grande, é azul, acho que tu já viu ele lá pela Praça Portugal. Ele virou um gay totalmente assumido! Acho que ele num é gay. Não! É travesti! Ele era gay quando eu conheci. Foi uma mudança muito rápida, porque ele era todo meninozinho e, hoje em dia, não. Ele mudou super rápido, eu falo sempre pra ele. (ANA, 17 anos).

Assim como outros jovens, Ana (17 anos) demonstrou, por diversas vezes, incompreensões acerca das categorias sexuais emergentes: *gay*, *lésbica*, *travesti*, *bissexual* (LGBT), de modo que durante conversas informais, identificar a orientação sexual de alguns pairava sobre questionamentos como: “-Ele é gay ou bi? Não sei!”, “Quem fica com os dois, mas fica mais com um que com outro é bi?”, “Como a gente chama quando o gay vira assumido? É travesti né?” (DIÁRIO DE CAMPO, 09 de outubro de 2011). A sociabilidade nas praças proporcionaria à Ana (17 anos) a elaboração de respostas às questões ainda não compreendidas sobre a sexualidade e orientação sexual? As interações nesses espaços proporcionariam a elaboração de novos questionamentos? Qual a influência (o papel) das interações juvenis entre pares nesse jogo de perguntas e respostas?

De fato, Ana (17 anos) considera-se uma garota “*alternativa*” por não adotar nenhum estilo específico e pela diversidade dos gostos musicais. O termo “*alternativo*” assume entre esses jovens um significado diferenciado daquele que se propõe a identificar a adoção de um modo de vida que se contrapõe aos

padrões socialmente estabelecidos. “Ser alternativo”, no caso de Ana (17 anos), seria não aderir a nenhum estilo ou modo de vida específico, mas transitar por uma diversidade deles, sem um comprometimento identitário e estético. Usava sempre calças jeans e blusas de malha coladas ao corpo. Algumas vezes, calçava os tênis coloridos dos amigos. Para ela, “*entre jovens de hoje não existem muitos preconceitos*” em relação a modos de vida e sexualidade. Apesar dos conflitos entre a formação da avó e as práticas afetivo/sexuais dos jovens no DM, continuou a frequentar a PV e a estender as interações a outros locais como a PP e a PN e, mesmo frequentando com bastante assiduidade as praças, questiona-se sobre a presença nesses espaços:

-Meu Deus o que eu tô fazendo aqui? É assim: quando eu tô em casa, eu não quero ficar em casa. [...] Eu acho que a maioria das pessoas que vão pra lá, é porque não quer ficar em casa. Não suportam ficar em casa! Querem sair pra algum lugar!? É o meu caso. Eu vou pra lá porque eu odeio ficar em casa. (ANA, 17 anos).

Desse modo, as praças apareceriam para Ana (17 anos) como possibilidade única de fuga do cotidiano de casa e do bairro. Essa dualidade, “ficar em casa *versus* sair pra rua”, aparece com frequência no discurso dos jovens e a ideia da troca do “*fazer nada*” em casa pelo “*fazer nada*” na rua também permeia as falas de Ana (17 anos) sobre a vida nas praças:

Se fosse pra dizer o que eu faço na PP e no DM ia dizer que nada né?! Quando eu penso assim, “-Ah! O que eu tô fazendo aqui? Num lugar que num tem nada!?” Sair da minha casa, ficar cansada de andar! É um lugar pequeno (a PP)! O pessoal fica só dando voltas!”. É bom porque eu reencontro pessoas, as amigadas que eu fiz lá. Acho que se eu não tivesse ido pra lá, eu nunca teria tanta amizade assim, porque eu

sempre fui uma pessoa meio trancada, por isso que eu gosto de sair. (ANA, 17 anos).

Sem perceber, a jovem responde a sua própria pergunta e o encontro e reencontro com outros jovens justificaria o “fazer nada” da rua. A perspectiva de ampliação do leque de amigos parece ganhar grande valia tanto para Ana (17 anos) quanto para os demais jovens desta pesquisa, sem que haja consciência disso. Ter bastante amigos, ser conhecidos, são critérios de *status* nessas interações. No entanto, “fazer amizade”, encontrar pessoas, não parece para ela justificativo suficiente que explique a ida às praças. Comparando a PP com a Praça do Tamandaré, a jovem explicita com maior lucidez os motivos que a levam a atravessar a cidade, do Conjunto Palmeiras à Aldeota, nas noites de domingo:

A Praça Portugal tem mais gente desconhecida, assim, mais facilidade também. Você tem mais facilidade de fazer amizade porque na Praça Portugal - você pode prestar atenção! - Hoje em dia, algum tempo, como eu posso dizer... ano passado, as pessoas que andavam lá não são as mesmas que tão andando agora, está chegando um monte de criança. [...] É, muda! Aí a pessoa vai tendo mais possibilidade de fazer amizade. (ANA, 17 anos).

A rotatividade juvenil na PP faz da praça local propício ao encontro com novas pessoas, ou seja, de ampliação da possibilidade de novas amizades. Foi de lá, da PP, e na noite que conheceu a praça, que junto a outros jovens, Ana começou o percurso (17 anos) de sua primeira “virada” na noite fortalezense:

Foi meio estranho (risos). Eu pensava que a PP era um ambiente mais amplo, mas não, era pequeno. Quando eu cheguei lá, já era tarde, por isso que eu não gostei muito. Quando eu cheguei lá, nós encontramos umas

pessoas, os amigos da Catarina. Demorou um pouco, ninguém tava fazendo nada lá, tipo, só conversando. Ai todo mundo pegou um ônibus e fomos pro Dragão do Mar. Foi a primeira vez que eu virei... virei a noite assim. [...] A virada é cansativa! E o pior é que passa a noite bebendo, conversando, as pessoas atrás de ficar umas com as outras, essas coisas (risos)... Ia pra praia e ficava lá, na praia. Dava sete horas e todo mundo ia embora. (ANA, 17 anos).

As visitas de Ana (17 anos) à PP dependiam das negociações com a mãe, por quem foi, por algum tempo, proibida de ir à praça. A tática para continuar frequentando a PP foi se fazer acompanhada de um amigo de confiança da mãe, com quem saía de casa dizendo ir ao shopping. “Ela confia muito no meu vizinho, porque ele é ‘de maior’. Aí a gente dizia que ia pro shopping. Que nada! Ia era pra Praça Portugal. Saia de lá às 9 horas, cedinho, o horário que eu saio do shopping e chegava em casa umas 10h e 30min. E pronto!” (Ana, 17 anos).

Foi na PP também que a encontrei pela primeira vez, em agosto de 2012, três anos após sua inserção nas sociabilidades das praças. Durante a semana, costuma chegar à Praça do Tamandaré por volta das 18h e retornar para casa às 22h. Para ela, “lá é um lugar diferente, onde fica conversando, bebendo [...] É como se fosse uma praça de encontro também”. Vai mais pra conversar

e encontrar os amigos que moram no Conjunto São Cristóvão (bairro Jangurussu). Assim como em outros locais de sociabilidade, lá também se corre riscos de assaltos, o que faz com que os jovens elaborem um movimento de afastamento e retorno.

O itinerário de Ana (17 anos) do bairro até as demais praças da Cidade difere dos demais jovens do Jangurussu apenas no local de partida, pois é o ônibus “Conjunto Palmeiras Perimetral” que a leva ao terminal da Messejana, onde encontra os demais e seguem pela Cidade. O mapa, na figura 05, ilustra os percursos dessa jovem. É possível que nos fins de tarde de sábado e domingo, entre os anos de 2009 e 2012, Ana (17 anos) tenha compartilhado a condução com o jovem *underground* Digo (21 anos).

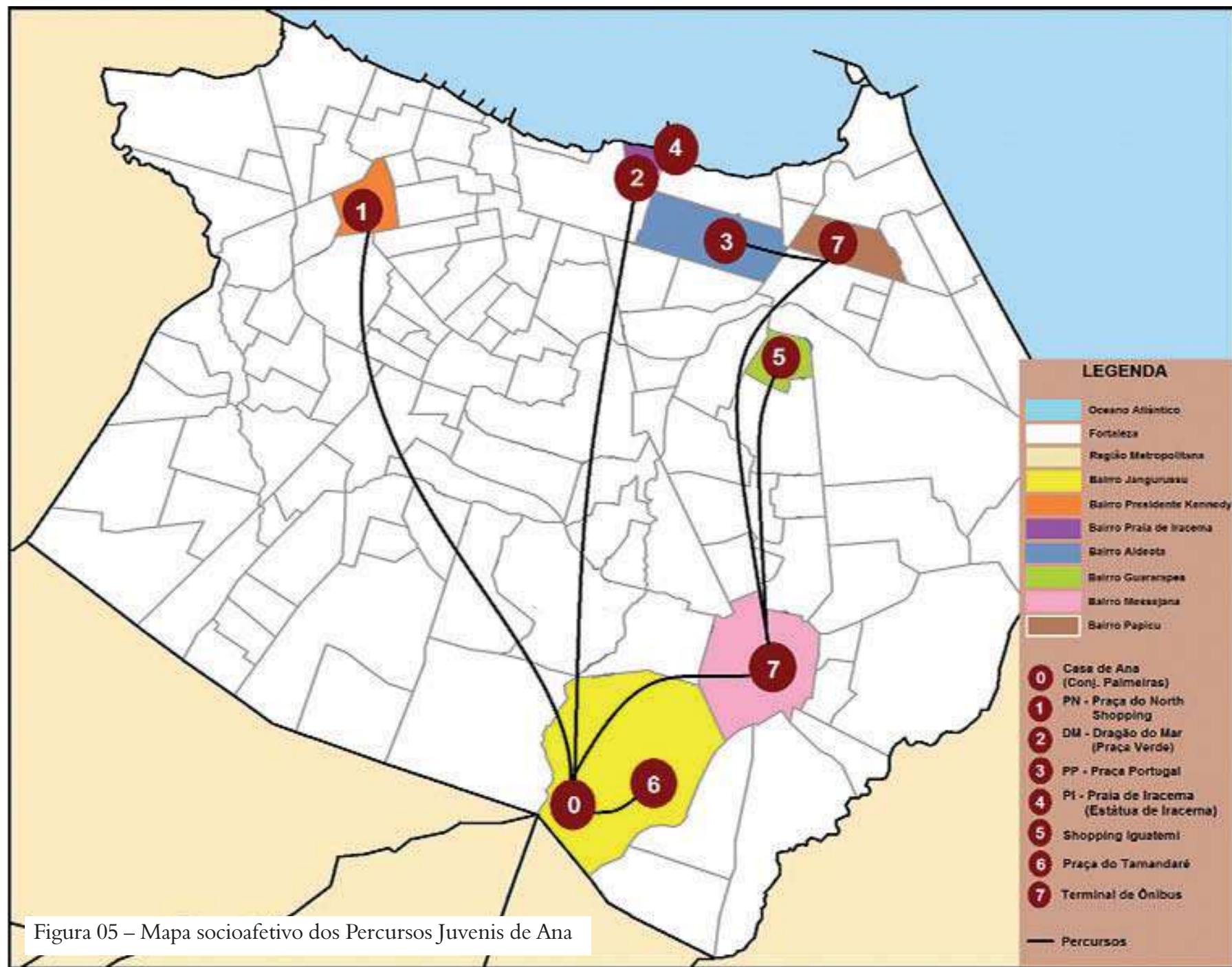


Figura 05 – Mapa socioafetivo dos Percursos Juvenis de Ana

Da arte circense ao mundo underground do Rock

O jovem Digo (21 anos) usa vários *piercings* (nas orelhas, língua, nariz, queixo, bochecha etc), tatuagens (nos braços, costas e barriga), calça botas pretas com coturnos longos e veste roupas também pretas, estilizadas (geralmente rasgadas) e pouco convencionais. Em volta dos olhos, uma maquiagem *dark*, e nos pulsos e pescoço, adereços (pulseiras e colares) em metal que complementam o visual do *roqueiro underground*. Aos 21 anos, compartilha também com Ana (17 anos), Hirley (19 anos), Matheus (18 anos) e Beto (18 anos) a sociabilidade das noites na Praça do Tamandaré, mas na PP e no DM prefere não interagir muito com os amigos dos bairros Conjunto Palmeiras e Jangurussu. Foram poucas as vezes que o vi junto aos demais. Por muito tempo, morou no Conjunto Palmeiras, onde ainda trabalha em uma organização não-governamental aliando reforço escolar a arte circense. Poucas semanas antes de nossa conversa, em janeiro de 2012, havia mudado de residência para o bairro Henrique Jorge onde mora com a mãe.

Na ONG, onde trabalha desde 2009, o jovem desenvolve atividades com equilíbrio e expressão corporal por meio da dança e do teatro, tendo como práticas o trapézio, o contorcionismo, e atividades aéreas (tecido, corda). As ações envolvem também o reforço escolar das crianças. Temas como Leitura e Amamentação também são trabalhados com a comunidade do bairro Conjunto Palmeiras, explica. Desde os dezenove anos, Digo (21 anos) é educador social, realizando atividades lúdicas no contra turno escolar para cerca de noventa crianças, na faixa etária entre seis e dezesseis anos, no mesmo período em que passou a frequentar a PV do DM e a PP, convidado por sua namorada e agora amiga (Ver

Figura 06). Pelo envolvimento com a arte circense, frequentava o Centro Cultural, especificamente para participar ou assistir espetáculos, até resolver conhecer os amigos, “a galera”, que a namorada costumava encontrar nas noites de sábado na Praça Verde do DM:

A primeira vez eu fui só. Foi tranquilo. Ela (a namorada) não pôde ir naquele dia por motivos pessoais. Quando eu cheguei lá foi que eu liguei pra ela e fiquei sabendo que ela não ia. Eu fiquei lá sentado, observando a galera. Cheguei por volta de umas oito e meia da noite. Tava tendo um show. Eu não lembro a banda, mas era uma banda regional de Fortaleza mesmo e só tinha as pessoas que iam pra lá pra se conhecer e fazer coisas... meio (*pausa para pensar*) que são inapropriadas, tipo: beber, fumar. Muitos usam drogas lá, mas... Tudo bem. [...] Então eu fiquei só sentado observando as pessoas e algumas iam se chegando até a mim. Em momento algum eu cheguei até elas. Elas que se chegavam pra me conhecer, pra saber se realmente eu curti... se eu gostava de lá... a quanto tempo eu frequentava... onde eu morava e tudo. Essas coisas normais pra conhecer uma pessoa! Aí eu acabei conhecendo várias pessoas, e essas pessoas foram me apresentando outras pessoas, que foram me apresentando outras... daí virou um ciclo bem grande de amigos que eu tenho atualmente. (DIGO, 21 anos).

Apesar da inserção solitária na praça, estar só e restringir-se à observação, não impediram a interação de Digo (21 anos) com os demais jovens. A receptividade, o acolhimento dos jovens aos que estão chegando a esses espaços é um dos fatores mais destacados pelos entrevistados, de modo que “fazer novas amizades”

seria a mola impulsora das interações juvenis:

A princípio, as pessoas se chegavam só pra conhecer mesmo. Só pra conhecer. Tipo assim, sempre que chega uma pessoa nova lá, muitas pessoas vão pra conhecer, pra tentar trazer a pessoa pro grupo, pra criar um ciclo de amizade. E essa, pelo menos, eu acho que essa foi a intenção deles virem a minha procura. [...] Lembro da primeira pessoa que veio falar comigo. Na verdade ,eu não sei o nome dele. Sei que ele mora lá próximo. O apelido dele é De Menor. [...] Ele sentou, perguntou o meu nome. Perguntou se eu queria me juntar à galera dele pra beber. Eu já bebia na época... então... “-Ah... vamos lá. Vamos conhecer!”. Aí ele me levou até lá e eu conheci muitas outras pessoas. Era uma roda, e começamos a beber lá mesmo. (DIGO, 21 anos).

Mesmo adotando o estilo “roqueiro *underground*” desde a adolescência, Digo (21 anos) ainda não estabelecia relações de sociabilidade com demais *roqueiros* nem com jovens que adotassem seu estilo, de modo que a sociabilidade juvenil na PV significou para o jovem o encontro com semelhantes:

A minha reação foi “-Cara!!! Onde é que eu tô?!?”. Tipo... pessoas que curtem a mesma coisa que eu frequentar um local de muita gente!... Porque eu nunca tinha visto tanta gente. Tinha ido já a shows, shows de rock, mas um local onde a pessoas pudessem frequentar... eu ainda não tinha visto. A minha reação foi... tipo... Felicidade, e ao mesmo tempo eu fiquei um pouco apavorado, por causa da movimentação que era muito grande na época. Hoje em dia não, hoje em dia tem menos pessoas que estão frequentando, mas

antes era muita gente, muita gente mesmo!
(DIGO, 21 anos).

O encontro com outros roqueiros e com jovens que adotam o estilo (visual) semelhante ao seu não fez com que Digo se integrasse durante esses três anos em nenhum grupo específico de *roqueiros*, nem mesmo restringisse suas amizades a jovens adeptos desse segmento, estando a transitar por diferentes grupos juvenis, ou “*turmas*”, “*galeras*”, como prefere denominar os modos de agrupamentos juvenis. Assim, o encontro com outros jovens com o mesmo estilo e gostos musicais parece assumir significativa importância, no entanto, sem pretensões de uma sociabilidade restrita a um “*gueto dark*” (ou *gueto do rock*). Diferente de um show ou evento de rock, com durabilidade limitada, as praças seriam um espaço vivência e trocas contínuas de experiências e sabres sobre seu modo de vida. Suas identificações com o estilo musical e o seu visual seriam os únicos elementos definidores destas interações? O que, além do “*mundos do rock*” Digo encontraria nesses espaços?

Digo (21 anos) descreve o seguinte visual adotado nesse primeiro dia na PV do DM: vestido de preto e com uma capa também preta, o cabelo vermelho, não tinha tatuagens ainda e já usava *piercings* na sobrancelha, nariz, boca, língua, orelha, testículo e bochecha. Segundo ele, não sabia “o tipo de gente que frequentava”, somente que eram jovens que se reuniam para “*curtir*”. No período da pesquisa, continuava a usar exclusivamente vestes pretas e botas de coturno, e já possuía seis tatuagens.

Por convite dos demais jovens que conheceu no DM, Digo foi a PP no dia seguinte, de onde virou frequentador. O local já era conhecido pelo jovem quando por ali passava, sem que houvesse parado. Na primeira noite na PP, foi sozinho e chegou cedo, por volta das dezoito horas. Somente depois de mais de uma hora os jovens começavam a chegar.

O De Menor chegou e me chamou pra ir junto com a galera que tava com ele no DM no

dia anterior. [...] Eu achei interessante. Achei bem mais interessante que o Dragão, porque eu vi que lá é uma praça comum e tinha muitas pessoas. Muitas pessoas interessantes visualmente. Muitas pessoas bonitas. [...] E eu acho que antes a galera tinha mais harmonia. Porque não tinha discussões, brigas, intrigas, entre os próprios amigos. Só. (DIGO, 21 anos).

Assim como ocorreu com outros jovens, além do encontro com outros roqueiros e jovens de estilos diversificados, a sociabilidade no DM e na PP proporcionou a ele o encontro com a vivência de expressões da homossexualidade em público:

Foi a primeira vez que eu vi dois homossexuais se beijando. [...] Vamos dizer que antes eu era um pouco preconceituoso contra isso. Eu tinha preconceito, mas... de primeira vista, assim, eu achei bárbaro, tipo assim, um local público, as pessoas fazendo isso. Eu achava que aquilo nunca iria acontecer. Não lá! E eu vi lá! Dois homossexuais se beijando. Dois meninos. (DIGO, 21 anos).

O garoto que nunca havia pensado na possibilidade de vir a ter uma relação afetivo/sexual com outro homem, foi tomado por um sentimento que descreve como “angústia”:

Vamos dizer que... foi um sentimento meio que... é... angustiado, de ver aquela situação num local público mesmo. Porque lá (no DM) tinha “pessoas normais”. Tinha crianças e tudo e eles estavam fazendo aquilo num local impróprio! Pelo menos era o que eu achava que era. (DIGO, 21 anos).

Digo (21 anos) continuou frequentando o DM e a PP,

fazendo, solitário, o percurso do bairro de morada às praças. Somente lá se junta “*com a galera, né!*”. Nas noites de sextas-feiras, costuma ir a boate, ao Fafi, também no bairro Aldeota. Além desses locais, o *roqueiro underground* encontra os amigos, casualmente, em alguns terminais de ônibus, onde conversam um pouco, ou quando o visitam no trabalho.

Durante a conversa que tivemos, o então estudante de pedagogia, que havia trancado o curso no segundo semestre, revela que curte música pesada como o *rock* satânico, o *rock underground* e metálico há muito tempo e que, desde criança, segundo sua mãe, prefere vestir-se com cores escuras. Digo (21 anos) se difere dos demais jovens desse grupo de referência, especialmente, pelo empreendimento de uma marcação corporal que apresenta indícios de um processo próximo aos de um “*projeto identitário*” para o qual, no caso de Digo, tatuagens, *piercings*, indumentária e maquiagem elaboram um corpo, uma estética, que anuncia e carrega uma diferença, um “eu” próprio, uma singularidade por meio de um “*projeto corporal*”¹⁵ em “*uma versão mais radicalizada*” quando comparada aos demais que empreendem marcadores mais flexíveis, sem conotações determinantes ao próprio corpo. “*Eu gosto de entrar em um ônibus e ver que as pessoas estão me olhando. Eu sempre gostei de ser diferente*”. Segue, na figura 06, o mapa sócio-afetivo dos percursos do jovem Digo (21 anos):

[...] a dignidade do usuário de um corpo extensivamente marcado passa por ver sua diferença pessoal afirmada e reconhecida na esfera pública, onde supõe ser apreciado pela sua diferença radical, ser reconhecido na sua distintividade pessoal, exigindo simultaneamente igual tratamento social.

¹⁵ A noção de “projeto corporal” como meio para a expressividade juvenil de um “projeto identitário” é utilizada por Ferreira (2008) por entender que “para além do projeto estético, o corpo extensivamente marcado corresponde a uma imagem corporal intencional e reflexivamente construída pelos jovens que a produzem, altamente investida de significados identitários” (FERREIRA, 2008, p. 119).

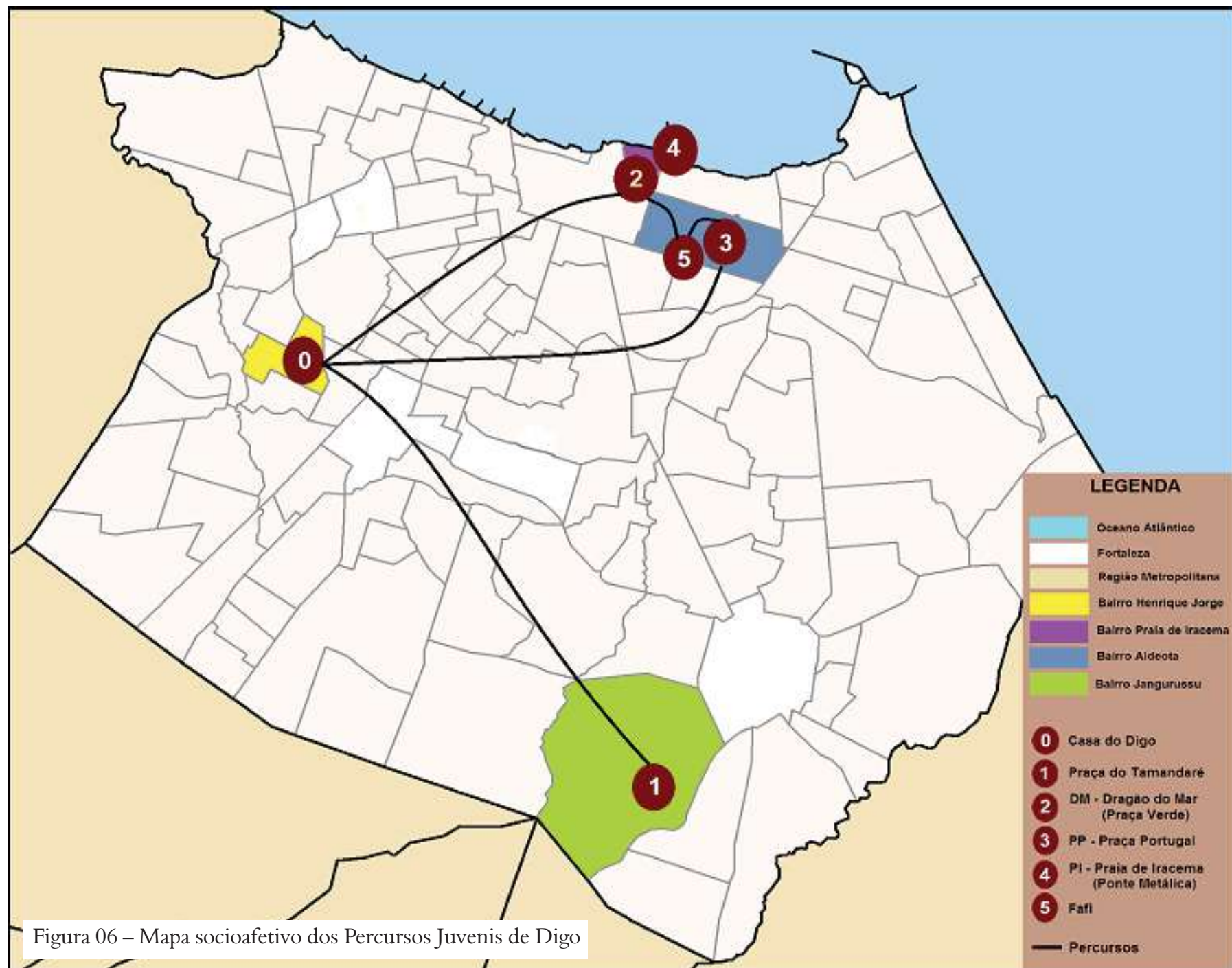


Figura 06 – Mapa socioafetivo dos Percursos Juvenis de Digo

O roqueiro, que nas praças desfila sua singularidade entre estilosos e não-estilosos, descobriu que além do “*universo dark do rock*” havia outra dimensão do seu “eu” a ser explorada, a sexualidade, e aos dezenove anos passou a ter relações afetivo/sexuais também com garotos. Para ele, “*não há diferença entre ficar com uma mulher ou um homem, nem no beijo e nem no sexo*”. Se seu visual (a estética corporal) já anunciava uma diferença frente à estética convencional, no âmbito das praças, onde “*darks*” e “*coloridos*” pareciam postar-se como marcadores de diferenciações juvenis, Digo (21 anos) seria, pois, o entreposto, o que transita pelos polos determinantes de diferenças encoradas por marcadores simbólicos de estilos e sexualidades. Outra forma de colocar-se nessa fronteira seria a demarcação corporal inversa a de Digo (21 anos), como a adoção do não estilo e a circulação pelos campos supostamente opostos, “*darks*” e “*coloridos*”, compreendidos pelo jovem De Menor (23 anos).

De “panelinha em panelinha”: o “dono da praça”

Para os demais jovens, matar aula no DM poderia ser um programa novo, mas para De Menor, é um hábito antigo. Gustavo, aos 23 anos, cursa o segundo ano do Ensino Médio e é conhecido entre os jovens do DM e da PP como “De Menor”, apelido recebido dos colegas de uma “*galera veterana*”, composta por *punks* e *roqueiros*, que frequentava o DM no início dos anos 2000. O apelido faz referência a então pouca idade, 11 anos, sendo, portanto, o mais jovem membro do grupo:

PP. A praça está mais barulhenta por conta da

mesa de som da exotica que hoje está em frente ao pequeno palco da praça. (chamo de palco um tablado quadrado de aproximadamente ½ por 3 metros e com uma elevação de 15 centímetros – o palco fica próximo a alguns bancos). Há uma mesa de som e um jogo de iluminação simulando um clima de boate. [...] No som da exotica toca música estilo *street dance*. Somente os meninos adeptos a dança de rua (não tenho certeza do nome desse tipo de dança... nem sei na verdade se é dança de rua) dançam no palco. São garotos mais masculinizados (aparentemente héteros). Estão vestidos no estilo hip-hop, ou parecidos. Os garotos mais efeminados não dançam no palco, não demonstram empolgação com a música que toca. Um dos garotos que dançava no palco se aproximou de mim e Roberto. Estava muito suado. Pediu fogo para acender um cigarro. Então começou a conversar, mesmo sem termos feito nenhuma pergunta: “-*Eu só ando em lugar GLS*”, disse ele. “-*Desde sexta que tô no mundo.*” [...] “-*Você me conhece?*”, perguntou, apresentando-se sem esperar a resposta: “*De Menor. Aqui todo mundo me conhece. Todo mundo sabe quem eu sou.*”, falou com orgulho. (DIÁRIO DE CAMPO, 18 de setembro de 2011).

O jovem que acabara de conhecer afirmando sua popularidade entre os demais é morador do bairro Cristo Redentor¹⁶ e costuma “*matar aula*” para encontrar com outros jovens no DM durante a semana. Os encontros vespertinos, quando não são previamente programados, ficam à mercê do acaso. Mesmo que em grupos pequenos, conversar, ouvir

¹⁶ Localizado na Secretaria Executiva Regional (SER) I, o Cristo Redentor é um dos bairros da região conhecida popularmente como “Pirambu”. Apesar de situado na orla marítima, a região aglomera grandes favelas e áreas de risco em Fortaleza.

música nos celulares, beber vinho e “ficar” na PV do DM parece aos jovens um programa mais atrativo do que estar em casa ou na escola. Geralmente, as “turmas” que se encontram durante a semana entre 14 e 18 horas são compostas por jovens de estilos variados, explica De Menor. Ao encontrá-lo em uma tarde de quarta-feira no DM, na última semana do mês de janeiro de 2012, estava acompanhado de outros sete jovens, moradores dos bairros Canindezinho, Mucuripe, Praia do Futuro e Jacarecanga. Nesse grupo havia dançarino de *free step*, *otaku*, *roqueiro* e De Menor, que não se identifica com estilo algum.

Os longos doze anos frequentando o DM o faz falar das “galeras novas” e “galeras veteranas”, o que nos leva a crer na existência de um movimento de renovação constante de jovens nesses espaços. Sua “galera veterana” era composta por cerca de 25 a 30 jovens *punks* e *roqueiros* de variados bairros da Cidade que, nos início dos anos 2000, frequentava o DM, especialmente, nas tardes de segundas-feiras e sábados:

Começava à tarde, uma e meia da tarde, e ia até quando desse vontade da gente ir pra casa. Aí eu comecei a ficar conhecido por causa desse apelido “De Menor”. Quem botou o apelido foi o Jackson, porque só tinha eu na faixa de menores de idade ali, porque os outros tinham uns 20 e poucos anos e eu era o menor. (DE MENOR, 23 anos).

Alguns integrantes dessa “galera” já frequentavam a PP, o que deixou o jovem curioso. “A galera só falando dessa praça e tal e eu queria saber. E eu: “-Não! Eu vou pra essa praça!”. No dia combinado de levá-lo à PP, os amigos o esqueceram no DM, o que fez com que De Menor (23 anos) a encontrasse sozinho:

Aí eu “-Cara! Vou descobrir essa praça sozinho”. Aí eu fui direto no calçadão da Beira Mar. Fui direto e pedi uma informação a uma mulher que estava vendendo camisa: “-Ei! Onde é que

fica a Praça Portugal?” Aí ela mostrou: “-Você vai direto aqui, pega essa rua aqui, (era até uma que tem um restaurante, eu esqueci o nome), e vai direto. Subindo, subindo, encontrei a praça lá, bem grandona”. Aí quando eu cheguei a galera: “-Olha o De Menor!”. Aí pronto, eu fiquei famoso na praça lá todinha. Cheguei, brinquei com a galera. Fiz enxame lá. Aí comecei a frequentar. (DE MENOR, 23 anos).

A “galera veterana” já não existe, mas ele continua a ir ao DM durante as tardes: “É assim. Eu chego e fico sozinho, aí aparece um conhecido, conversava, aí chegava outro: “- Ei vamos beber alguma coisa?”. Pronto! Toda semana eu tô aqui”. Diferente desse movimento calmo, o ritmo nos finais de semana de De Menor (23 anos) na PP e no DM é bem mais agitado. É quando o jovem, que já participou de grupos específicos, costuma transitar entre as diversas “panelinhas” das praças, de modo que possa ser “conhecido por todos”.

É porque eu sou assim: eu vou por cada turminha, cada panelinha né, como dizem. Tipo assim, tem a turminha do gótico, tem uma turminha red metal, tem a turminha dos *punks*, entendeu? É aquelas panelinhas diferentes, por exemplo, os cara do gótico me chamam pra tomar vinho; os cara me chamam pra ir pra serra, aí já é outra programação; aí já tem outra turma, “- Ei, vamo pro cinema?!”, “-Vamo beber lá na casa de uma amiga nossa?!”, aí já é outra programação. Os cara é... “-Vamo ficar fazendo nada ali no calçadão.”, aí já é outra programação. (DE MENOR, 23 anos).

Assim, de “panelinha” em “panelinha”, é conhecido por alguns jovens da PP como “o dono da praça”, atribuindo sua popularidade ao modo como interage com os demais:

Eu venho três horas da tarde. Eu pego a topic 11 ou então o “Grande Circular II”. A primeira coisa quando eu chego, a galera fala: “-O De menor!” Aí tenho que falar com todo mundo. Aí vou falando, abraçando. A galera me abraça. As meninas veem, me agarra e me chama pra beber e me chama pra fazer um monte de coisa. Converso com todo mundo. Converso com um, brinco com outro. É assim! [...] Quando eu ando, tem gente que passa nos ônibus: “-Olha o De Menor!... Amigo de fulano. Ele fala é muito dele”. É porque eu sou assim, divertido, tipo, se eu ver um grupinho ali, que eu não conheço, que eu nunca falei, vou lá, faço amizade. Faço a galera rir. Faço eles se enturmar com a galera. Quem não conhece, eu apresento! Ai eles vão pegando amizade, vai crescendo as amizades. (DE MENOR, 23 anos).

Essa dinâmica de transitar entre grupos pode ser percebida com maior nitidez na sociabilidade da PP, em virtude do formato e tamanho da praça. Por diversas vezes, observei o jovem perfazendo o círculo da praça e conversando com diversos jovens, independente do estilo, da orientação sexual e dos grupos aos quais pertenciam. Durante algum tempo, que não consegue exatamente identificar, frequentou as noites de sextas-feiras na Praça da Gentilândia¹⁷, no bairro Benfica e, também, a PN. No entanto, diferencia a relação com essas praças do sentimento de

¹⁷ Em meados dos anos 2000, a Praça da Gentilândia, localizada no bairro Benfica, foi durante as noites de sextas-feiras espaço de sociabilidade juvenil, especialmente, de jovens LGBT. Essa interação foi marcada por conflitos entre os jovens ocupantes da praça e os moradores do bairro, como também por ações de violência (roubos, arrastões) protagonizadas, possivelmente, por “gangs” de jovens moradores da região. Esses conflitos tiveram repercussão na imprensa local em jornais escritos e televisivos, que davam ênfase ao uso de bebidas e drogas por jovens de menoridade e às manifestações da homossexualidade em espaço pública.

familiaridade (pertencimento) que estabelece com o DM e a PP:

Quando eu chego aqui no Dragão, respiro bem forte e digo: “-Tô em casa”. Na PP também. Na Gentilândia, dizia: “-Tô mais ou menos (rsrsrs)”, porque lá era uma das praças que eu pouco me aproximei. Eu tava lá, mas não como aqui no DM (DE MENOR, 23 anos).

O itinerário de casa às praças costuma ser solitário, na certeza de, no ponto de chegada, encontrar os amigos. Para ele, a sociabilidade nas praças, além do encontro com outros jovens e da possibilidade de ampliar o leque de amizades, está relacionada à vida familiar e à liberdade de expressão, pois vai às praças para

ver a galera, se encontrar com a galera, fazer alguma coisa. É um canto que eu me sinto bem. Eu me sinto bem mais aqui do que dentro da minha casa mesmo. Lá em casa eu me sinto incomodado, sem liberdade de expressão. E aqui eu tenho de muito, eu me sinto como se eu fosse um presidente do Brasil, mas sendo o presidente do meu mundo. (DE MENOR, 23 anos) (grifos meus).

Esse sentimento de liberdade parece estar relacionado tanto a práticas proibidas no âmbito familiar quanto à vivência cotidiana entre jovens. As praças seriam espaços de sociabilidade do cotidiano:

A gente conversa sobre as comédias que acontecem. Tipo, se rolar alguma coisa sábado, aí no domingo, na PP, a gente conversa: “-Ah! A gente viu isso! Um cara levou isso, um murro aqui...” [...] “-Ah! Um amigo nosso provocou, passou mal, queria brigar com num sei quem”. Essas coisas. (DE MENOR, 23 anos).

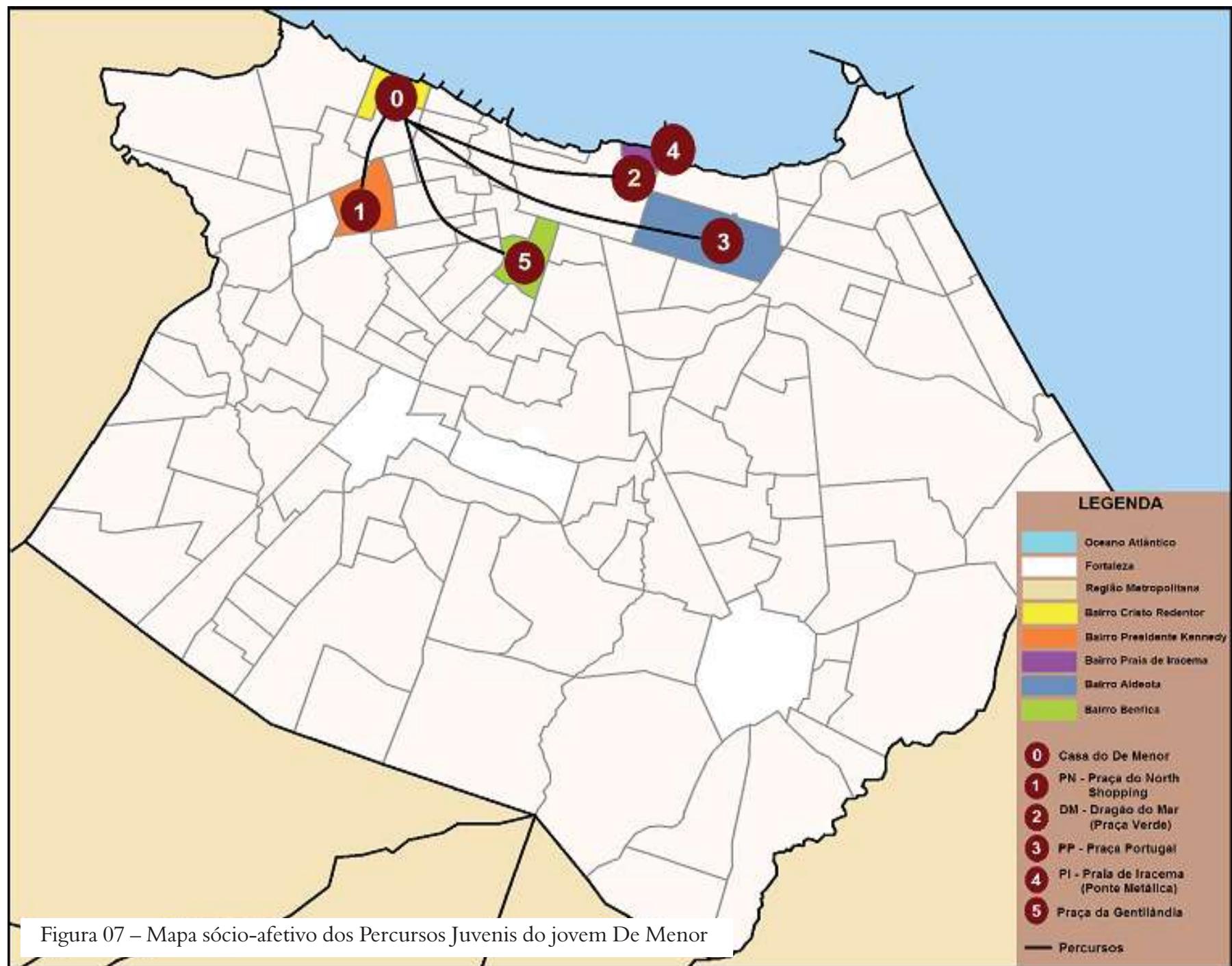


Figura 07 – Mapa sócio-afetivo dos Percursos Juvenis do jovem De Menor

Além das práticas ilícitas como “*beber, fumar, usar droga, tipo maconha*”, as relações afetivo/sexuais também assumem grande importância. Ir às praças está estritamente relacionado a “*ficar com as meninas, ou as meninas, a ficar com os meninos, livre pra fazer tudo. Tipo, eu sou hétero, vou lá pra curtir com a galera e ir atrás de ficar com as garotas. Eu fico com uma porrada!*” (DE MENOR, 23 anos).

Sobre sua orientação sexual, sem que fosse preciso perguntar, o jovem, que se afirma heterossexual fala, aparentemente, sem nenhum constrangimento, de uma única experiência sexual com outro homem, a qual afirma não ter interesse em repetir, mas preferiu não entrar em detalhes. O cotidiano nas praças e a disponibilidade para fazer amizades parecem despertar em De Menor (23 anos) um sentimento de pertença aos espaços, aliado a uma sensação de segurança. Estar entre amigos seria para ele a garantia de estar seguro.

Ali é um ponto que eles (os jovens) vêm que tem amigos ao redor, que se sentem bem, perto uns dos outros, se sentem mais seguros porque estão com os amigos, né? Tipo, ele vai na confiança, tipo, se acontecer alguma coisa com ele, ele vai tá seguro porque vai ter alguém pra acolher, por exemplo, se ele tiver embriagado. (DE MENOR, 23 anos).

Ele foi enfático quando lhe questionei sobre o que mais gostava nas praças: “*A amizade da galera. A presença da galera. Eu dou o maior valor a tudim daqui*” (DE MENOR, 23 anos). Na figura 07, o mapa faz as demarcações dos percursos e circuitos do jovem em suas perambulações pela Cidade, nas quais, somente algumas vezes, vai acompanhado com outros jovens moradores do bairro:

Sem medo do demônio

Equilibrando-se nas tiras do *slackline*¹⁸, dançando ou jogando videogame, entre uma roda de conversa e/ou bebida, e outra. Era assim que geralmente encontrava o jovem de cabelos pretos, ondulados e soltos sobre os olhos, que circulava a praça calçando chinelo ou descalço, e vestido apenas com um *short* xadrez ou calça jeans, a exibir o tronco esbelto nas noites da PP. Em dezembro, o boné cedeu lugar a um gorro de Papai Noel, em sintonia com a decoração da praça, que anunciava o nascimento de Cristo.

Se a PP é famosa entre parte da população por ganhar anualmente uma exuberante decoração natalina nos meses de novembro a janeiro, para Ângelo (19 anos), antes mesmo de compor esse cenário, a praça era descrita como lugar de “*coisas do demônio!*”:

Eu ouvia as pessoas dizendo que tinha muitas coisas! Mas eu não ia julgar. Por não conhecer, prefiro não ficar julgando as coisas, né? Diziam que tinha drogas, que tinha prostituição. Diziam que existiam coisas do demônio! (ÂNGELO, 19 anos).

Apesar do alerta sobre as possíveis perversões que poderia encontrar na PP, o jovem, sem medo do demônio, deixou-se levar pela curiosidade de conhecer a praça já frequentada por alguns amigos do bairro onde morava, a Aerolândia¹⁹. Lá, cursa o 3º ano

¹⁸ O *slackline* é um esporte que consiste em se equilibrar numa fita de nylon, estendida, a cerca de 1 metro do chão.

¹⁹ Bairro situado nas proximidades do Aeroporto Pinto Martins e nas margens do Rio Cocó. Faz fronteira com o bairro Alto da Balança, conhecido pela população como Lagamar. A região apresenta altos índices de violência e segundo Ângelo (19 anos), local de moradia de vários pirangueiros. É atravessado pela BR 116, uma das vias de acesso à Cidade.

do Ensino Médio em um Colégio próximo de onde mora com os pais. Filho de zelador e de doméstica, o jovem não costuma frequentar o Polo da Aerolândia, localizado nas proximidades de sua casa, pois não pratica os esportes priorizados naquele espaço: o skate e o ciclismo. Seu espaço de lazer no bairro restringe-se ao campo de futebol, também próximo de casa. Os espaços de sociabilidade com os amigos também moradores da Aerolândia ocorrem no Colégio, e não há espaços de encontros de grupos de jovens. Algumas raras vezes, costuma ir ao Jardim Japonês, na Avenida Beira Mar.

Como os demais jovens com quem conversei, Ângelo (19 anos) não fugiu à regra, e a frequência no DM e na PP foi estimulada por convites de amigos. O jovem, aos dezesseis anos, que dizia não estar fazendo nada em casa, aceitou ir com o vizinho ao lugar dos “demônios”:

Eu achei assim... que o que a galera falava referente à Praça era muito exagero. Não achei naaaada de mais! Existia... A principal coisa que eu via um pouco diferente era o negócio da bebida. Porque existem pessoas de menor bebendo, mas assim... Nada do que as pessoas falam! As pessoas bebem lá, mas depois não vão fazer nada de horrível! Não vão matar. Não vão usar drogas, entendeu? O pessoal bebe e em 10 minutos já está bom. Já vão pra casa, normal. Não é essa coisa horrível!, “Coisas do demônio!!!”, como o pessoal diz (ÂNGELO, 19 anos).

Seu ritual de inserção na PP também não foi diferente dos demais e rapidamente o jovem foi se identificando com a sociabilidade juvenil do espaço, criando uma corrente de amizade que iniciava pelos amigos do amigo. De acordo com seu relato (autodescrição), não poderia ser diferente:

Eu sou legal... Converso com todas as pessoas. Eu adoro ver pessoas... Tipo assim, ir a locais onde tem muita gente pra conversar, independente se a gente se conhece ou não... de chegar, bater um papo como se a gente se conhecesse há milhares de anos! Há muito tempo! Como se fosse amigos de infância. Por isso que eu ando muito na PP, por causa dessas coisas. Tem gente que eu nem conheço e de um dia por outro a gente já vira amigo assim... Do nada... A gente combina de se encontrar no domingo que vem e aí vem outra galera... Assim... E a gente conversa com mais outras pessoas. (ÂNGELO, 19 anos).

Desse modo, o jovem desconstruía a imagem negativa da praça e dos jovens que dela se ocupam nas noites de domingo. Ângelo (19 anos) continuou visitando a PP, mesmo sabendo do estigma que sofreria em consequência dos encontros dominicais:

O pessoal que não conhece as coisas... O pessoal ignorante, né? É porque existe assim um grupo de pessoas que... tipo assim... Roqueiro!!!... Aí tem pessoas que dizem que roqueiro é coisa do demônio... Entendeu? Tem uma menina na minha sala que diz que se eu vou pra PP, eu sou gay! Se eu tô na PP, eu sou do demônio! [...] Que eu sou gay... Essas coisas aí. (ÂNGELO, 19 anos).

Ângelo (19 anos), por não gostar de sair só de casa, vai a PP no ônibus “Siqueira/Papicu (Via Aeroporto)” junto com um amigo e vizinho, mas encontra outros pelo caminho ou na própria praça. Algumas vezes convida os amigos do bairro para conhecer a PP, de modo que o ônibus é também para Ângelo, um espaço de encontro com outros jovens. Mesmo convivendo com

“pirangueiros” na Aerolândia, deixou de frequentar o DM por conta da violência ocasionada pelos “pirangueiros da PP”. Para ele, ser pirangueiro é sinônimo de ladrão, mesmo assumindo ser amigo de vários pirangueiros na Aerolândia e a existência de pirangueiros de confiança. Na PP, foi constituindo amizades, se aproximando mais de alguns que de outros. Mesmo estabelecendo relações de afetividade e amizade com uma “galera” (cinco jovens – todos homens) com quem mais se identifica, Ângelo (19 anos) não se limita a interagir somente com esses:

Os caras que eu tenho o maior valor de encontrar lá é o Chico, Orlaneudo, Ferreira, o Rocha, o Robson. É a galera com quem eu converso. A gente pode até se separar mas... Se separa, caça outro grupo pra conversar, porque se ficar só num canto... Naquele grupinho... É muito parado. A gente se separa, vai conversar com outras pessoas. Se mete nas conversas dos outros. Procura conversar com outras pessoas. (ÂNGELO, 19 anos).

Esse movimento de trânsito entre grupos juvenis faz com que Ângelo (19 anos) interaja com jovens de estilos diferentes: *otakus*, *roqueiros*, *punks*. Não adota nenhum estilo específico, podendo ser classificado de “*comum*” ou “*normal*”. Na praça, entre garotos, afirma que as conversas giram em torno de três assuntos: mulher, videogame e música; e quando há garotas, “*conversa sobre outras coisas. Uma piada, sei lá. O que vier na frente. A conversa vai rolando, aí a gente continua. Vai dando aquele bolo... Vai aumentando, aumentando*” (ÂNGELO, 19 anos). No período em que conversamos, namorava com três garotas, apesar de vê-las muito pouco. Na PP não costuma “*ficar muito*”, pois para ele “beijar uma menina ali é o mesmo que beijar uns dez caras por tabela”. Na página seguinte, a figura 08, o mapa representa o trânsito do jovem pela Cidade sem medo do demônio:

Cartografia de circuitos juvenis por mapas socio-afetivos

Os mapas socioafetivos dos jovens “privilegiam a inserção na paisagem urbana por meio da etnografia dos espaços por onde circulam, onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, e os parceiros com quem estabelecem relações de troca” (MAGNANI, 2005, p. 177). Desenham os circuitos dos jovens a partir de identificações específicas motivadas por estilos e/ou sexualidades. Assim, o passeio pela cidade dos circuitos juvenis se faz nesses trânsitos por espaços/tempos distintos na mistura da cidade, da cidade que se mistura.

Os mapas socioafetivos de cada jovem revelam seus percursos a partir dos circuitos por onde transitam, por onde constroem também, práticas afetivo/sexuais e vivenciam experiências e experimentações de sociabilidades juvenis (Ver Figura 09). Revelam também os referenciais juvenis determinantes da ocupação dos territórios da Cidade. Alguns específicos a determinados estilos e/ou orientação sexual (a Galeria Pedro Jorge como espaço de interações de jovens roqueiros, ou o Bar do Feitosa para o encontro de jovens LGB, são bons exemplos), outros marcados pela mistura de ambos: a PP e o DM.

Esses circuitos (do *rock*, do *free step*, dos *animes*), que ora se separam e ora se encontram (ou “misturam” como preferem os jovens), nos informam que as sociabilidades juvenis (os grupos, as tribos, as “turmas”, as “galeras”) não se afirmam como campos segregados, como guetos, nem por dinâmicas homogeneizadoras de espaços da Cidade. Apesar de aqui, o interesse central situar-se no estudo das práticas sob “misturas” juvenis, entendo que para compreendê-las, se faz necessário olhar também para as dinâmicas de interações que têm identificações específicas como referenciais para a vivência de afetividades e sexualidade.

Os trânsitos juvenis pela Cidade, em deslocamentos

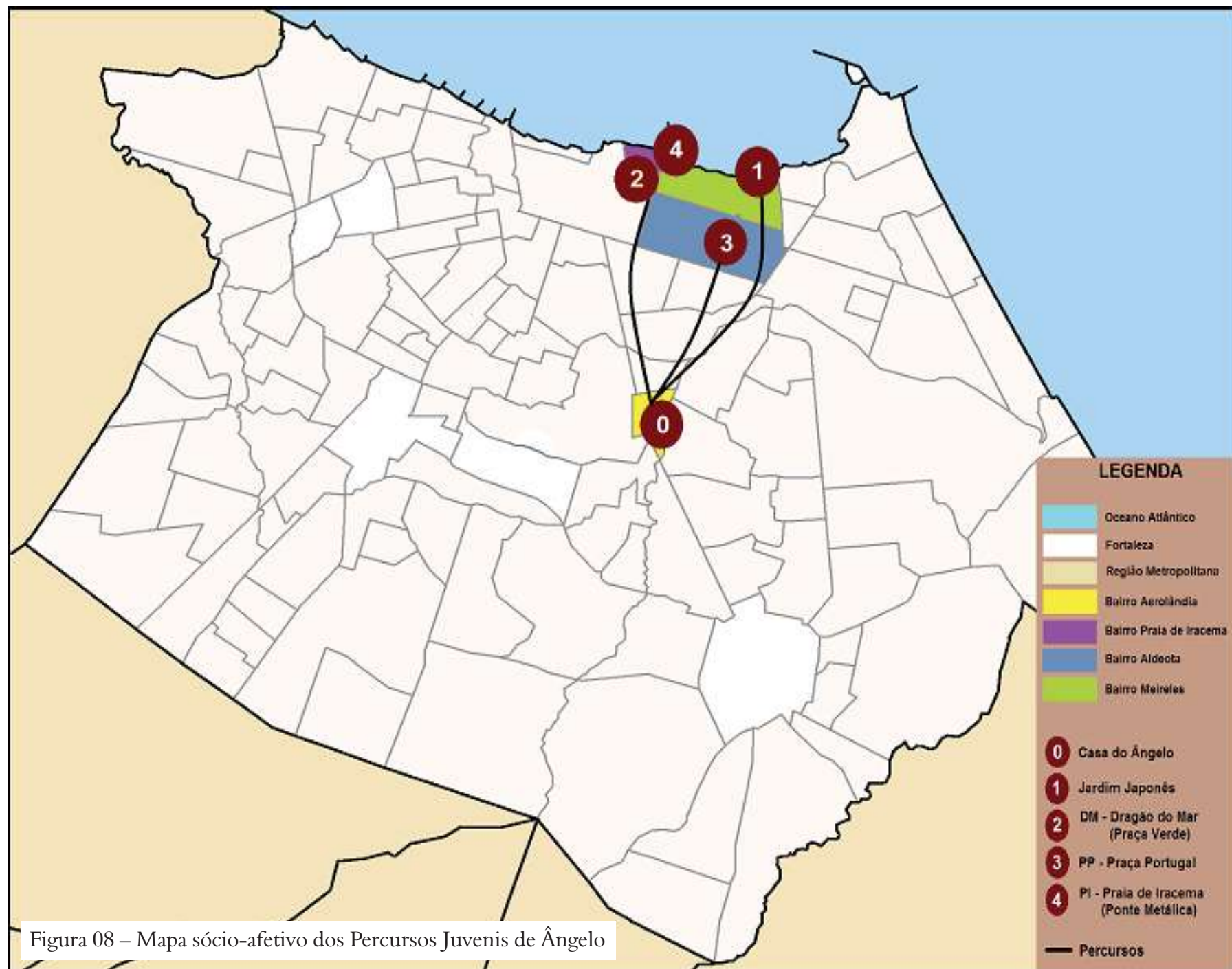


Figura 08 – Mapa sócio-afetivo dos Percursos Juvenis de Ângelo

territoriais entre bairro de morada e espaços de interações, especialmente as praças, vão revelando dimensões essenciais à compreensão das dinâmicas de interações entre modos de vida e sexualidades, revelando a Cidade que se mostra por meio do olhar dos jovens em trânsitos na Fortaleza contemporânea.

No decorrer desta pesquisa, aos poucos, a observação das interações juvenis e as conversas informais, nos degraus da PV do DM ou nos bancos e gramados da PP, iam me aproximando de questões importantes para a compreensão de seus percursos pela Cidade. A dimensão demográfica dos percursos juvenis ia se revelando, e logo descobri que se tratava de moradore(a)s de bairros periféricos de Fortaleza: Antônio Bezerra, Jangurussu, Montese, Pirambu, José Walter, Bom Jardim etc., conforme mostra a Figura 10. Os circuitos pelas praças e demais espaços são tomados pela dimensão do lazer, da festa, do hedonismo, em paralelo, e também em oposição à vida familiar, à vida no bairro de morada. Longe dos espaços e da vida cotidiana (família, escola, igreja) e de seus códigos de conduta, a liberdade, o “estar livre” é o sentimento que mobiliza os jovens à vivência e experimentações, por vezes, não aceitáveis nos demais espaços da vida juvenil, de modo que são circuitos elaborados sob uma perspectiva do encontro com “o novo” onde práticas e saberes sobre a Cidade e a vida são tomadas por outras lentes.

Arelada a isso, a Fortaleza que se estratifica, tendo a classe social como referência para ocupação territorial, se mostra nos constrangimentos de alguns jovens ao serem interpelados sobre o bairro de morada. Por vezes, em conversas informais, utilizavam referências regionais na tentativa de negar tal informação: “*moro próximo da PN*”, “*moro próximo do terminal de Antônio Bezerra*”, ou se valia de bairro menos estigmatizados das proximidades de suas moradas, como foi o caso dos jovens residentes do Jangurussu, que afirmavam serem moradores do bairro Messejana. Entre morar no Jangurussu e morar em Messejana parecia, para eles, um diferencial significativo sobre o *status* social e, em alguma medida, mesmo entre outros moradores de bairros também periféricos e

estigmatizados, essas táticas faziam parte do jogo de informações trocadas entre pares²⁰.

A figura 10 aponta para a existência de pontos de convergência de jovens de diferentes localidades, em sua maioria, jovens moradores de bairros populares onde os habitantes convivem com dificuldades de espaços públicos de diversão e lazer. A precariedade dos espaços públicos pôde ser observada quando acompanhei o cotidiano dos jovens do Jangurussu e seus encontros na Praça do Tamandaré. Um outro elemento preponderante é o desejo, ou a fascinação juvenil pela aventura em descobrir, ou conhecer o novo, o outro: outra cidade, outros jovens. Essas mobilidades demográficas pela Cidade dialogam também com questões subjetivas de dimensões socioafetivas juvenis, onde os trânsitos são movidos por desejos que percorrem o campo das afetividades e das sexualidades e da ânsia por uma liberdade proporcionada nesses espaços/tempos juvenis. A amizade e as relações afetivo-sexuais tomam proporções de motivadores dos trânsitos que fazem do(a)s jovens sujeitos descobridore(a)s de novas facetas da cidade e de novos modos de vida juvenil a partir da ressignificação de territórios urbanos.

²⁰ Tomando o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal em Fortaleza (IDHM – 2007) como um dos indicadores de qualidade de vida, observa-se uma grande discrepância entre bairros onde moram os jovens desta pesquisa e aqueles onde estão situados seus espaços de interações. Enquanto o bairro Aldeota está no topo da qualidade de vida, com índices entre 0,736 – 0,916, bairros, como Cristo Redentor, Barra do Ceará, Bom Jardim, Serrinha, Jangurussu, Paupina, entre outros, ocupam o outro extremo do IDHM oscilando entre 0,338 e 0,446 (PMF – Laboratório de Estudos de População – LEPOP IDHM de Fortaleza 2007 – Fonte: Atlas de Fortaleza 2000). O mesmo pode ser observado nos dados do censo 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, quanto aos rendimentos dos responsáveis por domicílio em Fortaleza, os quais na Aldeota, oscilam entre 3.088 – 25.387 e em bairros como Cristo Redentor, Barra do Ceará, Bom Jardim, Serrinha, Jangurussu, Paupina, entre 0 e 3.087 (IDHM DE Fortaleza 2007 – Fonte: Atlas de Fortaleza 2000).

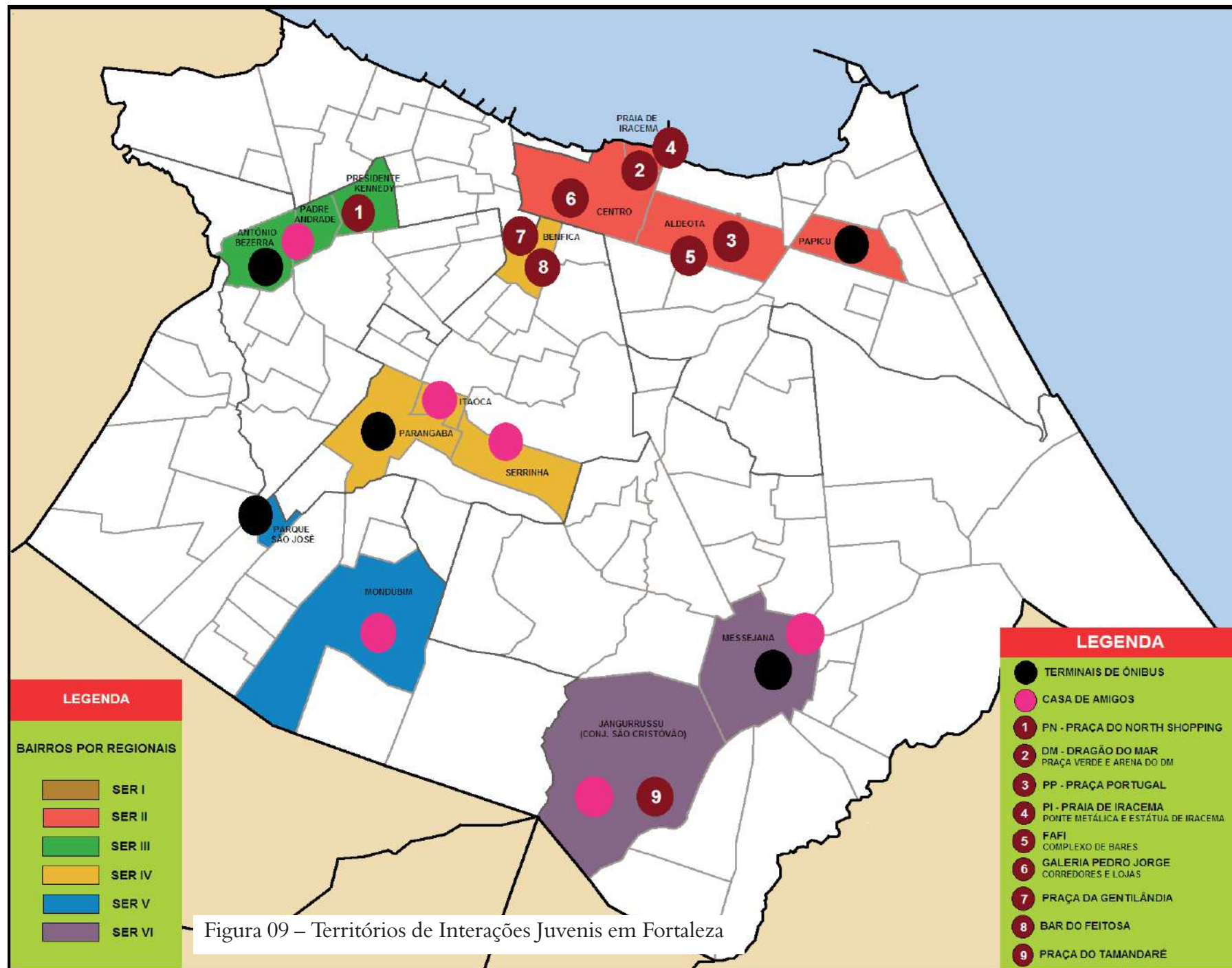


Figura 09 – Territórios de Interações Juvenis em Fortaleza

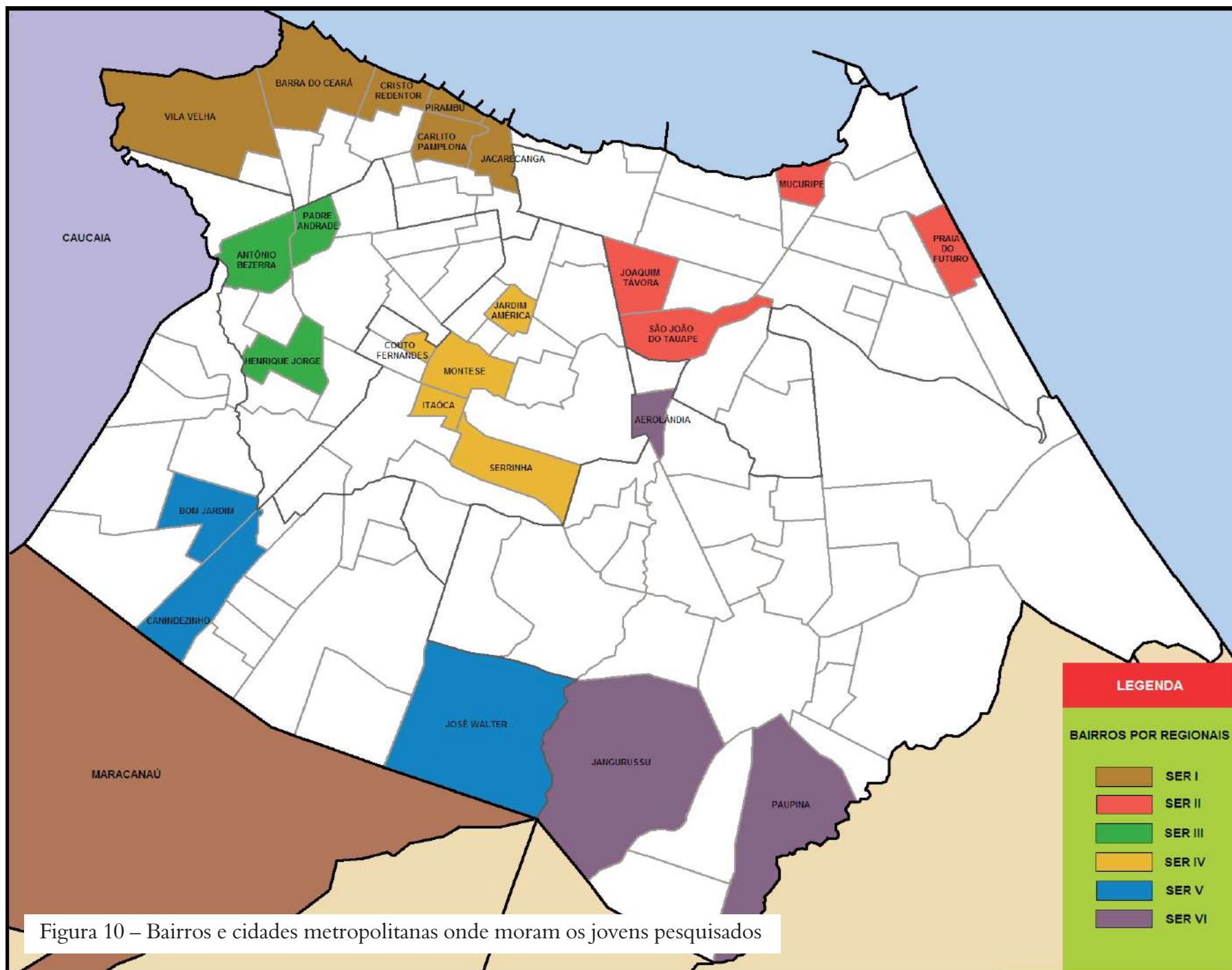


Figura 10 – Bairros e cidades metropolitanas onde moram os jovens pesquisados

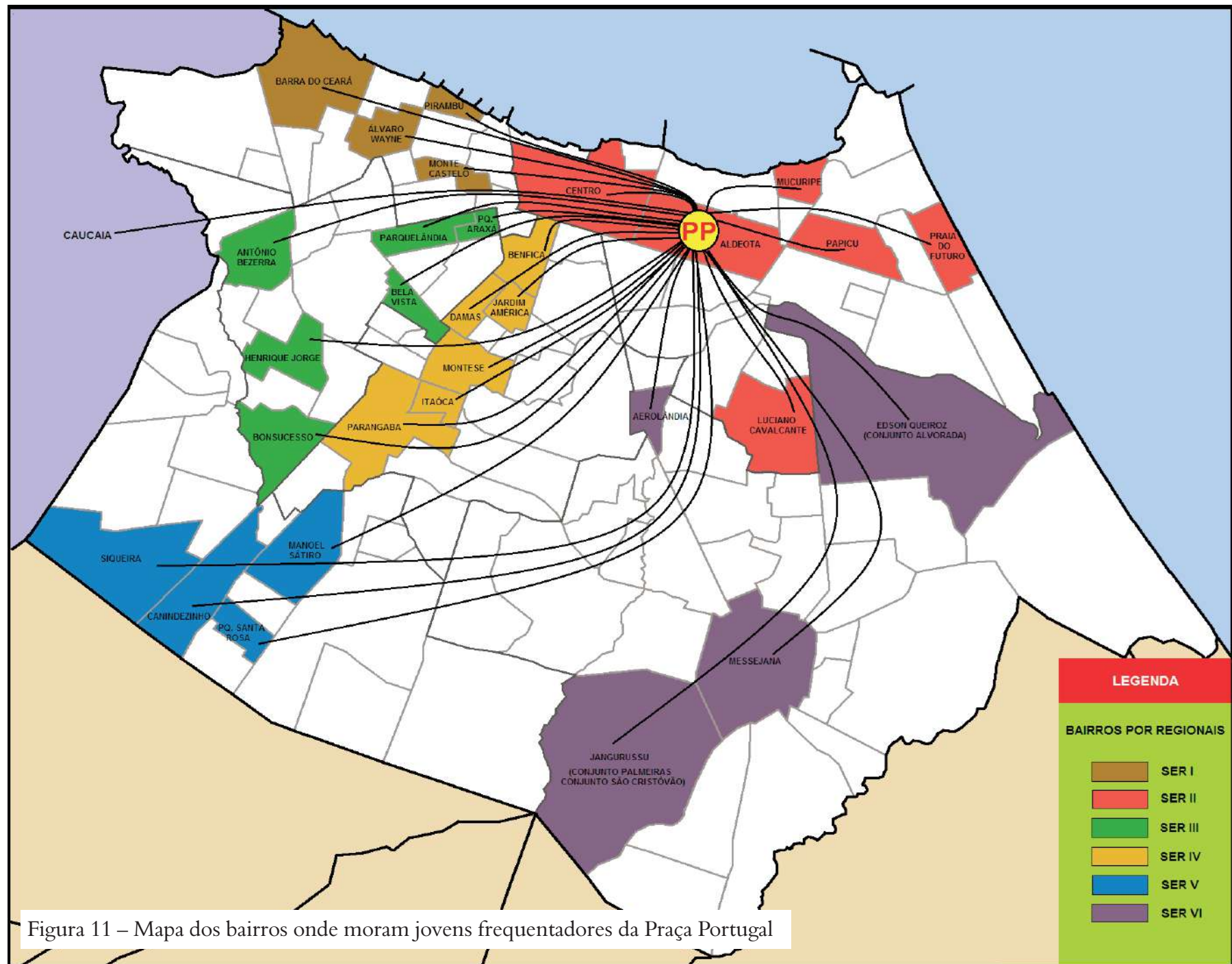


Figura 11 – Mapa dos bairros onde moram jovens frequentadores da Praça Portugal

Gênero e Sexualidades

Os estudos de Pais (2010) sobre a vida cotidiana no contexto urbano, com um recorte para as representações sociais no campo da sexualidade e as experiências juvenis, trazem o cotidiano como categoria de análise para o entendimento de mecanismos sociais articuladores da vida juvenil na cena urbana e suas representações sócio/sexuais. O cotidiano é entendido como:

o que se passa todos os dias: no cotidiano nada se passa que fuja a ordem da rotina, da monotonia. Então o cotidiano seria o que no dia-a-dia se passa quando nada parece passar [...] uma rota de conhecimento. Quer isto dizer que o cotidiano não é uma parcela isolável do social (PAIS, 2003b, p. 30-31)

O olhar sociológico do autor sobre a cotidianidade urbana – tomando como referência o que chama de “uma temporalidade de longa duração” – busca captar diversas e novas configurações adquiridas pelas cidades modernas. No intuito de justificar o estudo da cidade, a partir da “sociologia da vida cotidiana”, Pais (2010) argumenta ser possível uma leitura das cidades através de algumas banalidades de seu cotidiano. Para ele, “a essência da cotidianidade constitui-se a partir de tudo o que se dá por suposto, mas cujo significado excede a realidade suposta. Daí a razão de ser de uma sociologia da vida cotidiana” (PAIS, 2010, p. 44).

Esse olhar sobre o significado do cotidiano capta no cenário urbano as representações sociais e, entre elas, aquelas

sobre a sexualidade e masculinidade²¹. Convencido da supremacia sensorial da imagem, do “dar nas vistas”, Pais observa que muitos dos nossos comportamentos quotidianos encontram-se subordinados ao poder da vista em contraponto com o anonimato que caracteriza o viver urbano. Assim,

A excentricidade de muitos transeuntes da cidade – em particular os jovens – é prova de que há um claro propósito em “dar nas vistas”. A visão é o sentido de reciprocidade mais imediata. É através da imagem que se geram os mecanismos mais inconscientes de identificação. Essa realidade não pode passar despercebida aos cientistas sociais (PAIS, 2010, p. 33).

O autor observa que os trânsitos urbanos, os movimentos da Cidade e seus mecanismos visuais de comunicação, estão repletos por “retóricas que libertam imaginários, reproduzem estereótipos, reafirmam códigos de conduta” (PAIS, 2010, p. 46), inclusive aqueles relacionados à sexualidade, às questões de gênero e à afirmação da masculinidade hegemônica. Como exemplo, menciona os imaginários sociais difundidos nas mensagens de circulação rodoviária das grandes cidades, onde se destacam as representações estereotipadas da masculinidade em uma relação de conflito da sexualidade com a realização dos desejos:

Em muitos autocolantes a sexualidade fiscaliza e confisca os segredos do desejo e vice-versa. O desejo aparece reduzido a uma necessidade

²¹ Aprofundo essa questão no livro “Levados por Anjos: modos de vida, educação e sexualidades juvenis”, ao analisar as experiências de gênero e sexualidades vividas pelo(a)s jovens sujeitos desta pesquisa.

classificada, estereotipada, provavelmente satisfeita enquanto tal. Ou, se quisermos, os imaginários sociais repousam em representações reveladoras de desejo. [...] O que alimenta o desejo é a força do imaginário. Daí podermos falar de uma quotidianidade que não impede o imaginário onde o desejo aparece como objeto de simulação. [...] Alguns autocolantes cumprem essa função ao suscitarem a sobrevivência quotidiana do imaginário, independentemente das condições reais de satisfação dos desejos. O importante é que o desejo subsista ainda que de forma fictícia. O mesmo se pode dizer da masculinidade que, aliás, recorre a qualquer subterfúgio para se afirmar. (PAIS, 2010, p. 44 - 45).

Esse empreendimento visual de redução ou classificação do desejo e de afirmação da masculinidade hegemônica, observado por Pais (2010), nos autocolantes urbanos, faz parte da construção social de afirmação da heterossexualidade compulsória²² e das hierarquias sexuais pautadas no binarismo de gêneros e na orientação sexual. No entanto, as expressões da sexualidade, elaboradas pelos jovens em espaços públicos da Cidade, demonstram um rico potencial de resignificação do desejo, em certa medida, subvertendo essa lógica e trazendo à cena urbana, outras possibilidades de experiências afetivo/sexuais, que têm como demarcador temporal a imersão em uma outra cidade, aquela, até então, desconhecida, denominada, metaforicamente,

²² Butler (2003) denomina de heteronormatividade compulsória o entendimento da heterossexualidade como possibilidade única para a vivência da sexualidade, de modo que se torna bastante difícil aos sujeitos compreenderem e reconhecerem a existência de outras possibilidades.

neste trabalho, de “*cidade dos anjos*”.

Essas experiências da descoberta e da vida na “*cidade dos anjos*” são mobilizadas sob interações entre pares (jovem/jovem), mas permeadas por marcadores de identificações juvenis diversos, onde modos de vida e sexualidades juvenis se entrecruzam na elaboração de códigos de marcações estéticas e performáticas do corpo.

Conforme podemos observar nos percursos juvenis apresentados, cada jovem, a partir da subjetividade de suas identificações e modos de vida, conduz seus percursos por trilhas próprias e, mesmo que por lugares e espaços similares, elaboram itinerários singulares, por práticas e fazeres de acordo com as identificações que se processam com o caráter de descoberta e aproximação do desconhecido. É esse desconhecido que lhes oferece a possibilidade da escolha, da experimentação, do cruzar de fronteiras, do rompimento com o instituído, pois é nele que paira o campo da mudança, de passar disso para aquilo, de ser ou estar isso e aquilo simultaneamente. É nele que mora a possibilidade de reconstruir-se ou encontrar-se, como preferem alguns.

O que Tittyz (16 anos), Hirley (19 anos), Ana (17 anos), De Menor (23 anos), Ângelo (19 anos), Digo (21 anos), Tchuco (18 anos) e Beto (18 anos) nos trazem são possibilidades múltiplas de imersão na cidade desconhecida, onde cada um, de maneira e por caminhos singulares, elabora leituras próprias da Cidade, da sexualidade e da vida. Seus percursos, dos mais semelhantes aos mais diferentes, trazem similaridades que vão se diferenciando em matizes elaboradas por suas particularidades, escolhas e pelos significados que lhes atribuem.

Os mapas afetivo/sexuais têm em comum os espaços de

sociabilidade entre pares, pois foram eles os referenciais que me levaram ao encontro com esses jovens. No entanto, na contramão do cartesianismo das instituições de formação da juventude, os espaços por eles ocupados - as praças - são tomados por uma multiplicidade de significados, pois são espaços de aglutinação de jovens que, na busca da originalidade, mobilizam-se e/ou experienciam (em meio a) diferentes modos de vida e sexualidades.

Em 22 de janeiro de 2012, realizei na Praça Portugal um levantamento, mapeando os bairros onde moravam oitenta e três jovens presentes, assim como os identificando pelo gênero biológico. Este levantamento (Ver figura 11)²³, confirma minhas observações do campo, de que os trânsitos juvenis pela Cidade estão

²³ Hoje, vim pra PP às 19hs. Há poucos jovens, cerca de duzentos. No caminho encontrei Ângelo (19 anos). Estava na parada de ônibus. Ofereci carona e ele aceitou. Ele veio me falando que a galera vai toda para o SANA que vai ocorrer no fim de semana que vem. [...] Quando cheguei à PP havia poucos jovens. [...] Logo percebi que o assunto da noite era o SANA, então resolvi, de improviso, aproveitar o interesse dos jovens pelo SANA a favor da pesquisa. Uma coisa que havia pensado durante a elaboração dos mapas dos entrevistados era a possibilidade de fazer um levantamento, em uma noite, na PP ou no DM, dos locais (bairros) e onde moram os jovens. Aproveitei o interesse deles pelo SANA para colher essa informação. Para isso, sabia que necessitaria de ajuda de jovens com boa articulação na PP e que já soubessem da pesquisa. O Tchuco (18 anos) estava dentro desse perfil. Combinei com Tchuco (18 anos) que ele divulgaria entre os jovens que estavam na PP que haveria um sorteio de duas entradas do SANA. Enquanto isso, eu preparava a relação numérica em 02 folhas (havia levado um caderno no carro e algumas canetas). Para participar do sorteio das entradas, os jovens colocavam o nome na lista e ao lado, o bairro onde moravam. Os jovens ficaram eufóricos e Tchuco (18 anos) logo organizou 02 filas. Alguns perguntaram o porquê de eu estar sorteando as entradas do SANA. Explicava que estava fazendo uma pesquisa e queria saber de onde eles vinham, onde moravam. Pedi, também, à Ana e a Hirley (19 anos) que circulassem na praça colhendo a participação dos jovens no sorteio. Depois de uma hora, 83 jovens estavam inscritos no sorteio. O sorteio foi realizado e repassei o dinheiro referente às entradas aos jovens sorteados (Diário de Campo, 22 de Janeiro de 2012).

permeados por assimetrias de gênero, uma vez que dos 83 jovens, 54 eram do sexo masculino e apenas 29 do sexo feminino. A priori, o maior quantitativo de jovens garotos nas praças (especialmente na PP) induzia-me a inferir que para os garotos, o trânsito se faz com maior permissividade dos pais. Ao adentrar as dinâmicas de sociabilidades nas praças, essa assimetria se vê novamente demarcada, especialmente, quando tratamos da sexualidade. Para as garotas, muitas vezes, esse trânsito é feito clandestinamente, assim como o empreendimento estético e performático dos estilos juvenis que se limitam à experiência da praça.

As questões de gênero e sexualidade, em fusão com uma diversidade de estilos juvenis, demarcam modos de vidas específicos (gostos, práticas) e são negociados na dinâmica cotidiana desses espaços, onde semelhanças e diferenças elaboram interações de aproximações e distanciamentos por meio da elaboração de grupalidades e interações afetivas juvenis que tomar marcadores (simbólicos e materiais) como referentes para identificações juvenis.

Essas descobertas da sexualidade caminham simultaneamente com a descoberta da cidade ainda desconhecida, que significa a descoberta da vida para além do bairro de morada e dos espaços de formação juvenil tradicionais (a casa, a escola, a igreja). Um transitar geográfico caracterizado pelo fluxo, pelo movimento pendular (bairro de morada/espços de interações/bairro de morada). A mobilidade geográfica – sair do bairro – assume aqui um significado importante, o de caminhar com os próprios pés, de guiar seus rumos, de conduzir e definir suas escolhas, mesmo quando estas se fazem em ponderação com os

saberes e valores já apreendidos no decorrer da vida. Esse trânsito pela “*cidade dos anjos*”, para alguns, os situa em um campo de autonomia, que tem como referencial a sensação de “liberdade”, de “independência”, dos tradicionais mecanismos de proteção, fiscalização e controle, especialmente, no que diz respeito à sexualidade. É também um movimento de aventura, de imersão em outros territórios; no desconhecido que permeia e provoca sentimentos e sensações de perigo, medo, aventura, prazer. É nesse desprendimento – geográfico e cultural – que esses jovens se veem “rebeldes”, pela conquista da condição de sujeito social dos caminhos traçados; por tomar (ou conquistar) para si as possibilidades de escolhas da vida.

A Homossexualidade em Circuitos de Misturas

Em estudo sobre a sociabilidade de jovens homossexuais na cidade de São Paulo, Silva (2009) identifica os processos educativos de aprendizagem, vividos por jovens homossexuais nos espaços públicos urbanos como contribuidores para que os sujeitos recolham elementos para a formação de seu caráter no exercício da própria interação social. Assim,

[...] a vivência e a prática dos jovens

homossexuais nas ruas têm contribuído para educá-los de maneira informal nos assuntos que permeiam a homossexualidade, oferecendo subsídios para a formação de suas identidades, personalidades, aprendizagem sobre as relações sociais e compreensão sobre os mecanismos que regulam a sociedade, contribuindo para a interpretação social, oferecendo ferramentas para a constituição de autonomia e influenciando nas escolhas pessoais e trajetórias de vida (SILVA, 2009, p. 21).

No contexto das interações aqui estudadas, as experiências juvenis nas ruas assumem um caráter de experiência formativa para além das questões relacionadas à homossexualidade e se estendem a todos os jovens, sem restrições de orientação sexual. Sua abrangência toma aqueles que da cidade se apropriam e fazem dela espaço de interações e vivências coletivas.

Em uma contextualização focada nas questões sociais acerca da diversidade de orientação sexual, talvez o aspecto experiencial mais educativo esteja na sociabilidade, no convívio com as diferenças humanas, por meio da aproximação sensorial, com múltiplas possibilidades de viver a sexualidade. Essa convivialidade abre possibilidades educativas de desconstrução de estereótipos e preconceitos ainda solidificados e reproduzidos pela “pedagogia da sexualidade” (LOURO, 2001) vigente e hegemônica.

Como pano de fundo desse cenário, esses processos educativos encontram-se atravessados pelas expressões de gênero e pelas “verdades” sobre a sexualidade num confronto entre as “macroestruturas” e as interações juvenis na vida social cotidiana da cidade. Um processo educativo amplo, que ocorre no cotidiano das relações sociais, quando os sujeitos se fazem uns aos outros,

com os elementos culturais a que têm acesso, num diálogo constante com os elementos e com as estruturas sociais onde se inserem e as suas contradições (DAYRELL, 2007).

Quanto a sociabilidade juvenil que toma a orientação sexual como demarcador identitário, os jovens homossexuais desta pesquisa rompem com a noção de “região moral” trazida por Park (1979) e, tradicionalmente, atribuída à sociabilidade homossexual, pois transitam por circuitos fora dos “guetos” ou do “mercado homossexual”, circuitos que, apropriando-me do termo dos jovens, chamaria de “circuitos de misturas”. No âmbito da sexualidade, o circuito de misturas se constituiria a despeito da popular expressão “mundo gay”²⁴, no entanto, os circuitos dos jovens levados por anjos não se colocam como espaços de conformidade com as normas hegemônicas sociais. Seriam “regiões morais” quando observamos a disparidade (ou incompatibilidade) dos modos de vida juvenis (para além da sexualidade), vistas pelos “outros” como demoníacos.

Nesse sentido, essa sociabilidade de jovens LGB, fora dos guetos homossexuais, anuncia novas formas de ocupação da cidade e de experiências relacionais, mesmo que essas se façam sob interações ainda condicionadas a demarcações de relações afetivo-sexuais que têm a orientação sexual como referencial determinante. Para Perlongher (1987), a relação gueto (homossexual)/região moral resulta em consequências tanto para a “paisagem urbana” quanto para a “passagem” relacional. Um circuito que se constitui também em um espaço/tempo limitado, comprimido pela dimensão etária e/ou de classe, fadado a uma

“passagem” da vida: a juventude. Essa sociabilidade das “misturas” de orientação sexual abre campos relacionais com as diferenças – de estilo, de orientação sexual, de territorialidades – e é esse campo o foco do olhar desta pesquisa.

Circuitos Educativos

O circuito de misturas deve ser entendido como um campo, ou na expressão de Dayrell (2007a), um “processo educativo amplo” no qual a cidade - e aqui, a cidade de Fortaleza - aparece enquanto espaço de sociabilidade, de rupturas com as determinações relacionais instituídas, sobretudo, como *locus* de práticas educativas juvenis em sua diversidade e potencial de (res)significações. Assim, seus pertencimentos sociais e seus campos de interação e ocupação do espaço urbano, são questões essenciais “que traduzem diversas formas de viver, conceber e imaginar o tecido social e o uso do espaço”, acenando “para novas mobilidades da sociabilidade juvenil” (SPOSITO, 1994, p. 167). Seguindo mesmo raciocínio, Carrano (2003, p. 06) observa que

as ruas, transformadas em espaços de sociabilidade cidadã podem ser, ao mesmo tempo, educativas e culturalmente públicas. O reconhecimento exclusivo ao privado pode ser tão prejudicial quanto à exposição aos perigos das ruas. A perda da cultura pública, no quadro de privatização das práticas sociais, leva ao desconhecimento do próprio sentido de cidade.

²⁴ Expressão popularmente utilizada para referir-se a espaços de lazer e sociabilidade voltados a LGBT: saunas, cinemas pornôs, bares, boates etc.

O potencial educativo da cidade é composto de uma pluralidade de práticas “que não se conforma apenas em espaços fixados, mas que traçam os fios de suas redes na totalidade do urbano” (CARRANO, s/d), de modo que é necessário reconhecer o caráter “nômade e não fixado da educação”. Para ele, esse valor educativo das relações na cidade, é orientado pela experiência ou não da vivência pública da rua. Seu potencial educativo “corresponde tanto ao que se refere à oferta e à organização das estruturas sociais e culturais urbanas, como quanto à quantidade e a qualidade dos relacionamentos que os sujeitos estabelecem” (CARRANO, s/d).

Nesse contexto, as ruas, as praças, os bairros e suas possibilidades múltiplas de apropriações e representações por juvenis, são olhados pela ótica das práticas educativas vividas na sociabilidade dos grupos, das amizades, do lazer. Poderíamos pensar a “*cidade dos anjos*”, como *locus* de espaços/tempos do hedonismo juvenil, um campo de fuga do cotidiano do bairro, um “modo de vida escapatório”, como afirma Ferreira (2008). Noutras palavras, “não estariam propriamente posicionados a favor ou contra as instituições, mas definindo outros lugares por onde “escapar”, confiando menos nas instituições oficiais e mais em mecanismos próprios de auto-organização” (BORELLI, ROCHA; OLIVEIRA, 2009).

Ainda mais, vejo-a como uma tática juvenil de busca por outras possibilidades de vida, de procura pelo que ainda não se conhece, pelo que ainda não se experienciou. A busca pelo outro, o outro jovem, a outra cidade, que traz consigo novas e inusitadas possibilidades de também encontrar-se. Essa busca, que se legitima pelo campo da afetividade, especialmente, a amizade, viabiliza-

se por um deslocamento territorial onde as dimensões sociais público/privado se confundem, se entrecruzam. Isso porque pensaríamos as praças como espaços públicos da coletividade, territórios de exposição, de “dar nas vistas” como afirma Pais (2010). Para Carrano (2001), “os jovens que fazem da rua um lugar de encontro e sociabilidade expressam a possibilidade de recuperação do sentido público e educativo da rua, numa implícita condenação ao recolhimento à sociabilidade exclusiva dos espaços privados”.

No entanto, para alguns jovens desta pesquisa, essa publicização de modos de vida e da sexualidade juvenil nas praças se faz exclusivamente no distanciamento da casa, do bairro, de certa maneira, por uma experiência pública de anonimato. Penso isso, porque para alguns, o visual *dark* da jovem *roqueira* – as meias-tarrafas com furos, botas de coturno e maquiagem em cores fortes – só existe no contexto da praça, entre a primeira e a última ida ao banheiro do DM. O garoto que desfila de mãos dadas com o namorado ou “ficante” pelos corredores do DM e na rotatória da PP continua a manter em sigilo, no âmbito familiar e do bairro, sua orientação sexual. As praças seriam, então, para esses jovens, o espaço público de vivência do “privado”, do não permitido na convivialidade dos demais espaços da vida, de forma que o dualismo público/privado se confunde, se “mistura” nas experiências citadinas juvenis.

Vale lembrar que assim como os jovens, seus percursos e processos educativos não são homogêneos, lineares, pois permeiam por subjetividades e individualidades da vida de cada sujeito. As experiências nas praças e a imersão na *cidade dos anjos* é para cada jovem um reflexo de um caminho que se faz

coletivamente, mas que se experiencia com uma singularidade incontestável. Se seus circuitos, práticas e saberes se fazem pelas particularidades de suas identificações, seus aprendizados também tomam caminhos singulares. Isso porque, ao contrário do que possa parecer, o hedonismo juvenil experienciado não anula nem se faz sem vinculações sociais, morais e culturais com as demais experiências vividas nos demais espaços de formação juvenil. Elas estão intrinsecamente misturadas a construir campos de diálogos, de reflexividade, de conflitos e tensões nos quais vão se (re)elaborando e se descobrindo sob múltiplas possibilidades.

Transitar pela “*cidade dos anjos*”, apesar do aparente despreendimento do vivido fora dela, não é emergir em uma vida paralela, pois não se anula as experiências vividas até então e não se apaga os saberes adquiridos nos demais espaços de formação. O que separa a vida no bairro, na escola, na igreja, na casa, da vida nas praças, para além da dimensão territorial, são as diferenças socioculturais empreendidas nas circunstâncias e nas dinâmicas do vivido. Habitar na “*cidade dos anjos*” nesses oito meses foi descobri-la plural, em movimento, pelo fluxo singular de cada anjo, no transitar por tempos e espaços de “*misturas*” entre grupos, estilos e “*galeras*” juvenis. Para isso, foi indispensável o exercício da disponibilidade ao encontro com suas diferenças, com seus conflitos e contradições. Um encontro com a Cidade ainda não conhecida. Somente assim, foi possível descobri-los e (re)inventá-los.

Para esses jovens, a “*cidade dos anjos*” é o *locus* de (re) construir espaços e dinâmicas educativos a partir da experiência do encontro sob “*misturas*” (de modos de vida e sexualidade juvenis) e diferenças, questionando “verdades” e saberes normativos e hegemônicos, apesar de, entrelaçado a esses questionamentos,

por vezes os reproduzem. É nesse limiar de paradoxos que esses jovens fazem do cotidiano na (e com a) Cidade um espaço/tempo de formação no encontro com o outro. Sendo, portanto, no cotidiano dessa(s) cidade(s), na mistura delas, que se fazem anjos de si.



Parte IV

- O "Grande Encontro":
- O Santa Fest em imagens e notas etnográficas

O Sana Fest: o primeiro dia

Combinei com o Hirley (pelo telefone) de irmos juntos ao Sana. Minha intenção era acompanhá-los do início ao fim de casa ao Centro de Convenções e vice-versa. Marcamos de sair às 8hs da manhã e ele me ligou 7:50. Nos encontramos no terminal de Messejana às 8:15. Hirley, Ana e Matheus já estavam na fila do ônibus “Grande Circular I”. Estavam todos bem produzidos: de Blusas com desenhos de anime, Matheus com uma calça bem apertada e Hirley com um tênis novo (All Star azul). Na fila, aproveitavam pra conversar sobre outras coisas. Ana falava que este ano vai estudar em um colégio na Aldeota, “próximo da PP”. Reclamava da distância e da relação com a mãe, que a proibiu de usar a internet durante um mês. Havia outros jovens na fila que pareciam também ir ao Sana (digo isso por conta do visual). O ônibus chegou e nós 04 fomos em pé.

Durante o percurso, uma garota escutava Rock Pop no celular e Hirley acompanhava cantando as músicas. No ônibus, na minha frente, também em pé, vinha uma trans (bem bonita). A priori, não percebi que se tratava de uma travesti e pela maquiagem e roupa – um vestido colado e curto – pensei ser uma profissional do sexo, mas Matheus chegou até mim e disse cochichando: “É homem!”. Ana vinha conversando com Matheus sobre uma prima e uma amiga que se “diziam ser hetero” e “viraram lésbicas ou bi”. Dizia que sempre desconfiou e que elas se “faziam de mulherzinha pra disfarçar”. Durante o percurso, entraram outros jovens no ônibus. Era 9hs quando chegamos e 13 jovens desceram rumo ao centro de convenções. Logo na calçada da UNIFOR eles já encontravam amigos e era uma festa a cada encontro: abraços apertados, gritos, beijos... A fila pra entrar estava imensa, quase dando volta ao CC. Os meninos deram logo um jeito de furar ficando junto a 04 amigas (02 lésbicas e 02 hetero). Elas estavam produzidas, usavam maquiagem e roupas bem sensuais: saias curtas e rodadas, meia-calça de tarrafa.

Na fila, os meninos comentavam sobre a possibilidade de ficar com alguém no Sana. Hirley disse que nunca havia ficado com ninguém em outras edições do evento. Ainda na fila, alguns meninos da galera do DNA circulavam próximo. Depois de uns 10 minutos na fila e no sol, conseguimos entrar. Logo na entrada, os seguranças colocavam pulseiras e revistavam as mochilas (que eram muitas). No primeiro salão havia uma espécie de feira com stands vendendo produtos que fazem referência às indumentárias de várias tribus: rock, punks, animes. Há muitos produtos relacionados à cultura japonesa. Mesmo assim, há jovens de várias tribus no evento:

FIGURA 12: Jovens garotas no SANA



FIGURA 13: SANA – Produtos à venda (Centro de Convenções de Fortaleza)

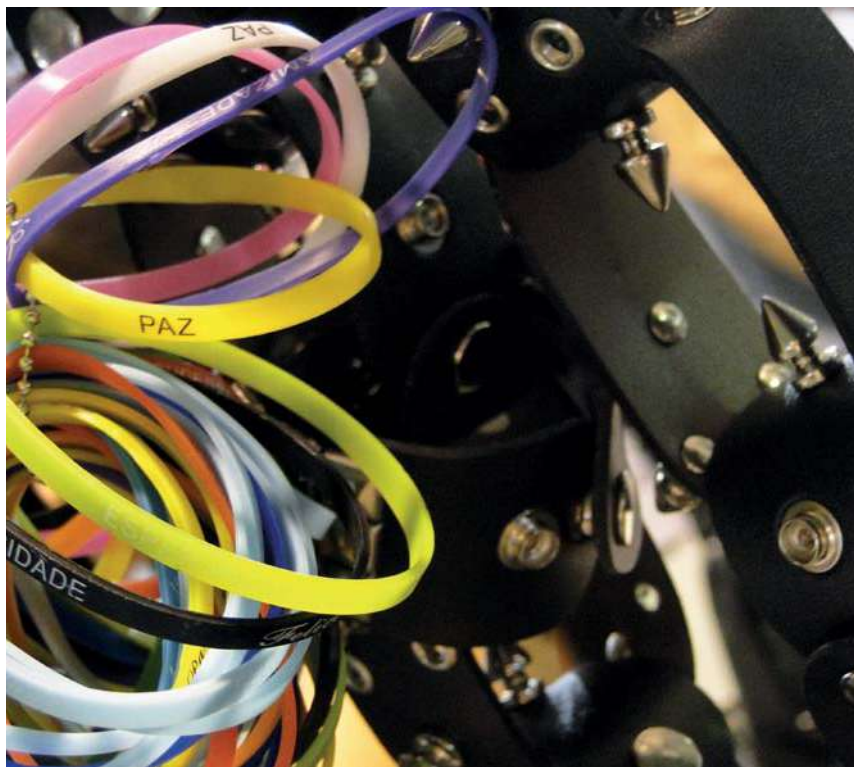


FIGURA 14: Acessórios de Roqueiros e Punks a venda no SANA



FIGURA 15: Acessórios de otakus a venda no SANA



Os meninos passaram primeiro por todos os stands olhando os produtos, comprando algumas coisas. Os chapéus de animes, os botos, os bonecos de pelúcia logo começaram a circular pelo Centro de Convenções (CC) a inserir-se nas indumentárias dos jovens. Procuo reconhecer os jovens da PP e do DM entre os que circulam no CC, mas são muitos!!! No salão que segue há uma série de entretenimentos: - Um palco onde ocorre sorteio de camisas e espadas, e de onde os organizadores divulgam o que está acontecendo e o que vai acontecer. No centro do salão 02 bonecos sobre um palco, em tamanho natural, chamam atenção de quem entra. É o Wolverine e o Huck em posição de combate, como se estivessem duelando. Há no mesmo salão, 03 ilhas de computadores com jogos de game e uma

ilha daquela dança que a pessoa imita os bonecos no PC (a que a exotica levava pra PP). Há também stands de lojas. Depois de visitar os stands do primeiro salão, os meninos foram ao salão de jogos e passaram quase toda a manhã e parte da tarde, dançando, isto é, o Hirley e o Matheus (especialmente o Hirley). Ana disse não saber dançar. Procuo ficar acompanhando os 03 um pouco de longe. Sei que se eu me afastar muito, os perco de vista.

A fila pra entrar no CC fica extensa por umas 02 horas. Além dos 02 salões, há outras salas menores específicas para jogos como vídeo games, aqueles jogos em que as pessoas são personagens etc. Há espaços destinados a palestras de dubladores, escritores de animes, ilustradores etc... Tem horário pra tudo, mas não vi nenhuma programação. Em uma outra sala há exposição de revistas em quadrinhos e miniaturas de bonecos de personagens. Em algumas salas ocorrem oficinas diversas relacionadas à cultura anime. Os meninos que acompanho dão prioridade à dança. No auditório fica acontecendo atrações: lutas (que parece vale tudo e acontece em um ring) e também entrevistas com dubladores de desenhos. Fiquei impressionado com a quantidade de jovens assistindo à entrevista e participando, fazendo perguntas. Em um galpão imenso há um salão onde fica DJ tocando dance, uma espécie de tenda. No mesmo salão, ao fundo, há um touro mecânico e um espaço destinado a uma luta, a qual nunca tinha visto antes. As pessoas lutam, um contra o outro, com uma espécie de raquete nas mãos.

Rapidamente o Centro de Convenções estava lotado de jovens e logo começa a aparecer os personagens, ou seja, os jovens caracterizados como personagens: os cosplays (pessoas que se fantasiam de personagens de games, de quadrinhos, de desenhos animados, principalmente japoneses). Os personagens ultrapassam a cultura japonesa. Aí percebi que estar no SANA é estar em um mundo de fantasias, de super-heróis e vilões. São eles as atrações principais, ficam espalhados pelos salões a pousarem como

artistas para os demais jovens que se encantam. Quanto aos personagens japoneses, não os conheço, mas o estilo das roupas é inconfundível. Do pouco que vi e sei sobre animes (cultura japonesa), sei que exploram o mundo dos super-heróis e falam sobre batalhas entre o bem e o mal, e os mangás são essas histórias descritas em quadrinhos. Há também os desenhos animados e as séries para a TV. Foi possível encontrar personagens diversos, seja dos mangás, dos demais desenhos animados, seja da TV: - Jack Sparrow (Piratas do Caribe) - Batman - Mulher Maravilha - Mulher gato - Wolverine - Hulk - Homem Aranha - Flex - Homem de Lata - Hera Venenosa - Chapeuzinho Vermelho e outros... Quanto aos personagens dos mangás (japoneses), eram muitos, e eu não conheço nenhum. O que pude observar, pela indumentária é que, na maioria, trata-se de guerreiros. Geralmente, usam armas. Para as fotos, faziam posições de combate, tanto os masculinos quanto os femininos. Pude observar também o quanto os mangás exploram a sensualidade feminina. Fica perceptível nas roupas dos cosplays, nas miniaturas dos mangás (nas bonecas expostas e a venda nos stands e nas expostas na exposição).

A indumentária dos personagens dos mangás parece (assemelha-se) muito com o estilo de alguns jovens, especialmente, as meninas, as que usam meia-calça (geralmente preta ou de cor escura), saias curtas e rodadas, espartilhos delineando os seios e a cintura. Por muitas vezes, as posições dos cosplays para as fotos faziam referência às questões de gênero importantes de serem observadas. Ressaltavam: - a força, a virilidade masculina; - a sensualidade, a exposição do corpo feminino. Digo isso, em virtude das expressões corporais (o corpo que fala) como diz Guacira Louro. Mesmo que, por muitas vezes, as personagens retratassem guerreiras a postar suas armas, num sinal de poder e força, as roupas sensuais explorando o erotismo, o corpo feminino, se destacavam.

FIGURA 16: Performance de grupo de Cosplay (SANA)



FIGURA 17: Grupo de Cosplay pousando para fotos (SANA)



FIGURA 18: Casal de Jovens Cosplay (SANA)



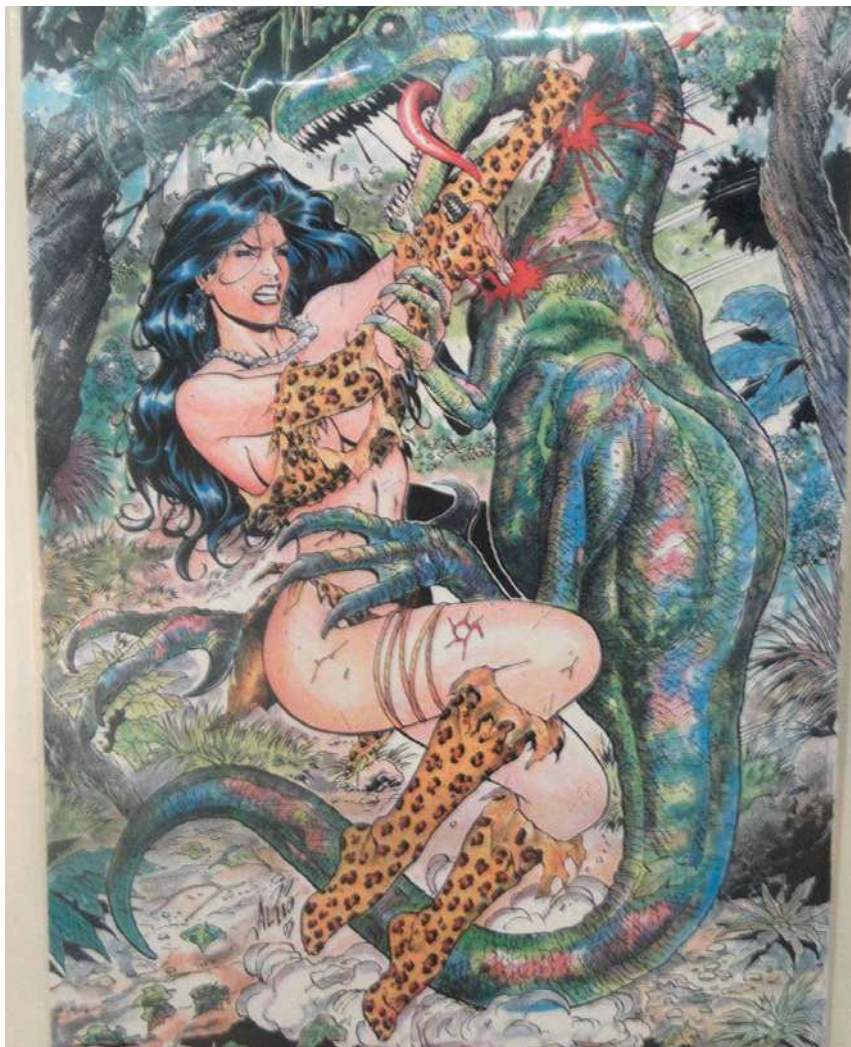
FIGURA 19: Boneca anime exposta a venda (SANA)



FIGURA 20: Performance de garota cosplay (SANA)



FIGURA 21: Gravura em exposição de revista em quadrinhos (SANA)



A exploração da sensualidade feminina não se restringe aos mangás. As revistas em quadrinhos, consideradas “clássicas”, também exploram essa sensualidade, reproduzindo um padrão de beleza: - seios grandes e túrgidos; - coxas grossas; - decotes mostrando o colo; - cabelos lisos; - sempre brancas; - pernas expostas. E sempre em posições sensuais, conforme as poses (para as fotos) dos cosplays.

Seguindo esse mesmo padrão, estavam 06 garotas que circulavam no salão de entretenimento, entre o palco e os stands de um dos patrocinadores do evento, a GRAGON. Eram 05 loiras e 01 morena. No primeiro dia usavam roupas iguais: um macacão colado ao corpo, bem curto (preto, com detalhes em laranja) e com um decote mostrando o colo. Nos braços, uma espécie de luva da mesma cor do macacão, mas não cobriam as mãos, iam do pulso ao antebraço. A cada vez que subiam no palco a gritaria dos garotos, eufóricos, era imensa. Quando desciam, distribuíam folder da Dragon e tiravam fotos com os garotos, eufóricos com a sensualidade e beleza das meninas. Por vezes, ficavam as 06 no stand a pousar para vários garotos e suas máquinas em busca do melhor ângulo. Elas pareciam, para alguns, a atração principal, pelo menos, naquele momento. Os mais corajosos iam ao stand tirar fotos junto às meninas. No segundo dia elas estavam lá novamente, agora fantasiadas de personagens: mulher maravilha, dama de copas, guerreira medieval. Todas usando botas abaixo do joelho, saias curtas e decotes valorizando o colo e, novamente, um arsenal de flexs a registrar a presença das heroínas dos quadrinhos.

Ainda no sábado, por volta das 12 horas, me perdi de Hirley, Matheus e Ana, então fui assistir a uma luta que acontecia no teatro. Um ring estava armado no centro do palco e o teatro estava quase lotado. Durante a luta, ao som dos gritos dos jovens a cada soco dos lutadores, fiquei a pensar sobre a agressividade desse tipo de esporte e o quanto esses esportes ainda são territórios restritos à masculinidade, isso porque o campeonato era só masculino, mas havia apenas 02 garotas no palco, uma loira e outra morena. A função delas era informar ao público o começo de cada round. Vestiam roupas iguais: um short jeans curto e uma camiseta branca de alça que terminava acima da barriga e abaixo dos seios. No início de cada round, uma delas atravessava o palco erguendo uma placa anunciando o round que começaria em seguida. Esse era o momento em que a plateia, composta quase exclusivamente por jovens e, em sua maioria homens, gritava e assoviava euforicamente. Acredito que o motivo não fosse o início do round, mas o modo como ele era informado. As garotas revezavam a apresentação.

Enquanto lanchava, do lado de fora, ao lado do CC, encontrei o pessoal da DNA que estavam nos jardins da UNIFOR. Uma turma de 15 jovens. Não haviam entrado ainda porque, segundo eles, nem todos tinham dinheiro para comprar os ingressos e só entrariam se a turma inteira entrasse. Não pareciam muito empolgados para entrar. Thuco, por exemplo, não demonstrava muito interesse. Alguns jovens da DNA já haviam entrado e Kennedy e Tânia estavam indignados porque eles não haviam arrumado pulseiras pro restante da turma entrar sem pagar. Fomos (os três) lanchar, ou seja, almoçar um lanche. Enquanto esperávamos, eles me contavam que chegaram as 9hs e Kennedy disse que Tânia percorreu a fila pedindo dinheiro pra comprar sua entrada. Disse que enquanto ela pedia moedas, alguns “caras” ficavam “dando encima”, ou olhando, “secando” e que ele ficava “irado”. Perguntei o porquê de somente ela pedir e ele respondeu que “a galera contribui mais quando é mulher... né!?”. Daí, tirou da mochila as moedas recolhidas. Mesmo assim, parte dos garotos da DNA que entraram no CC ficam saindo pra ficar junto aos demais que estão fora. (Percebo que para a maioria deles, estar fora com os outros seja mais interessante que entrar e não está junto à turma). De onde estou lanchando vejo a galera da DNA sentada em um banco, no chão e a circular, conversando com outros grupos que estão no mesmo local. O pessoal fica aqui fora no mesmo movimento da DM e da PP: bebendo, conversando, fumando... a transitar.

Voltei pra dentro do CC e reencontrei Hirley e Matheus e havia várias coisas acontecendo ao mesmo tempo. Em todos os ambientes havia muitos jovens. Algumas atividades são de interesse quase restrito dos garotos, como a sala de game, o campeonato de futebol digital (Seletiva Cearense), as arenas de jogos. Tive a impressão de que o Sana, em geral, é mais frequentado por garotos. Nesse percurso, encontrei um garoto amigo de Hirley e Matheus. Estava acompanhado de um amigo, andava com uma plaqueta com uma gravura de dois garotos se beijando, um anime, e sobre a gravura estava escrito: “Beijo yaoi Grátis” e embaixo da gravura “Só hoje!”. Perguntei o que queria dizer “yaoi” e ele respondeu: “É como se dissesse: “casal gay” ou “namoro gay”, é mais ou menos isso”. Eles usavam

roupas pretas. Ele com uma toca de anime e o amigo com uma toca preta. Ambos com ranja caindo sobre os olhos. Ele, com um blusão de moletom, manga longa, e o amigo com uma espécie de paletó, sem camisa por baixo e calça toda rasgada. Usa também uma gargantilha preta com metais pontiagudos. Segundo ele o amigo “não segura a placa porque é hetero”. Perguntei se ele já tinha beijado muito. Ele respondeu que não, porque “o Sana tava muito hetero”.

Continuo circulando pelos ambientes. No pavimento do primeiro andar há um grande cinema com três telões exibindo filmes de anime. Desço e encontro Hirley e Matheus. Já são 18 horas e 30 minutos e vamos para o DM. Pegamos o “Grande Circular I” em direção ao Terminal do Papicu. Ao chegar no terminal, o ônibus que pegaríamos pra ir ao DM já estava de saída. Hirley entrou correndo e Matheus ficou preso à porta do ônibus, que abriu novamente quando o ônibus já estava em movimento, eu fiquei. Estava cansado e preferi voltar pra casa e cheguei em casa por volta das 20 horas. Fazia um bom tempo que não atravessava a cidade de ônibus. É uma sensação diferente. Fica-se mais despreocupado com o percurso, afinal, tem-se a certeza de chegar ao destino. Será por isso que os garotos não têm muita noção territorial da cidade? Dos percursos? Dos locais (da geografia) por onde circulam? Vou dormir cedo. Amanhã tem mais Sana.

O Sana Fest: o segundo dia

No segundo dia do Sana, domingo, saí de casa as 9 horas e 30 minutos e fui só. Fiz o mesmo percurso do dia anterior. No terminal de Messejana já pude ver alguns gorros de animes (pokemon) circulando. Cheguei no CC por volta de 10 horas e 30 minutos. Antes de entrar encontrei a galera da DNA. Estavam no mesmo local de ontem. Encontrei Bruce (frequentador da PP e do DM) que continua com o moicano baixo. Disse que qualquer dia levanta novamente. Apesar do visual, que à primeira

vista pode parecer agressivo, pelo uso do topete com pontas para cima, de correntes e adereços típicos de Punks, Bruce transmite um ar amigável. Comigo foi sempre muito simpático. É diferente de Thuco, que insiste em manter uma postura mais agressiva, no modo de andar, na postura, na fala (tom de voz)... é a mesma história do corpo que fala... mas ambos vivem se envolvendo em confusão!!! Segundo alguns, Bruce se mete em confusão pra defender o pessoal da DM e da PP, o que faz dele, além de conhecido, uma pessoa querida. Será?

Há muitos jovens usando os gorros, as camisas, os botons que, provavelmente, compraram ontem ou acabaram de comprar. No banheiro masculino garotos trocando de blusa, a que veio pela que acabou de comprar. Hoje também há uma maior quantidade de cosplay. Fui ao teatro e lá continuava o campeonato de luta. Para minha surpresa havia uma juíza conduzindo a luta de homens e as duas moças continuavam a puxar aplausos e gritos a cada anúncio de round. Depois das lutas houve apresentações de um tipo de encenação de animes. Eram apresentações que priorizavam lutas e em algumas, mulheres lutavam contra homens. Como as coisas aconteciam simultaneamente não era possível ver tudo. Os jogos de dança pareciam os que mais tinham participação das meninas. No palco, onde havia danças japonesas, a grande maioria também era feminina, a dançar em grupo. No teatro também houve apresentações de Break. Não deu pra assistir, mas vi os garotos que dançam no observatório da DM circulando por lá. Era a turma do “Oxente Break”.

Fui novamente ao cinema e lá havia um casal de garotos abraçadinhos na última fila, em um local bem escuro. Só percebia quem estava à procura. Digo isso porque não havia presenciado no evento nenhuma manifestação livre de afetividade homoerótica. Parecia que não havia gays e nem lésbicas ali. Do outro lado também havia um casal de garotas. Elas pareciam mais à vontade. Chegaram a trocar beijos enquanto as observava de longe. Os meninos pegavam na mão, trocavam carícias, mas não beijavam. Vale lembrar que o local, apesar da meia luz, era constantemente vigiado pela organização do evento. Jovens com camisa da organização transitavam entre as cadeiras

com lanternas. A organização do evento parecia composta exclusivamente por jovens e eram muitos. Já era tarde e a organização anunciava o campeonato de dança. O apresentador (ou animador) chama a Tittyz pra conduzir o campeonato. (Tittyz foi a minha primeira entrevistada). Lá estava ela: calça jeans, camisa xadrez de botão com uma blusa preta por baixo. O cabelo agora está preto embaixo e rosa choque acima. Nos pés, tênis all star lilás. Usava pulseiras coloridas e segurava um pequeno caderno. Ela passou a conduzir o campeonato de dança e, de cima do palco, convocava os dançarinos pelo microfone, de lá, ela me vê e acena. Diz por meio de gestos que depois do campeonato quer tirar uma foto com a galera do free step que está próximo ao palco, se preparando para as apresentações. São os garotos que estão sempre nas tardes de sábado no DM. Parecem bastante empolgados e ensaiam os passos, conversam, se abraçam, parecem felizes e eufóricos. O campeonato começa e em frente ao palco um círculo se forma semelhante aos que vejo todos os sábados na DM. O campeonato mistura danças diversas: Break, Free Step e outros estilos que não conheço.

FIGURA 22: Grupo de Jovens dançarinos de Free Step (SANA)



Os jovens andam exibindo as placas e muitas vezes direcionando-as às pessoas que lhes interessam. Quanto às observações “só mulheres”, acredito que seja um indicativo de que os jovens reconhecem a presença de jovens gays no evento, apesar da invisibilidade da homossexualidade no Sana. Seria também uma afirmação da heterossexualidade? Não presenciei muitos abraços ou beijos em decorrência das placas, mas os jovens portando as placas chamam bastante atenção. As placas parecem funcionar como um pretexto para uma primeira aproximação em um tom de brincadeira.

FIGURA 24: Grupo garotos expondo placa



No decorrer do Sana os jovens vão ocupando os espaços diversos do CC. Aos poucos vão se acomodando no chão, encostados nas paredes para descansar, conversar ou lanchar. Em vários locais, as mochilas vão se amontoando pelos salões. Na raive, nos espaços livres, vários formam grupos sentados, a descansar e/ou namorar. As 18:30min. todos começam a

FIGURA 25: Grupo de Jovens dançarinos de Free Step (SANA)



direcionar-se pro show que ocorrerá no bloco G do CC. No percurso, três garotos seguem rumo ao show abraçados, da saída do Sana até a entrada do bloco G do CC. O gesto não tão comum em nossa sociedade. Quando se encontram, de demonstrarem afeto, carinho. Os meninos da DNA, alguns, beijam a cabeça uns dos outros. Sigo até a entrada do show e resolvo não entrar. Opto por ir à PP. Na parada de ônibus pego o “Grande Circular I” junto a jovens que também estavam no Sana. No ônibus, dois grupos de jovens que também vão à PP se encontraram. Vão, durante o percurso, conversando sobre o Sana e ouvindo música no celular. Durante a conversa vão descobrindo que têm colegas em comum. O ônibus chega à PP e ainda na Av. Dom Luís eu e 23 jovens descemos e vamos em direção à PP.



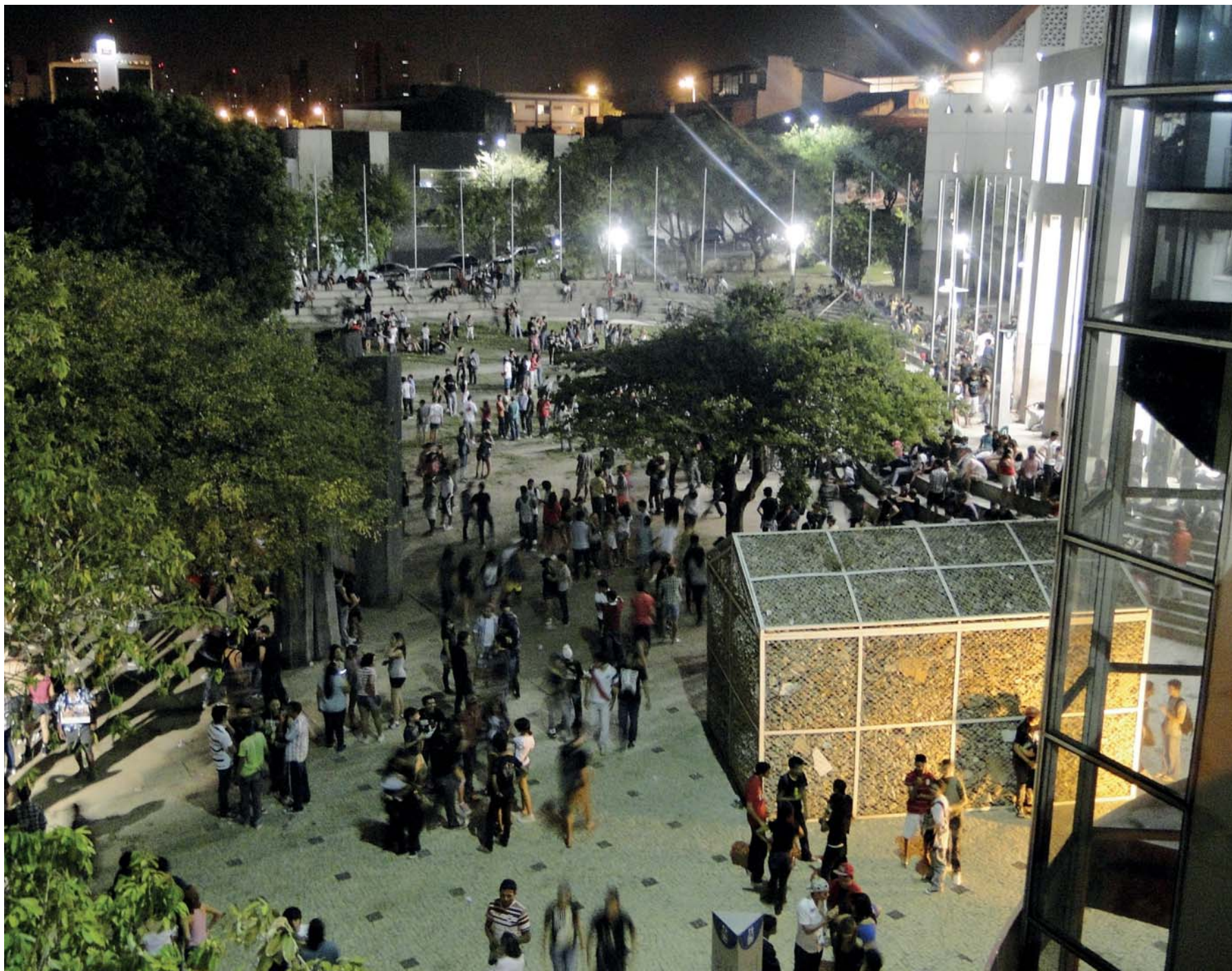


Parte V
Cores, Sombras
e Movimentos Juvenis





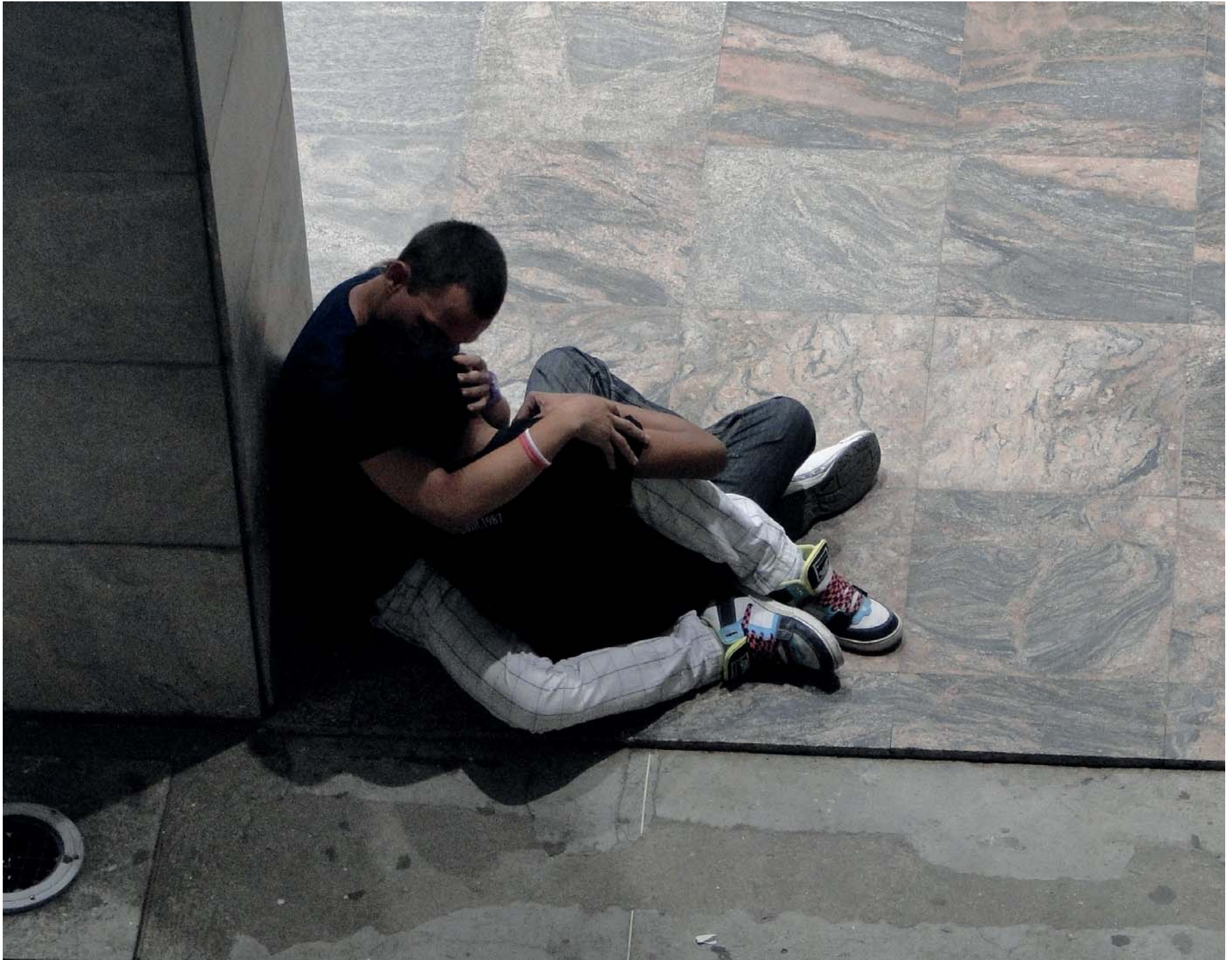






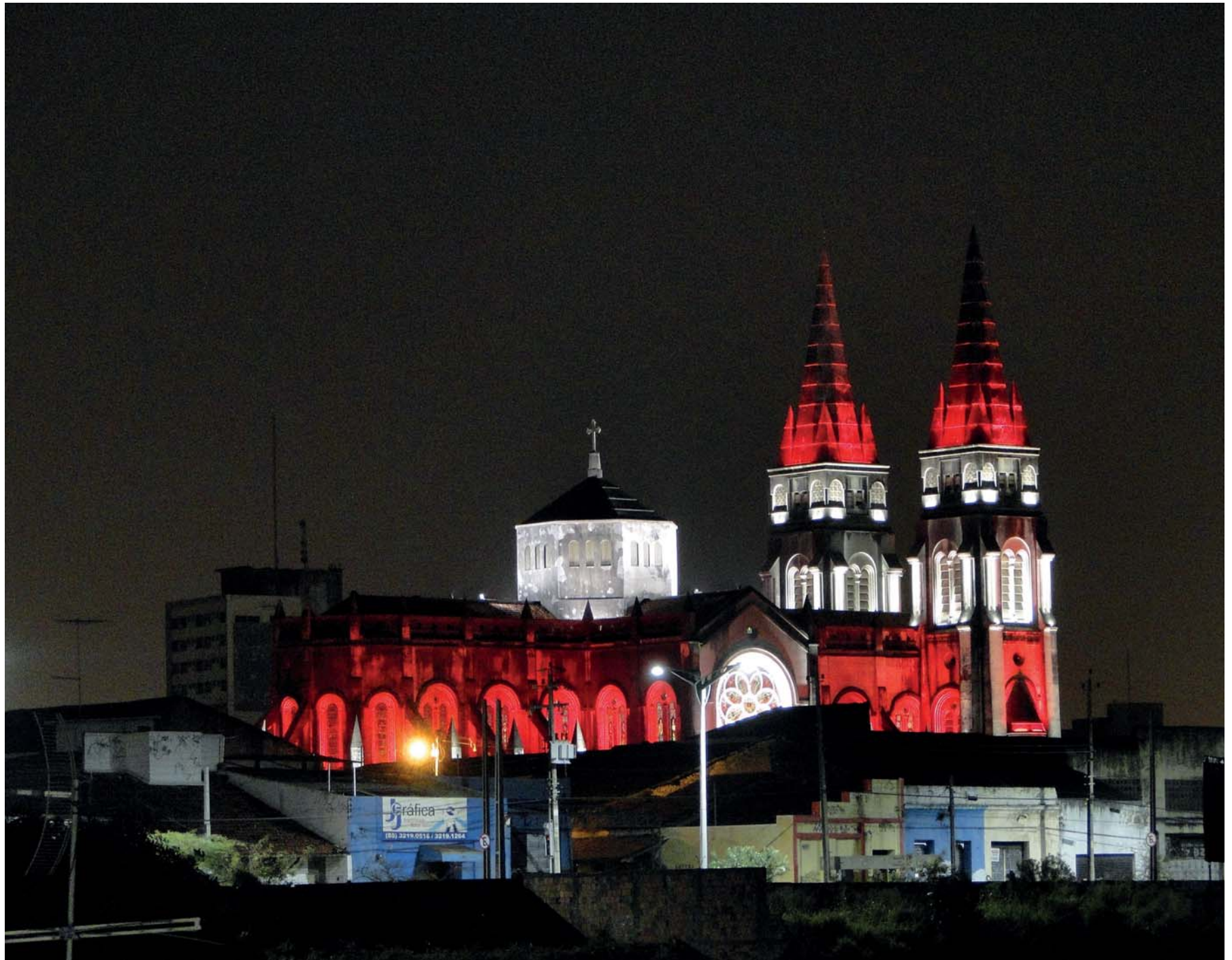








































Referências

AGIER, Michel. **Antropologia da Cidade**: lugares, situações, movimentos. Tradução de Graça Índias Cordeiro. Prefácio à edição brasileira de Graças Índias Cordeiro, Heitor Frúgoli Jr. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011 – (Antropologia Hoje).

BORELLI, Silva H. S.; ROCHA, Rose de Melo; OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. **Jovens na Cena Metropolitana**: Percepções, narrativas e modos de comunicação. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Jovens na Cidade. **Trabalho e Sociedade**, Rio de Janeiro, ano 1, nº. 1, 2001.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e Cidades Educadoras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Grupos da Juventude e Práticas Educativas na Cidade**. s/d.

DAMASCENO, Maria Nobre. A Construção de Categorias no Estudo da Práxis Educativa. In: **O caminho se faz ao caminhar**: elementos teóricos e práticos na pesquisa qualitativa/ Maria Nobre Damasceno e Celecina de Maria Veras Sales (Coordenadoras). Fortaleza: Editora UFC, 2005.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, nº 100, 2007.

FERREIRA, Vítor Sérgio Ferreira. **Marcas que Demarcam**: Tatuagem, body piercing e culturas juvenis Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

JOCA, Alexandre Martins. **Levados por Anjos: modos de vida, educação e sexualidades juvenis**. Editora. Imprima. Recife. 2015.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, vol. 17, nº 49, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os Circuitos dos Jovens Urbanos. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n 2, 2005.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como Prática e Experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129 – 156, jul./dez. 2009.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003a.

PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana:** enigmas e revelações. José Machado Pais. São Paulo: Cortez, 2003b.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda (Orgs.). **Culturas juvenis:** novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

PAIS, José Machado. Culturas de Grupos. In: MATOS Artur Teodoro de; LAGES, Mário Ferreira (coords.). **Portugal:** Percursos de Interculturalidade. 4 v. 2º v.: Contextos e dinâmicas/ João Peixoto [et al.], 2008.

PAIS, José Machado. **Lufa-Lufa Cotidiana:** Ensaio sobre a cidade, cultura e vida urbana. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2010.

PARK, Robert Ezra. A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.) **O Fenômeno Urbano.** Zahar Editores – Rio de Janeiro, 1979.

SALES, Celecina de Maria Veras. Pesquisa Qualitativa: cartografando novos percursos na produção do conhecimento. In: **O caminho se faz ao caminhar:** elementos teóricos e práticos na pesquisa qualitativa / Maria Nobre Damasceno e Celecina de Maria Veras Sales (Coordenadoras). Fortaleza: Editora UFC, 2005.

SILVA, Hamilton Harley de Carvalho. **Sociabilidades de Jovens Homossexuais nas Ruas de São Paulo:** Deslocamentos e Fronteiras. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, 2009.

Este livro é parte da tese “Levados por Anjos: modos de vida, educação e sexualidades juvenis”. Nela, investigo como gênero e sexualidade são acionados e (res)significados pelo(a)s jovens nas sociabilidades experienciadas em praças públicas de Fortaleza. Aqui, observo, numa perspectiva antropológica, a relação do(a)s jovens com a Cidade, com o “viver a cidade” (AGIER, 2011), por meio do estudo de seus percursos e circuitos de sociabilidades pelas ruas, praças e demais espaços citadinos de Fortaleza. Abordo os modos como se apropriam de espaços públicos e os ressignificam sob lógicas não convencionais, não hegemônicas, e vivenciam experiências afetivo-sexuais diversas, ao passo que vão se identificando com modos de vida alternativos, ou seja, com estilos, grupos, identidades (ou identificações) que, de certa maneira, o(a)s colocam à margem de valores e normas sociais.

ANJOS LEVADOS

Percursos e circuitos juvenis em tempos de misturas

ALEXANDRE MARTINS JOCA

ISBN: 978-65-87527-04-8



EDIÇÕES
AINPGP